



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:

**LITERATURA DE CORDEL – ORIGENS E PERSPECTIVAS
EDUCACIONAIS**

FRANCISCO PAIVA DAS NEVES

FORTALEZA – CE

JUNHO – 2018

FRANCISCO PAIVA DAS NEVES

**LITERATURA DE CORDEL – ORIGENS E PERSPECTIVAS
EDUCACIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Direção da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como pré-requisito obrigatório para a conclusão da Graduação em Pedagogia.

Francisco Paiva das Neves

TCC aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro (Orientador)
Faculdade de Educação – UFC

Prof. Dr. Stélio Torquato Lima (Examinador)
Curso de Letras/Depto. de Literatura – UFC

Prof^a. Dr^a Maria de Fátima Vasconcelos da Costa (Examinadora)
Faculdade de Educação – UFC

Prof^a. Dr^a. Ana Paula de Medeiros Ribeiro (Examinadora)
Faculdade de Educação – UFC

FORTALEZA – CE

JUNHO – 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- N4241 Neves, Francisco Paiva.
Literatura de Cordel : Origens e Perspectivas Educacionais / Francisco Paiva Neves. – 2018.
98 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Luiz Távora Furtado Ribeiro.
Coorientação: Prof. Dr. Stélio Torquato Lima.
1. Cordel. 2. Literatura Popular. 3. Letramento e Alfabetização. 4. Cordel na Escola. I. Título.
CDD 370
-

DEDICATÓRIA

À minha Flor da Serra, Fatinha Ferreira, pela dedicação, por acreditar no meu potencial, por ter me dado forças quando eu pensava tê-las perdido, pela sua compreensão nas horas em que tive que dedicar-me às leituras, muitas vezes abdicando do lazer e dos prazeres em família. Muito obrigado pela afetividade e pelo companheirismo.

À minha mãe, Dulce das Neves, que, mesmo na adversidade, fez tudo que estava ao seu alcance para que eu pudesse estudar. Minha mãe, obrigado pelas histórias contadas, pelo dicionário e pelo cavalo pampo de vara de marmeleiro feito à beira do riacho.

Ao meu pai, Manoel Paiva, *in memoriam*.

Às minhas filhas, Ludmila e Natasha, e aos meus filhos, Vladmir e Pedro Emanuel, árvores que ainda darão muitos e bons frutos.

Aos meus irmãos e irmãs.

AGRADECIMENTOS

Ao movimento operário, que me fez sujeito do meu tempo;

Aos vaqueiros da minha terra, que me encantavam com seus aboios, com suas resistências de suor, poesia e couro, ao ranger das rodas do carro de boi, que passava nas tardes da minha meninice;

Aos poetas populares que, nas noites de lua, destilavam poesia;

Ao “seu” Liro, um senhor negro de 60 anos que tinha um terreiro imenso e nos contava histórias de Trancoso nas calorentas noites cedrenses;

À minha tia, que nos reunia em volta de sua saia para cantar romance de cordel;

Aos folheteiros de feira, que tomavam minhas horas com leituras do *Romance do pavão misterioso*, *Juvenal e o dragão*, *A chegada de Lampião no inferno* e tantos outros folhetos que contribuíram para a construção da minha identidade;

Aos poetas do meu tempo, guerreiros dessa luta que é levar o folheto às escolas;

Ao poeta Zé Maria de Fortaleza, pelo ensinamento do verso medido;

Aos poetas Rouxinol do Rinaré e Antônio Queiroz de França, pela paciência em ler meus primeiros versos;

Aos amigos que comigo, com esforço e dedicação, nos anos 90, editaram o *Jornal Aporta Cultural dos Aletófilos*;

Ao amigo Stélio Torquato Lima, poeta e professor da Faculdade de Letras, pela paciência, pelos ensinamentos, pelo companheirismo e por compartilhar esse anseio de ver a literatura popular, especialmente o cordel, sendo suporte pedagógico em todos os níveis da educação;

Ao meu orientador, Professor Luís Távora, pelo incentivo;

Às professoras da minha banca, Ana Paula Medeiros e Fátima Vasconcelos, por quem tenho profunda admiração;

À professora Raquel Crossara e à pesquisadora Rainna, do grupo de pesquisa PIBIC, pelos momentos de ricas discussões sobre a formação de professores de Ciências Naturais para o Ensino Fundamental I;

À professora Sonia Pereira e a todos os integrantes da pesquisa Juventude e Política;

A toda a turma 2014.1 da Faculdade de Educação, que me acolheu com afetividade e carinho, apesar das diferenças. Muito obrigado por estes quatro anos juntos, comemorando vitórias e estando presente em diversos momentos felizes. Amo-os;

Aos meus professores, pelo acolhimento, pelo aprendizado e por me proporcionarem momentos ricos de conhecimentos.

A TODOS, OS MEUS MAIS SINCEROS E PROFUNDOS AGRADECIMENTOS!

E a gaita do pavão
Tocando com rouca voz,
O monstro de olhos de fogo
Projetando seus faróis,
O conde mandando pragas,
Disse Creusa: – É contra nós.

Os soldados da patrulha
Estavam de prontidão,
Disseram: – Vem ver Fulano!
Lá vai passando o pavão!
O monstro fez uma curva
Pra tomar a direção.

(José Camelo de Melo Resende, no cordel *O Romance do Pavão Misterioso*)

Um conde raivoso
Não tarda a chegar.
Não temas, minha donzela,
Nossa sorte nessa guerra:
Eles são muitos, mas não sabem voar.

(Ednardo, na canção *Pavão Misterioso*)

RESUMO

Este trabalho aborda a utilização do cordel em perspectiva de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental I. Tendo como objetivo analisar a importância do cordel no processo de aprendizagem, observamos como essa literatura dialoga com os processos formativos de crianças, jovens e adultos. Para refletirmos sobre esses processos, nos apoiamos no aporte teórico de autores como Melo (1982), Cascudo (1984), Ferreiro e Teberosky (1999), Vygotsky (1994), Galvão (2000) e Soares (2016), entre outros, e realizamos uma entrevista estruturada com o poeta Arievaldo Vianna, que, segundo nos informou, foi alfabetizado pela avó com folhetos de cordéis. Portanto, a pesquisa defende que a poesia popular narrativa pode ser um suporte didático a ser usado multidisciplinarmente, abordando de forma lúdica temas do currículo escolar. O cordel é a poesia popular narrativa que chegou ao Brasil pela mão dos colonizadores, vindo a se desenvolver no Nordeste, influenciando de forma marcante a cultura da região e contribuindo, assim, para o fortalecimento da identidade do nosso povo. Em sua origem, a literatura popular expressou-se pela oralidade. Mas mesmo quando passou a ser impressa, não perdeu o vínculo com a oralidade. Foi com essa característica que veio ao Brasil a bordo das caravelas dos primeiros portugueses que aqui chegaram. Em terras brasileiras, a poesia popular narrativa veio a se consolidar como um meio muito importante de letramento e alfabetização nas zonas rurais e urbanas. Nesse contexto, após discorrermos sobre as potencialidades didáticas das obras populares, com ênfase sobre o cordel, passamos a analisar como essas obras podem auxiliar o processo de ensino-aprendizagem. Assim, tendo como foco o Ensino Fundamental, passamos a sugerir algumas metodologias para auxiliar os educadores a explorarem da melhor forma as potencialidades didáticas do cordel com o fim de favorecer aprendizagens em História, Geografia, Matemática, Português e temas transversais.

Palavras-chave: Cordel. Literatura Popular. Letramento e Alfabetização. Cordel na Escola.

ABSTRACT

This work discusses about the use of the string book (cordel) in teaching-learning perspective at Elementary School I. Aiming to analyze the importance of the cordel in the learning process, we observe how this literature dialogues with the formative processes of children, youth and adults. In order to reflect on these processes, we resort to the theoretical contribution of authors such as Melo (1982), Cascudo (1984), Ferreiro and Teberosky (1999), Vygotsky (1994), Galvão (2000) and Soares (2016). We also resort to a structured interview applied to the poet Arievaldo Vianna, who informed us that was literate by his grandmother by means of string books. Therefore, this research argues that popular narrative poetry can be a didactic support to be used multidisciplinary, approaching in a ludic way subjects of the school curriculum. Cordel is the popular narrative poetry that came to Brazil by the hand of the colonizers and was developed in the Northeast, having influenced in a remarkable way the culture of the region and thus contributing to the empowerment of the identity of our people. In its origin, popular literature was expressed by orality. But even when it started to be printed, it did not lose the link with orality. It was with this characteristic that this literature came to Brazil on board the caravels of the first Portuguese who arrived here. In Brazilian lands, popular narrative poetry has consolidated itself as a very important means of literacy in rural and urban areas. In this context, after discussing the didactic potential of popular works, with an emphasis on the string book, we began to analyze how these works can aid the teaching-learning process. Thus, focusing on elementary school, we suggest some techniques to help educators to explore the didactic potential of the cordel in order to promote learning in History, Geography, Mathematics, Portuguese and transversal themes.

Keywords: Cordel. Popular Literature. Literacy. String Book at school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CORDEL – HISTÓRIA, CARACTERÍSTICAS E TEMAS PREDOMINANTES. 17	
1.1 Panorama Histórico do Cordel	17
1.2 Características e Temas Dominantes no Cordel Brasileiro	29
1.2.1 A Sextilha, a Setilha e os Dez Pés	36
1.2.1.1 A Sextilha	37
1.2.1.2 A Setilha	37
1.2.1.3 Décima ou Dez Pés	38
1.2.3 A Rima	38
1.2.4 A Métrica	40
1.2.5 A Oração	40
1.2.6 Os Temas e as Capas	41
1.2.7 Da Oralidade à Escrita	43
2 O CORDEL E SUAS POTENCIALIDADES NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGENS	48
2.1 O Cordel como Ferramenta Auxiliar no Ensino-Aprendizagem	49
2.2 As Raízes Históricas do Analfabetismo, da Educação Formal Tardia e a Alfabetização com Folhetos	53
2.3 A Eficácia do Cordel como Alfabetizador na Educação Infantil e Facilitador das Aprendizagens nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I	66
2.4 A Rima e a Cadeia Sonora da Fala	71
3 O CORDEL EM SALA DE AULA – SUGESTÕES METODOLÓGICAS	75
3.1 A Obra <i>O Romance do Pavão Misterioso</i> , sua Relação com o Nordeste e suas Potencialidades Didáticas	79
3.2 Voos Exploratórios e Estratégias Multidisciplinares	83
3.2.1 Explorando Mapas: a Geografia nas Rimas do Cordel	84
3.2.2 O Cordel e a Exploração das Narrativas Históricas	85
3.2.3 Cordel e Ciência, Possibilidades Exploratórias a partir do Lúdico	86
3.2.4 Cordel, a Matemática e a Transposição Didática	87
3.2.5 Outros Cordéis	89
3.2.5.1 <i>As Origens do Dia dos Trabalhadores e os Mártires de Chicago</i>	89
3.2.5.2 <i>A Série Heróis e Rebeldes das Américas</i>	90
3.2.5.3 <i>A Série Contos de Fada em Cordel</i>	91
3.2.5.4 <i>A História do Mundo em 100 Estrofes de Cordel</i>	91
3.2.5.5 <i>Ilíada, Odisseia e Eneida</i>	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

A opção de fazer da literatura popular o objeto de estudo da presente pesquisa deriva do nosso vínculo militante enquanto leitor, poeta, ministrador de oficinas, folheteiro¹ e editor de folhetos de cordel. Antes mesmo de começarmos a cursar Pedagogia na Universidade Federal do Ceará, alimentávamos a ideia de pesquisar e escrever sobre cordel enquanto recurso didático. Isso por que sempre tivemos um vínculo de afetividade com a poesia popular narrativa, já que esta nos proporcionou momentos ricos de ludicidades desde nossa infância em Cedro, Sertão Sul do Ceará, onde nascemos em 1963. Próximo à nossa casa, morava uma tia, uma senhora magra, alta, de cabelos longos, sempre presos, e um vestido comprido, quase sempre de tom escuro. Ela decorava e cantava diversos romances de cordel, entre os quais *Donzela Teodora*, *Proezas de João Grilo*, *Romance do Pavão Misterioso*, *Armando e Rosa ou Coco Verde e Melancia*, *O Capitão do Navio*, *Cancão de Fogo* e tantos outros clássicos da poesia popular nordestina.

Não sabemos qual era sua instrução escolar ou se tinha habilidade elevada em prática de leitura. O que podemos afirmar é que ela, com o folheto às mãos, cantava os versos. E como normalmente os trazia de cor, dadas as sucessivas repetições que fazia dos textos, geralmente dirigia o olhar muito mais a nós, ouvintes atentos, que aos folhetos. Essa roda de leitura acontecia habitualmente aos finais da tarde e começos da noite, após o preparo da refeição noturna. Ela sentava, enrolava a saia, colocando a grande sobra de pano entre as pernas, arrocava o nó do cabelo e, do interior de um caixote de madeira, escolhia o “romance” da vez. Os olhos dos pequenos ouvintes brilhavam, na expectativa de ouvir as espertezas de Pedro Malazartes, as proezas de João Grilo, a vida e morte de Cancão de Fogo, a vida de Pedro Cem ou a ousadia de Evangelista, sobrevoando os céus da Grécia em um pavão misterioso para libertar a condessinha Creusa da tirania paterna.

Éramos dez crianças. Eu, meu irmão, minha irmã, nossos cinco primos e primas e mais dois filhos de um vizinho. Além dos romances, os folhetos de gracejo e as histórias de aventuras com seres fantásticos, como *Juvenal e o dragão*, de Leandro Gomes de Barros, havia também os folhetos de “acontecido”, que narravam fatos reais como acidentes, vida de santos,

¹ Vendedor de folhetos em locais públicos.

cangaceiros, brigas e os folhetos de profecias, geralmente atribuídas a Padre Cícero² (1884-1934) ou a Frei Damião³ (1898-1997).

Em um desses folhetos com teor catastrófico, que versava sobre o fim do mundo, pudemos ouvir a narrativa aterrorizante que sentenciava que no ano de 1977 a terra iria tremer, os aviões iriam cair, os trens descarrilhariam e os carros capotariam. E, como afirma o dito popular que “desgraça pouca é bobagem”, também haveria peste, fome e enchentes, além de os campos virem a se incendiar. Esses versos com temas milenaristas, com profecias pessimistas anunciadoras dos sinais do cataclismo que porá ordem nos desmandos do mundo (CAVIGNAC, 2006, p. 214) nos deixavam em estado de choque, deixando-nos receosos quanto às viagens de trem que nossa mãe teria que fazer de Cedro a Juazeiro.

Nas manhãs de sábado, desfrutávamos do mesmo encantamento proporcionado pela leitura de cordéis por nossa tia. Era quando íamos à feira e ouvíamos o folheteiro no centro de uma roda de ouvintes, com o folheto em mãos, cantando os versos. Como que em transe, víamos passar diante dos nossos olhos figuras míticas, verdadeiros centauros que habitam o imaginário sertanejo e que se perpetuam no tempo através da oralidade e da escrita rústica da poética popular.

É certo que no sertão nordestino não há príncipes, princesas, castelos e muito menos dragões, já que o Brasil, no que pese sua fase imperial, com uma constituição monárquica e uma oligarquia rural portadora de títulos de nobreza, não teve uma monarquia clássica. Ademais, esses gigantescos animais voadores que cospem fogo são figuras mitológicas que habitavam o imaginário medieval que aqui aportaram e proliferaram na memória coletiva do sertanejo. No entanto, essas figuras, esses enredos constituíram e povoaram nossa infância, contribuindo sobremaneira para a construção da nossa identidade e da nossa ligação emotiva com as coisas da nossa terra.

A ligação afetiva com o cordel vinda da infância veio a se reforçar ainda mais com o passar do tempo. Nesse processo, uma experiência por nós vivenciada em 1999 avivou em

² Cícero Romão Batista, sacerdote católico que, na religiosidade popular, é reconhecido como santo. Carismático, obteve grande influência na vida social, religiosa e política do Ceará, chegando a ser Vice-governador do Estado.

³ Frade italiano radicado no Brasil. Frei Damião nasceu em Bozzano, na Província de Lucca, na Itália, ordenou-se em 1923 e chegou ao Brasil em 1931. No Catolicismo popular, é considerado santo e sucessor de Padre Cícero.

nós o interesse em trabalhar com esse gênero literário em contexto escolar. Foi nesse ano que em Maracanaú, com um grupo de amigos e com recursos próprios, passamos a editar um jornal intitulado *A Porta Cultural dos Aletófilos*⁴. Esse jornal foi a porta de entrada da nossa militância com o cordel na escola, seja fazendo oficinas, seja recitando e vendendo folheto. Esses poetas, entre os quais os irmãos Evaristo Geraldo e Antônio Carlos da Silva⁵, o Rouxinol do Rinaré, nascidos no Sertão do Ceará e radicados na Região Metropolitana de Fortaleza como nós, desenvolveram, a partir da iniciativa com o referido jornal, a ideia de levar o cordel para as escolas. Assim, divulgávamos nossos poemas, difundíamos os clássicos e, com oficinas, descobríamos novos poetas e incentivávamos o hábito de leitura.

Para além dessa motivação de caráter subjetivo, a propósito, a opção em fazer do cordel o tema deste trabalho de conclusão do curso de Pedagogia também se fundamenta em um princípio objetivo: as potencialidades que o cordel apresenta no tocante ao seu uso como ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

A literatura de folhetos, conhecida no sertão nordestino e mesmo em centros urbanos até finais da década de 70 do século passado como romance, folheto ou simplesmente verso, era vendida em quase todas as feiras e mercados. Os cordéis, lidos ou ouvidos em larga escala pelo povo simples, trazem um mundo habitado por príncipes, condessas encarceradas, dragões que devoram reinos, cangaceiros, “amarelinhos”⁶, bois misteriosos, vaqueiros destemidos e figuras mitológicas que, noutros tempos, povoaram a memória coletiva e eram cantados nos terreiros em noites de lua ou à luz de candeeiros nas debulhas de feijão. No entanto, como reflexo de diversos fatores, essa literatura com marcas fortes de oralidade entrou em declínio já nos anos finais da década de 1970, levando ao quase total desaparecimento dos folhetos, portadores textuais desse gênero e geralmente impressos em papel jornal.

⁴ Em grego, “amigos da sabedoria”. Jornal comunitário que teve quatro edições e que circulou em Pajuçara, Conjunto Jereissati e Centro de Maracanaú. Teve como objetivo a publicação da produção literária dos autores locais, a reflexão sobre a importância do tombamento para o patrimônio cultural do Município de Maracanaú da Casa do Alto da Bonança, que pertenceu a Rodolfo Teófilo.

⁵ Participavam ainda do referido jornal Alexandre Magno (hoje editor de HQ), Francisco Bento (atualmente professor de Filosofia na UFC – Cariri) e o poeta Luiz Eduardo Serra Azul.

⁶ Personagens que encarnam o nordestino sofrido e que, enquanto vítimas de injustiças e exclusões sociais, sobressaem-se pela esperteza e pela astúcia, vindo a realizar ações nem sempre marcadas pela moralidade defendida pelo *status quo*, o que leva à caracterização dessas figuras como anti-heróis. A tríade João Grilo, Pedro Malazartes e Cancão de Fogo é representativa dessa legião de anti-heróis na literatura popular. São também chamados de quengos ou quengos lixados.

Felizmente, com o surgimento na década de 1990 de editoras especializadas, tanto com edições em livros como em folhetos, observou-se um reflorescimento da produção e difusão do cordel, possibilitando a reedição dos clássicos do gênero e impulsionando a publicação de novos textos de poetas contemporâneos.

Na referida década, observou-se um reflorescimento da produção e difusão do cordel fomentado pelas edições ilustradas de grandes editoras do Sudeste e o surgimento de editoras locais que priorizaram o formato tradicional, o “folheto de feira”⁷, como a Tupynanquim em Fortaleza, a Coqueiro em Recife e a Queima-Bucha em Mossoró. Devemos acentuar ainda as editoras não especializadas em cordéis, como a IMEPH de Fortaleza, que também incluíram em seus catálogos a publicação de obras populares em formato de livro.

Eram através desses versos simples que chegavam para as populações da zona rural e até mesmo da urbana as versões versificadas de clássicos da literatura universal, contos tradicionais, histórias de autoria dos próprios poetas, fatos ocorridos em determinadas comunidades, notícias jornalísticas de repercussão nacional e até mesmo filmes de sucesso.

A temática do cordel é vasta e se divide por gêneros ou ciclos. Há uma grande variedade; no entanto, os de maior destaque são: ciclo do gado, cangaceirismo, gracejo, misticismo, romances, contos maravilhosos e folhetos de circunstâncias. Quanto às características narrativas da poética, o cordel assemelha-se ao conto e outros gêneros, “formando mais que uma literatura popular unicamente oral ou escrita, seus traços recíprocos os situam a meio caminho da poesia, do conto, da lenda e do mito.” (CAVIGNAC, 2006, p. 246)

O cordel é um gênero literário com linguagem clara e direta. Suas narrativas abordam desde contos infantis, contos populares, histórias locais, versões de clássicos da literatura universal e temas do cotidiano. Em suas fantásticas narrativas, tudo pode e tudo se permite. Nas viagens fantásticas dos cavalos encantados é que se aprende a aridez real do solo fértil, das reses magras e da alegria estampada nos rostos rudes dos sertanejos com a manifestação dos primeiros pingos de chuva. Nesse processo, num ambiente em que o

⁷ Folheto tradicional editado em papel jornal, medindo 11 x 15,50cm com gravuras na capa. No Nordeste, foram percussores na edição de folhetos com essas características Leandro Gomes de Barros (1865-1918) e João Martins de Athayde (1880-1959).

analfabetismo era regra, a escrita poética dialoga intimamente com a oralidade. Afinal, a fala, que veio antes da escrita, crava um signo de sons que se faz gesto.

É precisamente a fala que primeiro contribui para o processo formativo. São através dos sons que se desenvolvem as primeiras percepções do ser humano. A criança, ao som da fala, atende ao comando do pai ou da mãe, interage com as outras crianças e com o ambiente, com a cultura. Os primeiros sons se fazem fonemas, se fazem vozes e nominam objetos, nominam o mundo. É no processo de construção do conhecimento, no ambiente de uma cultura letrada que o som ganha forma e faz da escrita a notação da fala.

No espaço cambiante da oralidade e da escritura, distingue-se um movimento textual transgressor, uma vez que o texto escrito transgride o espaço da escritura, ultrapassa-o, sai dos limites do papel, move-se e expira a se fazer voz. Ponto de interação entre a oralidade e a escritura, a literatura de folhetos permite que a cena oral não se restrinja à voz, mas, muito mais que isso, se insinue como corpo e gesto. (MATOS, 2010, p 16)

Na perspectiva explicitada por Matos (2010) é que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica incorporam a ideia de que, nessa etapa da escolarização, seja oportunizada às crianças e aos jovens em processo de aprendizagem a possibilidade de construção de conhecimento a partir de saberes e valores produzidos culturalmente e que integram a Base Nacional Curricular, a Língua Portuguesa, o conhecimento do mundo e a Arte em suas diferentes formas. Nessa perspectiva, no tópico *Organização curricular: conceitos, limites, possibilidades*, o documento expressa:

A escola de educação básica é o espaço coletivo de convívio, onde são privilegiadas as trocas, acolhimento e aconchego para garantir o bem-estar de crianças, jovens, adolescentes e adultos, no relacionamento entre si e com as demais pessoas. É uma instância em que se aprende a valorizar a riqueza das raízes culturais próprias das diferentes regiões do País que, juntas, formam a Nação. Nela se ressignifica e recria a cultura herdada, construindo as identidades culturais em que se aprende a valorizar as raízes próprias das diferentes regiões do país. (BRASIL, 2013, p. 25)

A Base Nacional Curricular⁸ constitui-se de conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e geradas nas instituições produtoras de conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das

⁸ As reflexões que conformam este trabalho não tiveram como embasamento teórico a Base Curricular Nacional Comum, uma vez que a pesquisa já estava em fase de conclusão quando da aprovação da nova BCNC, a qual entrou em vigor em 2018.

linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania e nos movimentos sociais.

Como destacamos nesta pesquisa, o ensino-aprendizagem de todas essas áreas do saber e também desses valores referidos na Base Nacional Curricular pode ser favorecido com a utilização de gêneros literários como o cordel. Pois a literatura popular em versos de cunho narrativo porta elementos simbólicos da cultura oral que, através de gerações, foram significativos no processo de construção de conhecimentos. Para muitas crianças sertanejas, e mesmos adultos, as primeiras impressões de valores e de mundo vieram nas asas de um pavão, sobrevoando os céus da Grécia, Japão e Turquia.... Um mundo mágico, que mesmo com designações de países distantes e estranhos para a cultura local, era habitado por Batistas, Josés, Creusas, Severinos, vivenciando o drama e os conflitos presentes na cultura nordestina.

Manoel de Almeida Filho, poeta alagoano falecido em 1985, destaca o papel alfabetizador do cordel no seu romance *Rufino, o rei do barulho*, um folheto de 32 páginas publicado em 1966, no qual acentua já na primeira estrofe:

Mais um drama sertanejo
Surgiu da inspiração
Dum trovador que ajuda
Na alfabetização
Das crianças camponesas,
Dos caboclos do Sertão.
(ALMEIDA FILHO, 1966, p. 01)

É importante destacar nesse pormenor que os textos em cordel possibilitam aos professores desenvolver e abordar temáticas as mais diversas, favorecendo a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade, entendidas como processos que possibilitam aos educandos ampliar seus horizontes, já que se constituem em métodos facilitadores do ensino-aprendizagem. Assim, a “leitura de cordéis para crianças e/ou com as crianças em sala de aula amplia o repertório infantil de convivência com bichos e, sobretudo, sua capacidade de brincar com os ritmos da língua e os voos da fantasia.” (MARINHO;PINHEIRO, 2012, p. 6)

Portanto, marcado por essa amplitude temática, trazendo como traço característico o verso, a rima, a métrica e a oração e tendo como suporte os folhetos, o cordel foi o veículo de comunicação que levava informação, lazer, entretenimento e prática de leitura coletiva para milhares de pessoas do campo e da cidade. Nesse contexto, não tardou para que os educadores

fossem percebendo que o cordel, seja em formato de livro, seja nos moldes do folheto tradicional, o chamado “folheto de feira”, reúne características que o potencializam como um instrumento para letramento, alfabetização e de iniciação de prática da leitura em sala de aula.

Dessa forma, justifica-se a abordagem que aqui fazemos do cordel com vistas à sua utilização como facilitador pedagógico em sala de aula, favorecendo o diálogo multidisciplinar nas aprendizagens no Ensino Fundamental I. A partir desse entendimento, e afirmando a relação do cordel em contexto escolar enquanto objeto de estudo, o presente trabalho é resultante de uma pesquisa qualitativa, tendo como metodologia a organização em três capítulos.

No primeiro, centrado na análise dos aspectos que singularizam o cordel enquanto gênero literário, apresentamos um panorama histórico da literatura popular, além de refletirmos sobre seus aspectos estruturais e temáticos.

No segundo capítulo, cujo foco é a relação do cordel com o contexto escolar, discutimos como esse gênero poético pode contribuir de forma bastante eficaz para o desenvolvimento de várias habilidades junto ao alunado.

O terceiro e último capítulo traz uma reflexão com sugestões metodológicas a partir de análise do texto *O romance do pavão misterioso*, além de apresentar outras possibilidades didáticas com o uso do cordel em sala de aula. Propõem-se ainda metodologias que podem auxiliar o ensino-aprendizagem de conteúdos relacionadas com disciplinas como História, Matemática, Língua Portuguesa, Ciências da Natureza e temas transversais. Nessa perspectiva, apresentamos, enquanto sugestão, uma relação de títulos de cordéis, que, a nosso ver, adequam-se ao currículo escolar no Ensino Fundamental I.

1 CORDEL – HISTÓRIA, CARACTERÍSTICAS E TEMAS PREDOMINANTES

1.1 Panorama Histórico do Cordel

O cordel impresso em folhetos, inicialmente publicado e vendido pelos próprios poetas e depois por casas editoriais, como a de João Martins de Athayde, existiu em quase todo o mundo em outras épocas. Essa poesia de cunho popular chegou ao Brasil ainda na colonização, vinda da Península Ibérica, segundo defendem pesquisadores como Cascudo (1984), Farias (2010), Melo (1982), Maxado (2012), Alves Sobrinho (2003) e Vianna (2014).

Ana Maria de Oliveira Galvão argumenta que as origens da literatura de cordel são relacionadas ao hábito milenar de contar histórias que, aos poucos, começaram a ser escritas, sendo depois difundidas pela imprensa. (Cf. GALVÃO, 2000, p. 121). Segundo Arievaldo Vianna, “a arte do trovadorismo, proveniente da Península Ibérica, chegou ao Novo Mundo e floresceu tanto na América espanhola, quanto na América portuguesa.” (VIANNA, 2014, p. 19). Na Europa, no período de transição entre a Idade Média e Moderna, em países como França, Portugal, Espanha, Inglaterra, Alemanha e Holanda, é possível identificar, tanto através da literatura clássica como através de pesquisas em documentos, relatos, museus e coleções particulares, a presença da literatura popular impressa em folhetos.

Há vários traços que dão sustentação teórica à hipótese da relação do cordel brasileiro com a literatura popular ou de folhetos no Continente europeu. Um deles é a transposição de personagens fictícios ou reais da Europa Medieval para o Nordeste brasileiro. Uma dessas figuras míticas presentes nas lendas europeias e também na literatura popular nordestina é Ricardo Coração de Leão, rei inglês coroado em 1189 e que, segundo a lenda, era poeta, sendo identificado em uma prisão inimiga por um súdito ao cantar uma de suas poesias.

Outro personagem que aqui chegou através da Europa foi Roberto do Diabo, o rei normando que nasceu de uma blasfêmia de sua mãe, a qual, não podendo conceber um filho ao rei, seu marido, pediu ajuda a Satanás, no que é prontamente atendida. Roberto, ao crescer, faz todas as maldades possíveis, tornando-se um assassino frio e impiedoso, até o dia em que, atendendo a uma voz, arrepende-se e converte-se ao Cristianismo.

Tal como os dois personagens citados, Carlos Magno, o imperador francês que liderou a luta contra os mouros, é também muito presente, ainda hoje, no cordel brasileiro. Dois de seus pares mais famosos são Roland, como ficou conhecido na França e que em Portugal e Brasil passou a ser conhecido como Roldão, e Oliver, que no Brasil passou a ser chamado de Oliveiros.

As histórias em torno de Carlos Magno, a propósito, marcam um dos ciclos do cordel, vindo a ratificar o elo histórico entre a Europa e Brasil na origem do nosso cordel. Sobre esse tema, Leandro Gomes de Barros escreveu *A batalha de Oliveiros com Ferrabras e A prisão de Oliveiros*. Esses folhetos de cordel constituem dois dos maiores clássicos do gênero no Brasil. Na abertura do primeiro, digamos de passagem, o poeta de Pombal descreve a história de Carlos Magno e seus doze pares com a seguinte estrofe:

Eram doze cavaleiros
Homens muito valorosos
Destemidos e animosos
Entre todos os guerreiros
Como bem fosse Oliveiros
Um dos pares de fiança
Que sua perseverança
Venceu todos infiéis
Eram uns leões cruéis
Os doze pares de França. (BARROS, 2008, p. 70)

Outros poetas escreveram e também publicaram folhetos com essa temática, entre eles, Antônio Eugênio da Silva, que escreveu e publicou em 1958 o cordel *O cavaleiro Roldão*. Outros dois folhetos de destaque sobre o tema, segundo registra o poeta e folclorista Marco Haurélio Fernandes Farias em sua obra *Breve História da literatura de cordel, são Roldão no Leão de Ouro*, de autoria de João Melchiades Ferreira, e *A morte dos doze pares de França*, autoria de Marcos Sampaio (FARIAS, 2010-a, p. 31-34).

A respeito da morte dos pares de França, o que se sabe historicamente é que Roland morreu guerreando, no dia 15 de agosto de 778, na famosa batalha de Roncesvalles. Além de sua marcante presença na literatura popular francesa e brasileira, é também celebrado na literatura popular da Itália, na epopeia *Orlando furioso*, autoria de Ludovico Ariosto (1474-

1533)⁹. Essas personagens lendárias, embora reais, tornaram-se mitos tanto na Europa como em países que sofreram a influência europeia, como no Brasil, onde, especialmente no Nordeste, poetas populares transfiguraram tais personagens e suas batalhas em poesia, que segundo o poeta e folclorista Marco Haurélio, “Na base da cristalização do mito está o jogral, o bardo itinerante, o poeta do povo, encarregado de difundir e divulgar as façanhas dos heróis, que, conscientemente ou não, ele ajuda a fabricar.” (FARIAS, 2010-a, p. 30)

Outros autores, pelas similaridades das características da composição poética, identificam marcas do cordel em períodos anteriores à Idade Média. Segundo Viana (2010), a poesia clássica grega tem uma estrutura poética semelhante à literatura de folhetos que começou a ser publicada no Brasil na segunda metade do século XIX. Tardif (2010) também informa que, muito anterior aos filósofos, foi por meio da poesia narrativa oral que os menestréis gregos, declamando seus versos épicos, educavam o povo. Segundo Oliveira (2007), essa literatura popular produzida na antiguidade era em um formato bem parecido com a literatura de folhetos publicada no Nordeste, do século XIX aos dias de hoje. No entanto, analisando descrições e relatos de pesquisadores e também reproduções de capas de folhetos europeus de diversas nacionalidades e comparando com o cordel brasileiro, constatam-se diferenças tanto no conteúdo, como na forma textual e no portado do texto. Enquanto em países como França e Portugal existiam as folhas soltas, têm-se notícias do folheto com muitas páginas na Alemanha e quanto o conteúdo textual, esses portadores, além de poesia traziam textos em prosa. Verificasse, dessa forma, grande variabilidade estética e de conteúdo dessa literatura produzida nesses países, do século XV ao século XIX, diferenciando-se, portanto do cordel brasileiro que passou a ser impresso nos anos finais do século XIX.

Infere-se, portanto, que a poesia popular narrativa teve presença marcante na cultura de todos os povos medievais. Segundo Oliveira (2007), os povos fenícios, saxões, greco-romanos e cartagineses, em suas expedições de conquistas, traziam em suas bagagens farta quantidade de literatura popular. Segundo essa autora, os poetas nômades foram os responsáveis pela ocidentalização dessa literatura. No século XII, trovadores, jograis¹⁰ e menestréis percorriam a Europa, principalmente os locais de devoção religiosa do Catolicismo, declamando versos de romances, de aventuras e de ensinamentos religiosos e dos costumes do

⁹ Informações extraídas do livro *Breve História da Literatura de Cordel*, de Marco Haurélio Fernandes Farias, publicado em 2010, pela editora Claridade.

¹⁰ Conjunto de pessoas que declamam lendo textos literários.

lugar. Nesses lugares de romarias, principalmente Roma – a Santa Sé, Jerusalém – a Terra Santa, e Santiago de Compostela fervilhavam de poetas, como afirma o professor Joseph Luyten (Apud OLIVEIRA, 2007, p. 05): “é exatamente nesses três lugares que começa a literatura popular, onde se concentravam poetas nômades (entre as raras pessoas que tinham locomoção livre)”.

De todos os relatos acerca da prática milenar de transmissão de saberes, de recontos de lendas, de histórias de aventuras, romances, épicos e tantos outros discursos que compõe a literatura popular ficam marcas evidentes que essa prática literária, de feição popular, deu-se por intermédio da oralidade. Desde os primeiros momentos do século XII, em que poetas percorriam a Europa recitando suas narrativas, até o surgimento dos primeiros folhetos, há um intervalo de cerca de 300 anos, no entanto, apesar dessa distância temporal suas características centrais foram preservadas.

Esse reconta oral transforma-se em literatura escrita quando no Velho Continente, em 1450, Johannes Guttemberg inventa a prensa móvel, permitindo que as velhas histórias memorizadas por gerações passem a ser gravadas no papel. Nesse período, “na França, estima-se que em Troyes (cidade próxima a Paris), cerca de 1500 folhetos e almanaques populares foram publicados.” (OLIVEIRA, 2007, p. 06). Á época, essa literatura ficou conhecida como *bibliothèque bleu* devido à cor azul da capa dos folhetos. Esses folhetos eram impressos rudimentares, em papel grosso e costurado, muito assemelhados à literatura popular que circulou no Brasil em período anterior a Leandro Gomes de Barros, um dos pioneiros na publicação de folhetos de cordel em terras brasileiras.

Dessa forma, podemos inferir que o cordel brasileiro, como produto histórico, sofreu todas as influências dessa prática milenar de contar histórias, absorvendo determinados aspectos, em um longo processo de maturação, até chegar às características do gênero literário que hoje conhecemos como cordel ou literatura de folhetos. Segundo Cavignac (2006, p. 75), o cordel se trata de poesia, no entanto, mesmo estando escrito em versos, devido sua estrutura, tem mais proximidade com o conto. Segundo a autora, “esses contos edificantes em versos são tantos fábulas satíricas ou morais quanto episódios épicos e poesia romântica e contém elementos de mito.” (CAVIGNAC, 2006, p. 74)

Destarte, quando afirmamos ou ouvimos alguém falar em cordel, a nossa percepção nos remete a histórias rimadas de gracejo, narrativas poéticas de fatos reais ou aos romances de cavaleiros destemidos e princesas encarceradas. Segundo muitos pesquisadores, incluindo os citados neste capítulo, há fortes indícios da presença da literatura de cordel em quase toda a Europa Medieval, no entanto, os folhetos de cordéis medievais nem sempre eram poemas.

Poucos eram os folhetos que portavam histórias rimadas, e quando eram, diferenciando do nosso cordel, eram escritos em quadras. Luís da Câmara Cascudo, em seu livro *Vaqueiros e cantadores*, publicado a primeira vez em 1937, traz uma versão em quadras de *A nova história da princesa Magalona*, editada em Portugal por volta de 1725. Ressalta ainda Cascudo que a primeira edição desse texto em Portugal foi em prosa, só depois vindo a aparecer em versos.

Os folhetos medievais, como afirmado acima, nem sempre eram portadores de poesia e traziam impressos em suas páginas peças de teatro, anedotas, partituras, encíclicas religiosas e até mesmo receitas culinárias. É somente no Brasil, especialmente no Nordeste que a literatura de folhetos, denominada cordel, aparece escrita exclusivamente em verso, o que determina o gênero, da forma que hoje é, ou seja, narrativa poética ancorada no tripé métrica rima e oração, sendo os versos em redondilha maior, rima soante, em estrofes de seis, sete ou dez pés¹¹, ser um produto genuinamente brasileiro.

Vale salientar que o termo cordel, ou literatura de cordel é também de origem europeia e só passou a ser usual no Brasil na segunda metade do século XX, após incursões de folcloristas e pesquisadores sobre esse tema e a identificação da relação da literatura de folhetos do Nordeste e a europeia. A população nordestina denominava essa literatura simplesmente de ‘folheto de feira’ ou simplesmente ‘folheto’, ‘verso’ ou ‘romance’. Veríssimo de Melo, pesquisador de temas folclóricos e literatura popular, a respeito dessa denominação, nos explica que “no Nordeste, especialmente entre a gente do povo, talvez até a década de 50, sempre se

¹¹ O mesmo que linha ou verso. Cada verso ou pé é composto de sete ou dez sílabas poéticas (decassílabo ou dez pés). P. João Ravizza (Apud AZEVEDO, 1997, p. 11) informa que os versos latinos não tinham rima tampouco número exato de sílabas poéticas. No entanto esses versos tinham musicalidade devido os versos serem compostos de uma combinação especial de sílabas breves ou longas, o que resultava em ritmo. Cada série de combinação silábica formava um verso, que era chamado de “pé” devido ao fato que ao recitar, ou cantar, batia-se os pés para contar o compasso, assim como ainda fazem os músicos. Daí ser usual, quando um poeta escreve um verso com um número de sílabas em desacordo com a regra, dizer que ele “quebrou o pé do verso” ou ainda o termo “verso de pé quebrado”, em referência ao verso sem métrica, sem musicalidade.

chamou o cordel de **folheto de feira** ou simplesmente **folheto** (MELO, 1982, p. 22. Grifos do autor). Acerca do termo literatura de cordel, nomenclatura hoje como é amplamente conhecida a poesia popular impressa, esclarece que é “oriunda de Portugal [...] e justifica-se pelo fato de os folhetos serem expostos a venda, em público, montados num cordão ou cordel.” (MELO, 1982, p. 22-23)

Também, com respeito ao nome literatura de cordel, Izabel Leventoglu (Apud OLIVEIRA, 2007, p. 07), sublinha que a referência mais antiga a esse termo, foi encontrado em uma estrofe de oito versos decassílabos, com rimas alternadas do primeiro ao sexto versos e uma rima parêla nos dois últimos de autoria de Nicolau Torentino (1740-1811), publicado em 1788:

Falou, por afetar musa campestre,
em surrão e cajado muitas vezes;
era um flagelo, este tirano mestre,
dos ouvidos e faces dos fregueses;
todos os versos leu da Estátua Equestre
e todos os famosos entremeses,
que no Arsenal ao vago caminhante
se vendem a cavalo num barbante
(LEVENTOGLU, *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 07-08. Grifos da autora)

A literatura de folhetos, segundo afirma Diegues Junior (Apud MELO, 1982, p. 10) e outros autores teve outras denominações em países da Europa, inclusive em Portugal. Segundo Teófilo Braga, em Portugal denominava-se “folhas volantes” ou “folhas soltas”, vendidas exclusivamente por cegos, sob autorização Real (Apud, MELO, 1982, p. 10), daí ser também denominada de “literatura de cegos”. Ainda, segundo Diegues Junior (Apud MELO, 1982, p. 10), na Espanha denominava-se “pliegos sueltos”, denominação que, em países da América Latina como Argentina, México, Nicarágua e Peru transformou-se em “hojas” e “corridos” e que, em similaridade com o nosso cordel, veiculavam narrativas romanescas, contos tradicionais e fatos acontecidos. Essa literatura popular na França denominava-se *littérature de colportage* e na Inglaterra, *catchpennies*.

No entanto, essa farta literatura popular em folhetos, fenômeno que se manifestou em toda a Europa Medieval até finais do século XIX, incluindo países como Alemanha, Holanda e Irlanda, não continham apenas narrativas poéticas, veiculando textos em prosa tanto ficcional como fatos da comunidade e políticos. Compreende-se, portanto, pela diversidade textual com que a literatura popular de folhetos se manifestou na Europa Medieval, que o termo

cordel, herdado pela literatura de folhetos no Nordeste e outras regiões do Brasil está relacionado ao suporte folheto, ou folha solta, vendido em locais públicos, e não ao gênero textual, embora hoje, devido à massificação desse termo, especialmente pela mídia e a academia, e também pelas características da estrutura textual, o termo cordel tenha ganhado o significado de gênero literário e não o de suporte.

Dessa forma é que essa literatura de folhetos, a que a os leitores/ouvintes¹² do Nordeste denominavam de “romance”, “folheto” ou simplesmente “verso” e que depois veio a ser denominada de literatura de cordel, entre os séculos XV e XIX já circulavam largamente na Europa. Na França, como dito acima, era denominado de *littérature de colportage*. Esse nome derivava do fato de como os vendedores a portavam. *Col*, do francês ‘colarinho’ indica que os vendedores ambulantes levavam os folhetos, possivelmente entre outras mercadorias, em caixotes colados ao peito, pendurados por tiras ao pescoço. Eram, ainda, no meio rural, denominados de *occasionnels* e no meio urbano de *canard*. O cordel brasileiro termina sofrendo grande influência dessa literatura popular francesa. Os clássicos da nossa literatura de cordel, a propósito, têm muitas histórias ambientadas na França ou com temática dessa região. Só para citar dois exemplos, no folheto *O soldado jogador*, Leandro Gomes de Barros já nos primeiros dois versos narra que “era um soldado francês/que se chamava Ricarte”, (BARROS, 2016-b, p. 01), e em outro trabalho, um épico em dois volumes, sendo o primeiro *A batalha de Oliveiros com Ferrabras* e o segundo *A prisão de Oliveiros e seus companheiros*, conhecido popularmente como *Os doze pares de França*, Barros descreve em estrofes de dez versos a batalha liderada pelo Imperador Carlos Magno à frente do exército cristão para expulsar os árabes da Península Ibérica.

Na Inglaterra, a literatura de folhetos teve presença marcante. No entanto, diferenciando-se do cordel nordestino, era escrito unicamente para ser cantado. Com a impressão feita em um único lado do papel, leva a crer que fossem folhas soltas e não folhetos

¹² O Recenseamento Geral do Brasil, de 1º de setembro de 1940, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, mostra que em Pernambuco, nesse período, havia 2.273.375 habitantes. Desse total, 1.099.574 eram homens e 1.173.801 eram mulheres. Desse universo, somente 294.639 homens e 275.402 mulheres sabiam ler e escrever, o que equivale a 26,80% e 23,46%, respectivamente. Portanto, 798.549 (72,62%) de homens e 891.873 (75,98%) de mulheres não sabiam ler e escrever. Esses dados permitem que diversos autores, a exemplo de Ana Maria de Oliveira Galvão (2000), definam o público apreciador de cordel da primeira metade do século XX como leitores/ouvintes. Esse conceito leva em consideração o fato de que, mesmo havendo um número excessivo de pessoas não alfabetizadas no Nordeste brasileiro, a literatura de folhetos de cordel era largamente lida e ouvida em áreas rurais e urbanas. Essa leitura era realizada de forma coletiva, em que uma pessoa alfabetizada lia ou cantava o cordel para as outras, realizando verdadeiros saraus sertanejos.

com muitas páginas. Em relação aos temas versificados, esses poemas narravam fatos históricos e denominavam-se *ballds* e *broadsdes*. Essa literatura, quanto ao tema, assemelhava-se aos folhetos brasileiros denominados *folhetos de acontecido*. Esse cordel narra circunstâncias, fatos reais. No Nordeste, esses folhetos de circunstâncias, em uma época que não existia televisão, que era raro uma casa que tivesse rádio e a maioria da população não era alfabetizada, portanto sem acesso a jornal, configurava-se como o principal meio de informação do povo. Da mesma forma, na Inglaterra e em outros países europeus tais folhetos desempenhavam função semelhante, servido também para formar a identidade desses povos, munindo-os de conhecimentos necessários à reprodução dos costumes e práticas coletivas.

O outro tipo de literatura de folheto presente na Inglaterra foi os *coks* ou *catchpennies* que narravam histórias ficcionais. Nesses folhetos, escreviam-se histórias populares, lendas, contos ou histórias ‘inventadas’ pelos próprios poetas. Assemelham-se, no cordel brasileiro, ao folheto denominado pelo povo de ‘romance’. Nessa linha, vale destacar alguns títulos ricos em criatividade que se tornaram verdadeiros clássicos no gosto popular nordestino, mas que séculos antes já eram contados e cantados no Velho Continente, como *Pedro Malasartes*, *A princesa Magalona*¹³, *A história da donzela Teodora*¹⁴, *João de Calais*¹⁵, *Roberto do diabo* e outros. Essas histórias romanceadas que vieram da Europa, aqui aportando inspiraram nossos poetas a também criarem histórias ricas em criatividade, tais como *O romance do pavão misterioso*, *As aventuras de Armando e Rosa ou Coco Verde e Melancia*, *Pedrinho e Julinha*¹⁶, *A princesa do reino da pedra Fina*, *Cachorro dos mortos*¹⁷ e tantas outras que se perpetuam na memória coletiva.

Em relação à hipótese de alguns autores, sobre a origem europeia da literatura de cordel, vale salientar que em alguns textos literários clássicos germânicos é possível perceber a presença de algumas características presentes no folheto de cordel nordestino. Esses traços característicos vão desde a linguagem direta, foco narrativo, apelo popular em suas

¹³ A edição mais antiga, que se tem conhecimento, da *História da princesa Magalona* foi feita em Servilha, na Espanha, em 1519.

¹⁴ *A história da Donzela Teodora*, obra traduzida do castelhano para o português por Carlo Ferreira, em 1712. Sua edição mais antiga foi impressa em Toledo, por Pedro Hagembach em 1498. No Brasil, teve sua versão versificada por Leandro Gomes de Barros (1865-1918) (BATISTA, 1982, p. 58).

¹⁵ *A história de João de Calais* foi escrita em 1731 pela romancista francesa Madalena Angélica, mais conhecida como Madame Gomes (1684-1770), traduzida em Portugal e popularizado em versos no Brasil por poetas populares.

¹⁶ Títulos de romances de cordel de autoria de José Camelo de Melo Resende (1885-1964).

¹⁷ Cordéis de autoria de Leandro Gomes de Barros (1865-1916).

temáticas, caráter informativo, mesclando fatos reais com ficção e, principalmente, à similaridade do portador do texto.

Nessa perspectiva, vale destacar a descrição feita em um conto clássico alemão do século XIX, que, mesmo sendo um conto ficcional é ambientado em um contexto temporal concreto e nos dá o indício da presença da poesia popular e outros textos impressos em folhetos em países como Alemanha, Áustria e Suíça. Paul Heyse (1830-1914), escritor alemão, à época muito popular nos países acima citados, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1910 escreveu, em finais do século XIX, o conto “A Imperatriz de Spinetta”. Esse conto, mesmo escrito na Alemanha, e por isso guardando em sua narrativa elementos da cultura germânica, é ambientado na Itália, à época dos Carbonários.

O autor narra a trágica história de amor entre uma moça camponesa e um rapaz que tem como ofício a carpintaria. O enredo se passa em 1820 e descreve o dia em que ambos iam casar, mas que, por conta de uma confusão com a polícia, protagonizada por um tenente que também pretendia casar-se com a referida camponesa, a festa termina em tragédia, com o enlace matrimonial não acontecendo. Após intensa troca de tiros de mosquetes, tanto a força policial como o noivo e seus amigos saem com alguns membros abatidos e o tenente, comandante da tropa sai gravemente ferido. Após esse enfrentamento, o noivo e seus amigos, devido a uma injustiça e uma feroz perseguição policial, terminam transformando-se em terríveis bandoleiros e a moça enlouquecendo. A loucura a faz crê que é uma Imperatriz e o noivo, agora chefe de grupo salteador, um dia retorna, faz à cidade de refém e obriga o padre a realizar o casamento interrompido anos antes e, para satisfazer a insanidade da amada, retira um par de coroas de um santo e uma santa e faz a si e a sua consorte, “Imperador” e “Imperatriz”. Após o casamento há uma festa e, cansados eles dormem e são surpreendidos pela força policial, terminando mortos.

O autor, para iniciar a narrativa faz uma introdução descrevendo a temporalidade, o espaço geográfico e as características centrais das personagens que protagonizam a narrativa. Logo no primeiro parágrafo descreve sinteticamente a trágica história de amor e como “estranhamente” a mesma veio a cair no esquecimento enquanto fato real, permanecendo, no entanto, como ficção na memória popular. Heyse (1966) destaca a permanência do fato na memória coletiva, citando a “imaginação poética dos campônios” na recriação do acontecido e a primordial massificação do portador textual que veicula a narrativa. A descrição de Heyse, acerca da presença da literatura de folhetos na cultura popular alemã nos dá indício da presença

do cordel na cultura germânica e a relação que mantêm com as práticas de leituras desses povos. Ao iniciar sua narrativa ficcional, acentua o escritor alemão:

Pouquíssimos sabem que esse lugar insignificante viveu, outrora, um dia em que um Imperador e uma Imperatriz foram ali coroados com solene pompa, e como depois a sua grandeza acabou de maneira estranha. **Só um folheto, dos que se vendem aos milhares por uma moeda de um cobre nas feiras agrícolas**, guardou a sugestiva história dessa coroação; a imaginação poética dos campônios piemonteses e lombardos envolveu o fato histórico em toda espécie de acréscimos milagrosos, de sorte que hoje é difícil separar com absoluta segurança o acontecido do inventado. (HEYSE, 1966, p. 103. Grifos nosso)

Essa narrativa ficcional alemã do século XIX confirma a presença da prática de leitura popular e a produção de folhetos, à época, em países germânicos, tipo de literatura assemelhada ao cordel brasileiro, gênero presente na cultura nordestina e em alguns pontos da Região Norte do Brasil em finais do século XIX até os anos 60 do século XX. Alguns autores, a exemplo de Melo (1982) identificam a manifestação dessa literatura não somente na Alemanha, mas também na Suíça, Austrália e Holanda.

É nessa perspectiva, que Veríssimo de Melo (1982), importante pesquisador do cordel brasileiro, em *Literatura de cordel: antologia*, organizada por Ribamar Lopes, afirma que alongam-se as origens do folheto de cordel além das raízes ibéricas, encontrando indícios da existência dessa literatura também no século XVII, na Holanda e nos séculos XV e XVI na Alemanha. Marion Ehrhardt, (Apud MELO, 1982, p. 11) em *Notícias alemãs do século XVI sobre Portugal* fornece informações que confirma a relação de velhos folhetos germânicos com o folheto de cordel brasileiro.

Pode-se constatar, por autores como Melo (1982) e Oliveira (2007), que já no século XV, portanto, três séculos antes do registro da presença da literatura de folhetos na Península Ibérica, já a existência da literatura de folhetos na Alemanha e, no século XVII na Holanda. Essa produção, principalmente na Alemanha, era em grande escala e se estendeu até o limiar do século XX. Há relatos acerca do envio de farta literatura de folhetos alemães para o Brasil, em fins do século XIX, para as colônias alemãs do Sul do Brasil.

O folheto alemão portava textos em prosa e também em versos. Na estética era similar ao folheto brasileiro, com tamanho de um quarto ou um oitavo, de oito ou dezesseis páginas, tendo na capa uma xilogravura. Eram produzidos em grandes quantidades, em

pequenas gráficas, vendidos em mercados, feiras, tabernas, em frente a igrejas e universidades, sendo, na ocasião da venda, os escritos em versos cantados pelo folheteiro, assim como no Nordeste faziam os vendedores de folhetos, cantando em “a palo seco”¹⁸. A professora da USP, Jerusa Pires Ferreira, em entrevista concedida ao *Projeto Tome Ciência*, em 2013, justifica o surgimento do cordel impresso em folhetos na Alemanha, quase 300 anos antes dessa literatura na Península Ibérica, devido ao fato desse país ter sido o primeiro a se industrializar, tendo assim, há essa época, um parque tipográfico.

Na Holanda, a literatura de folhetos tinha o nome de “pamflet”. Datam do século XVII, sendo a maioria em prosa, tratavam de questões políticas ou intrigas pessoais, o que os assemelham com os folhetos de circunstâncias do cordel brasileiro. A respeito das características da literatura de folhetos holandeses Melo (1982, p. 11) afirma que “tivemos as primeiras notícias através do Professor José Antônio Gonçalves de Mello, nossa maior autoridade em História do domínio holandês no Nordeste brasileiro”. O professor em questão analisou folhetos holandeses do século XVII e concluiu sobre seus conteúdos:

Os temas tratados, pelo menos em relação ao Brasil, que são os que unicamente conheço, são políticos, econômicos, militares, quando não são terrivelmente pessoais. Um, relativo à Guiana então holandesa, relata um crime, no qual estão envolvidos personagens que viveram em Pernambuco. Há-os em versos, mas a maioria em prosa, sendo frequente a forma de diálogos ou de conversas entre várias pessoas. Uns de uma só folha; a maioria contém de 10 a 20 páginas, em tipo gótico. (MELLO, *apud* MELO, 1982, p. 11)

Os relatos históricos sobre a existência de uma literatura popular oral na antiguidade, destacando-se a poesia e os contos tradicionais, de um romanceiro medieval europeu, conduzido no tempo e no espaço geográfico pelos jograis, trovadores e menestréis andantes e de farta literatura escrita à mão atravessando Oceanos e aqui chegando incorporando lendas indígenas e africanas nos faz crer que o cordel brasileiro é resultante da síntese dessas práticas narrativas, readaptadas e reelaboradas a partir da cultura nova que foi sendo gerada, resultante da interculturalidade dos povos que contribuíram para a formação da identidade cultural do Nordeste brasileiro.

Os elementos culturais, ao se fundirem, se transformam: esses elementos externos ao se integrarem a cultura local, e esta ao adaptá-los à maneira tradicional, seja por narrativas

¹⁸ Os folheteiros, nas feiras livres, vendem os folhetos em pregões, marcando o título, declamando ou cantando as estrofes iniciais em “a palo seco”, isto é, sem acompanhamento musical.

ou ritos recompõe o arcabouço cultural reafirmando e atualizando o processo gerador, dando provas de sua vitalidade. Pode-se inferir, dessa forma, que o cordel brasileiro, literatura que no passado era unicamente oral ou impressa em folhetos e hoje se adapta às mais variadas formas de suporte textual, como livro, virtual e outros é resultado da prática milenar de narrar e ouvir histórias, ressaltando também que além de divertir e informar, a partir do momento que passa a ser impresso, a literatura popular foi um eficaz instrumento de letramento e alfabetização das populações a que eram negadas o espaço educacional formal.

O cordel brasileiro herdou do cordel medieval esses predicativos romanescos e, somado à herança trovadoresca dos cantores e poetas ibéricos resultou em textos poéticos narrativos com a forma e estética que hoje conhecemos. Alguns autores, no intuito de vincular as origens do cordel brasileiro à literatura popular europeia, retroagem ainda mais no tempo ao afirmar que “a poesia popular nordestina [...] é herdeira direta da tradição grega, eivada de influências dos trovadores medievais da Península Ibérica.” (VIANNA, 2010, p. 5)

O cordel brasileiro, portanto, desde a impressão dos primeiros folhetos, em finais do século XIX até a atualidade, preserva não somente os temas abordados, mas também a estética poética seja na modalidade das estrofes, na metrificação e nos temas versados. Alguns desses traços característicos da literatura de cordel têm vínculo com a poética medieval. Um desses traços é a introdução, o floreamento que o poeta faz para começar, de fato a narrativa, nas estrofes iniciais, evocando a proteção de deuses ou musas inspiradoras, para que o protejam, deem-lhe força e guiem sua verve poética, seu “dom”, para escrever a história anunciada, característica essa encontrada também na poesia da Grécia Antiga e na poesia medieval.

Nesse breve panorama histórico sobre o cordel brasileiro, importa destacar que, a despeito do importante papel que o gênero desempenhou, veio a entrar em declínio já nos anos finais da década de 1970, levando ao quase total desaparecimento dos folhetos, portadores textuais desse gênero e geralmente impressos em papel jornal.

Felizmente, com o surgimento na década de 1990 de editoras especializadas, tanto com edições em livros, como em folhetos, observou-se um reflorescimento da produção e difusão do cordel, possibilitando a reedição dos clássicos do gênero e impulsionando a publicação de novos textos de poetas contemporâneos. Esse ressurgimento foi fomentado pelas edições ilustradas de grandes editoras do Sudeste e o surgimento de editoras locais que

priorizaram o formato tradicional, o “folheto de feira”¹⁹, como a Tupynanquim em Fortaleza, a Coqueiro em Recife e a Queima-Bucha em Mossoró. Devemos acentuar ainda as editoras não especializadas em cordéis, como a IMEPH de Fortaleza, que também incluíram em seus catálogos a publicação de obras populares em formato de livro.

1.2 Características e Temas Dominantes no Cordel Brasileiro

Cordel é a poesia popular narrativa, impressa em folhetos de 08, 16 ou 32 páginas, medindo 11 por 15,5cm, publicado em larga escala no Nordeste brasileiro a partir da segunda metade do século XIX e que teve seu apogeu nos anos 30, 40 e 50 do século XX. Na Europa, entando, essa literatura de cunho popular, inicialmente transmitida oralmente e depois impressa em folhetos, há séculos já servia de meio de comunicação e de transmissão de conhecimentos. É um gênero literário, cuja principal marca é a poesia narrativa, com identidade popular e que se configura como “uma espécie de romanceiro que mesmo passando a ser impresso não deixou de ser oral.” (FERREIRA, 2013)

Do ponto de vista estrutural, o cordel brasileiro é um gênero textual que tem como característica a narrativa poética, com versos em redondilha maior²⁰, com as estrofes podendo ter seis, sete ou dez versos²¹, com rima soante²², linguagem clara e direta. A poesia popular narrativa, editada em folhetos, hoje conhecida como literatura de cordel passou a ser impressa e distribuída em larga escala no Nordeste brasileiro nas décadas finais do século XIX, quando o poeta paraibano Leandro Gomes de Barros, nascido na fazenda Melancias, então pertencente

¹⁹ Folheto tradicional editado em papel jornal, medindo 11 x 15,50cm com gravuras na capa. No Nordeste, foram percussores na edição de folhetos com essas características Leandro Gomes de Barros (1865-1918) e João Martins de Athayde (1880-1959).

²⁰ Versos com sete sílabas poéticas. Na contagem silábica do verso, contamos os sons. Cada unidade sonora é uma sílaba poética e ao escandirmos um verso, contamos até a última sílaba tônica.

²¹ Pode-se usar somente uma modalidade de estrofe em um mesmo cordel. A única possibilidade de uso de mais de uma modalidade de estrofe na mesma composição poética é na peleja, que é a narrativa do embate de dois cantadores transcrito para o cordel que, como na cantoria terá sextilha, setilha, décimas, martelos decassílabos e toadas da cantoria.

²² Quanto aos tipos, as rimas podem ser toantes ou soantes. Na rima toante, também chamada de assoante ou vocálica, a similaridade sonora manifesta-se somente nos sons das vogais tônicas e átonas. Para Câmara-Jr (Apud AZEVEDO, 1997, p. 115) “é o caso extremo de uma rima imperfeita”. No cordel usa-se a rima perfeita também denominada de soante ou consoante. Segundo Rogério Chociay (Apud AZEVEDO, 1997, p. 115), “é a rima em que há correspondência de sons vocálicos e consonantais a partir da última sílaba tônica”.

a Pombal, muda-se para Recife e passa a imprimir e vender seus folhetos em feiras e mercados de cidades nordestinas.

Apesar de suas características muito próprias, a poesia popular nordestina, hoje conhecido como cordel mantém outras características assemelhadas com o cancionero ibérico não só na estética, mas também na temática abordada:

Na escolha dos temas: os folhetos oriundos de Portugal e Espanha traziam contos populares tradicionais rimados, além de histórias tradicionais como Carlos Magno e os 12 pares de França, Princesa Magalona, João de Calais, Roberto do Diabo e Imperatriz Porcina. [...] Ao chegar ao Brasil, o Romanceiro Popular passou a assumir uma nova identidade, versando não apenas sobre os temas tradicionais, mas buscando inspiração em novas fontes como o cangaço, o ciclo do boi, o messianismo, a seca etc. (VIANNA, 2010, p. 9)

Os poetas Marco Haurélio e João Gomes de Sá em folheto, publicado em 2011, pela Editora Luzeiros, intitulado *O cordel, sua história, seus valores*, nas estrofes iniciais expressam essas origens, dando destaque ao fator memorização, o que fortalece a convicção da oralidade como mecanismo de perpetuação da tradição do romanceiro na perspectiva da construção e manutenção dos vínculos tradicionais dos primeiros habitantes enquanto sujeitos históricos. No metacordel, a dupla de poetas deixa claros esses vínculos, quando cantam:

No Nordeste brasileiro,
Conservados na memória,
Romances, contos e xácaras
Lembravam a antiga glória
De Portugal e da Espanha,
De que nos fala a História.

Era esse o tempo das gestas
Dos cavaleiros andantes,
E essa poesia rude
Dos bardos itinerantes
Foi trazida para a América
No bojo dos navegantes.

Essa poesia foi
Cantada pelos jograis,
Celebrando os grandes feitos
Dos heróis medievais,
E também falando sobre
Romances sentimentais.

E quando começa o ciclo
Das Grandes Navegações
De Portugal e da Espanha,
As antigas tradições
Vão se acomodando aos poucos
Pelas novas possessões. (FARIAS;SÁ, 2011, p. 13)

A respeito de heróis medievais e outras personagens do romanceiro ibérico vindo nas caravelas, convém lembrar Teófilo Braga (Apud CASCUDO, 2004, p.233) que descreve informações sobre as origens portuguesa e espanhola de Pedro Malazartes, o anti-herói mais famoso presente nas Histórias de Trancoso²³, na literatura de cordel e no folclore brasileiro. Segundo esse autor, citado por Câmara Cascudo, é possível identificar uma longa trajetória desse famoso personagem “nordestino” na literatura popular tanto de Portugal, como da Espanha. O autor referido cita várias canções populares, xácaras, poemas e folguedos com a presença de Malazartes, como, por exemplo, “Payo de Maas Artes”, na canção 1132 do cancionário do Porto e “Pedro Urde-Malas”, na literatura espanhola do século XVI.

Sobre essa influência, vale lembrar que tal personagem transcende as barreiras geográficas dos países ibéricos. Hans Christian Andersen (1996), escritor dinamarquês, principal autor de literatura infantil, autor de 156 histórias e contos de fada nos revela, em prefácio de sua obra, intitulado *Notas para meus “Contos de fadas e histórias ligeiras”*, com data de junho de 1862, que em 1835 publicou o primeiro fascículo de sua obra, cujo título era “*Contos de fadas para crianças*”. Esse trabalho, com 61 páginas, continha quatro histórias, dessas uma somente sendo de sua autoria e as demais, entre elas, Nicolão e Nicolinho como sendo, segundo o próprio Andersen, “histórias folclóricas recontadas.” (ANDERSEN, 1996, p. 18)

Essa história, a qual Hans Christian Andersen refere-se e caracteriza como um ‘conto folclórico dinamarquês’ nada mais é do que uma das tantas versões das presepadas de Pedro Malazarte, contadas no Sertão nordestino. Na versão de Andersen, Nicolão e Nicolinho são dois amigos que tem o mesmo nome, Nicolau. Um é rico, pois possui quatro burros e o outro é pobre, possui somente um. Para diferenciá-los, o que têm quatro animais é chamado pelo aumentativo e o que tem somente um burro, pelo diminutivo. Um dia, em uma crise de cólera Nicolão mata o burrico de Nicolinho. Nicolinho, o amigo pobre, tira o couro do animal, curti e sai pelo mundo levando a pele feita um pacote. Depois de muito andar encontra uma casa e pede abrigo para pernoite. A Senhora dona da casa, em conluio com uma serviçal o

²³ Histórias e contos tradicionais narradas em noites de lua cheia ou em encontros comunitários para trabalhos coletivos, como debulha de feijão em comunidades rurais. O termo trancoso relaciona-se com o contista português, que viveu em Lisboa, Fernandes Gonçalo Trancoso (1520-1596). Foi autor do livro *Contos e histórias de proveitos e exemplos*, obra publicada em 1575, de muito sucesso à época e reimpresso várias vezes até o século XVIII.

oferecem como dormida um monte de feno no quintal. Lá do monte de feno ele ver chegar o amante da mulher e esta, com ajuda da serviçal servir para a janta uma mesa farta.

Porém acontece um imprevisto e o dono da casa chega de viagem antes do tempo previsto e a mulher, sempre com a serviçal, apressadamente esconde a comida que estava posta à mesa e que seria servida ao namorado. O marido traído senta à mesa e sua mulher serve-lhe uma comida muito ruim. Nicolinho bate à porta, se apresenta ao homem da casa, e é convidado por este para jantar. Nicolinho se põe a comer a comida ruim e enquanto come bate com o pé no couro feito pacote e o couro range, ao que o dono da casa, ouvindo o som do rangido, pergunta o que é. Nicolinho destaca que é um courinho mágico que fala e adivinha e que o mesmo está afirmando que na dispensa há perus assados e muitas outras comidas saborosas. O homem, após confirmar a veracidade da informação e ambicionando a posse de tão inusitado objeto, oferta um alto preço pelo couro mágico.

Rico, Nicolinho volta a sua vila e Nicolão ao vê-lo ostentando riqueza pergunta como conseguiu. O amigo pobre, porem astuto, inventa outra história que o rico, vítima de sua própria ganância, termina acreditando e perdendo bens para o pobre. Numa desses contos Nicolinho destaca que, dentro de uma mala, foi jogado em um rio com o fundo cheio de ouro e prata, no que é imitado pelo ganancioso, que acaba morrendo e o que era pobre ficando com toda a sua riqueza.

Esse mesmo enredo é contado, tanto em cordel como em história de Trancoso em todo o Sertão nordestino. Na versão brasileira, Nicolinho é Pedro Malazartes e o Nicolão é representado pela figura terrível de um turco ou de um fazendeiro perverso. Na versão sertaneja a mala é um surrão (espécie de saco de couro cru) e o couro do burro do conto de Andersen é um urubu pintado de verde. Na versão colhida por Cascudo (1984), com a morte do pai, Pedro Malazarte e o irmão, João, matam e dividem entre si um jumento que fora deixado de herança. Com sua banda, malazartes sai pelo mundo. Quando a banda do animal começa a expelir mau cheiro ele a coloca em um terreno baldio, com uma corda arma uma armadilha e pega o urubu que pinta de verde, com o qual chega à casa do marido traído e informa que é “bicho adivinhão”.

Ao cotejar as lendas, os contos de fada, às histórias de Trancoso, os contos populares ibéricos e germânicos com o cordel brasileiro, pode-se inferir que essas histórias e personagens fantásticos como dragões e serpentes encantadas ou príncipes valentes e princesas

encarceradas, ao aportarem em terras nordestinas, no solo seco do Sertão foi se mesclando com os contos orais indígenas e africanos até ganhar uma feição genuinamente nordestina. As histórias, contos tradicionais e a poesia popular que vai se disseminando no Nordeste e outras Regiões do Brasil, não é mais essa narrativa europeia medieval. Segundo o folclorista Silvio Romero, essa narrativa, adaptada ao contexto do povo brasileiro é um produto genuinamente seu, “toda a poesia, todas as cantigas que não encontram correspondentes nas coleções portuguesas, como todos os romances sertanejos, muitas xácaras e versos gerais de um sabor especial.” (ROMERO, 2013, p. 24) são resultados diretos da miscigenação, da criatividade do povo oriundo das três raças.

Podemos ver que o cordel, mesmo trazendo todo um arcabouço de enredos com identidade europeia, como histórias de princesas e castelos medievais, ao pisar no solo nordestino se reconfigurou, incorporando o contexto de uma economia agropastoril, de uma sociedade patriarcal. Essa poética ibérica, fortemente influenciada pela arte de contar história de outros povos, dosada com a melodia trovadoresca, recria-se nas Américas, vestindo-se de rimas e versos metrificados que manuscritos em folhas avulsas foram oralizados até se tornarem impressos. Essa poesia escrita, de forte apelo oral chegou também em outras regiões das Américas e guardam similaridades com a poesia de folhetos do Brasil, como nos informa Vianna: “A arte do trovadorismo, proveniente da Península Ibérica, chegou ao Novo Mundo [...]. Houve um tipo de literatura popular em verso no México, Chile, Nicarágua e Argentina muito parecido com o folheto nordestino.” (VIANNA, 2010, p. 10)

No Brasil, essa poesia chegou também, como em outras regiões escrita à mão e oralizada e só passou a ser impressa em folheto na segunda metade do século XIX, como já informado, estando entre os primeiros autores a publicar cordéis os poetas Severino Pirauá de Lima e Leandro Gomes de Barros, em Recife. No entanto, há registros em coleções particulares da edição de folhetos anteriores aos publicados pelos poetas acima citados. Ariano Suassuna (Apud MAXADO, 2012, p. 40) deu notícia de um folheto com o título de *Romance d’A Pedra do Reino* impresso em 1836. O mesmo autor afirma que “o escritor Orígenes Lessa possui em sua coleção um folheto datado de 1865 [...] intitulado “*Testamento que faz um macaco especificando suas gentilezas, gaiatices, sagacidade, etc.*” (MAXADO, 2012, p. 40)

Mesmo assim, com o registro dessas publicações anteriores às de Leandro, a poesia popular, escrita em folhetos, surge no Brasil, mais precisamente no Nordeste:

A literatura de cordel brasileira surgiu de maneira tardia, porque antes da vinda da Corte Portuguesa, em 1808, era proibida a existência de prelos aqui no Brasil. A poesia popular oral ou manuscrita, que já existia desde os tempos de Agostinho Nunes da Costa, seus filhos Nicandro e Hugolino do Sabugi, Inácio da Catingueira e Romano da Mãe D'água, só viria a se servir dos tipos móveis quando o poeta Leandro Gomes de Barros mudou-se da Vila do Teixeira, na Paraíba, para Vitória de Santo Antão (PE), e passou a editar os primeiros folhetos nas tipografias de Recife. (VIANNA, 2010, p. 10)

Esse retardamento do surgimento da literatura de folhetos no Brasil, convém informar, foi um resultado do modelo de colonização empregado pela coroa portuguesa. Segundo Freire (1984), os portugueses ao aportarem em terras brasileiras não tinham como objetivo a criação de uma civilização. Queriam tão somente explorar as riquezas naturais, expropriando a população originária e escravizando o africano. Dessa forma a terra brasileira foi dividida em capitânicas hereditárias, com os senhores tendo poder de vida e morte sobre quem na terra habitava, impossibilitando qualquer desenvolvimento das forças produtivas. O educador Paulo Freire caracteriza a sociedade brasileira do Brasil-Colônia, como uma sociedade fechada. Nessa sociedade vai surgir um foco de progresso, somente com a chegada da Corte Portuguesa que permite surgir “o nascimento de escolas. De imprensa. De bibliotecas. De ensino técnico.” (FREIRE, 1984, p. 77). É, portanto, somente com o desenvolvimento dos centros urbanos que ocorrem o incremento das atividades comerciais e manufatureiras, possibilitando a instalação das primeiras escolas, circulação de jornais e conseqüentemente o desenvolvimento do parque tipográfico. É nesse cenário que a poesia de tradição verbalizada ou escrita à mão em folhas avulsas passa a ser impressa, tardiamente, em folhetos.

Segundo Vianna (2010), essa literatura manifestou-se no Sertão nordestino desde os primeiros momentos da colonização, inicialmente, através da oralidade ou escrita a mãos em folhas avulsas e depois costuradas. Essa prática de copiar à mão os poemas, mesmo já havendo em Portugal o folheto impresso, é também atestada por Maxado, quando informa, em sua obra *O que é cordel* que na bagagem dos colonizadores “vinham gestas, canções tradicionais, romances e xácaras manuscritas, apesar da imprensa ter sido introduzida em Portugal em 1497.” (MAXADO, 2012, p. 22). Nesse sentido vai também Farias, que afirma:

A Literatura de cordel é a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais, da literatura oral (em especial dos contos populares, com predominância dos contos de encantamento ou maravilhosos). É a literatura que reaproveita temas da tradição oral, com raízes no trovadorismo medieval lusitano, continuadora das canções de gesta, mas também espelho social de seu tempo. Com esta última finalidade, a Literatura de cordel receberá o qualificativo – verdadeiro, porém

reducionista – de “jornal do povo”. O cordelista, como hoje é conhecido o poeta de bancada, é parente do menestrel errante da Idade Média, que, por sua vez, descende do rapsodo grego. (FARIAS, 2010-b, p. 13)

Dessa forma, a literatura de folhetos, segundo os diversos autores citados nesse trabalho, existiu entre os diversos povos do Continente Europeu, sendo que a literatura popular presente na península ibérica foi a que diretamente influenciou a constituição do cordel brasileiro, transmitindo a este, além do nome a forma impressa em folhetos e estética das narrativas.

O cordel está inserido no universo da poesia popular, leque de expressões poéticas que tem na sua estrutura a rima e a métrica. Essa árvore da poética popular tem cinco frondosos galhos, a saber: o aboio, o repente, a embolada de coco, a poesia matuta e o cordel. O traço comum entre essas modalidades poéticas é o verso medido e a similaridade sonora após a última vogal tônica do verso em que ocorre a rima. Os versos onde ocorrem as rimas intercalam-se em combinações própria de cada modalidade de estrofe, o que permite a musicalidade da obra. A rima, para o poeta popular, é a beleza central do poema, é o encantamento em que o som melódico das palavras ecoa como cântico das musas. Esse ritmo sonoro da poesia herdeira do romanceiro ibérico permite ao poeta, e por conexão dialógica, ao leitor/ouvinte, a interação com o belo, com o imaginário, com o mítico dos elementos da natureza. É esse sentido que expressa o poeta Patativa do Assaré, quando no seu poema *Cante lá que eu canto cá*, publicado em 1992, no livro de mesmo nome, canta:

Meu verso é como a semente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obras da criação.

Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livros do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui ser poeta
E fazer rima com preta,
Não precisa professô;
Basta ver no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô. (ASSARÉ, 1992, p. 27)

Podemos, dessa forma, compreender que a rima e também a métrica, esta por ser inerente ao jeito de falar, são os elementos corpóreos da poesia popular, e que essa

característica, ao transitar entre a poesia oral e a poesia escrita em folhetos, conservando o estilo métrico setessilábico e a rima soante permitiu ao cordel, por sua temática universalizada, ser considerado, hoje, um gênero literário.

Como todo gênero, o cordel tem uma estrutura definida, cujo eixo é a rima, a métrica e a oração. Como sabido, cordel é poesia e como poesia se expressa em versos, sendo cada linha do texto, um verso, ou um pé, um conjunto de versos formando uma estrofe. O metro do verso no cordel, ou seja, a medida do verso é de sete sílabas poéticas, denominada de redondilha maior. Na contagem silábica, conta-se até a última sílaba tônica, sendo que nos versos em que deve ocorrer a rima, esta ocorre, sempre, após a última vogal tônica. Assim, vejamos a seguir, algumas das principais características estruturais do cordel.

1.2.1 A Sextilha, a Setilha e os Dez Pés.

No cordel é usual três modalidades de estrofes: sextilha (seis versos), setilha ou septilha (sete versos) e a décima ou dez pés, como o nome sugere, estrofe com dez versos. Na poesia ibérica em que pesquisadores identificam como cordel usava-se a quadra, no entanto essa modalidade não é mais usual. Essa modalidade de quatro versos, que pode ser fechada ou aberta, devido sua simplicidade, é a mãe, a gene geradora de todas as outras modalidades de estrofes. Foi a partir da quadra, acrescentando-se mais dois versos, que se evoluiu para a sextilha. “A sextilha brasileira é uma versão aperfeiçoada da quadra tradicional portuguesa, que no universo da poesia popular equivale ao átomo de hidrogênio (o elemento químico mais fácil de encontrar).” (TAVARES, 2016, p. 35)

1.2.1.1 A Sextilha

A sextilha, pela sua simplicidade composicional, é a modalidade mais usual, ainda hoje pelos poetas e é adequada para narrativas mais longas e romances. Nessa modalidade, os versos pares são rimados e os ímpares brancos, ou seja, sem rimas. Tradicionalmente, a notação do esquema de rima da estrofe de seis versos pode ser escrita de duas formas, a saber: XAXAXA, onde a letra X representa os versos brancos e a letras A os versos que rimam entre

si; a outra forma notacional do esquema de rima é ABCBDB, onde a letra B representa os versos pares, versos que rimam entre si e, as letras A, C e D representam os versos brancos. Como exemplo de sextilha, podemos citar a primeira estrofe do clássico *O romance do pavão misterioso*:

Eu vou contar a história
De um pavão misterioso
Que levantou voo da Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha de um conde orgulhoso. (RESENDE, 2008, p. 211)

1.2.1.2 A Setilha

A setilha ou septilha, estrofe de sete versos tem somente um verso branco, que é o primeiro. Todos os demais rimam, sendo que rimam entre si o segundo com o quarto e o sétimo versos e tem uma rima parelha do quinto com o sexto verso. A notação do esquema de rima é ABCBDDDB. As letras repetidas são os versos que rimam entre si. Como exemplo de setilha, uma estrofe de um poema do folheto *As histórias das plantas*:

Vermelho e alaranjando
São as cores do arrebol.
Ao nascer, a minha flor,
Vira-se pra luz do sol.
As minhas cores latentes
Dão proteção as sementes
Que me fazem girassol. (NEVES, 2018, p. 10)

1.2.1.3 Décima ou Dez Pés

A décima ou dez pés, é uma composição muito rica em musicalidade, no entanto é pouca usual devido sua complexidade de composição, já que ocorre rima em todos os versos. Existem diversas alternâncias no esquema de rima dessa modalidade, no entanto a mais usual é a que era de maior uso de Leandro Gomes de Barros, que tem o mesmo esquema de rima do

martelo²⁴. Nesse esquema rimam entre si o primeiro, o quarto e o quinto versos; o segundo e o terceiro forma uma rima parelha; o sexto, o sétimo e o décimo rimam entre si e o oitavo e o nono formam outra rima parelha.

1.2.3 A Rima

É o elemento que mais encanta o leitor/ouvinte e desafia aos poetas, pela sua complexidade, sejam os de bancada²⁵ ou os de improviso. Existe em grande variedade de tipos de rimas e, segundo Azevedo, em *Para uma teoria do verso* (1997), quanto a sua natureza, há rimas toantes e soantes, cada uma tendo inúmeras derivações. Nas rimas toantes, também chamadas de assoantes ou vocálicas, a similaridade sonora ocorre somente nas vogais átonas e tônicas. Por esse conceito, pode ser considerado como rimando entre si, os termos novo/fogo ou tormento/vertendo. Segundo J. Mattoso Câmara Jr. Esse “é o caso extremo de uma rima imperfeita.” (Apud AZEVEDO, 1997, p. 115)

Já a rima soante ou consoante, é a que é usada no cordel. Esse tipo de rima, considerada perfeita, pode também ser dita rima suficiente devido à identidade fonêmica após a última vogal tônica. Azevedo cita que tratadistas, a exemplo de Raul Xavier, denominam de ampliada e de opulenta devido ao fato da mesma ter, em alguns casos, o auxílio de uma consoante de apoio. “É a rima em que há correspondências de sons vocálicos e consonantais a partir da última tônica.” (AZEVEDO, 1997, p. 117). A título de rima soante ou consoante, podem ser citados os termos juventude/plenitude, cidade/maternidade, matemática/gramática, perfeição/união, regresso/progresso, cantar/falar. Vender/correr, expandir/falir, etc. No cordel essa rima pode ser rica, pobre ou esdrúxula.

A rima rica é uma tradição que vem de Castilho, o qual, na obra *Tradição de versificação portuguesa* (1908), “considera rica a combinação de vocábulos de classes gramaticais diferentes.” (Apud AZEVEDO, 1997, p. 124). Para exemplificar esse tipo de rima,

²⁴ Estrofe de dez versos decassílabos, usual na cantoria. Martelo agalopado devido ao ritmo lembrar o galope de um cavalo. O nome martelo é em homenagem ao seu criador, o italiano Jaime Pedro Martelo (1665-1727), que partindo das oitavas camonianas, introduziu o verso de 12 sílabas.

²⁵ Poeta de bancada é o poeta de cordel ou outro gênero popular escrito. Enquanto o repentista canta de improviso, “de repente”, o que exige um raciocínio rápido para responder cantando aos desafios do poeta opositor ou a um pedido do público, o “poeta escritor” senta à banca onde pesquisa sobre o tema a ser escrito, passando por um longo processo de produção de escrita, fazendo correções ou reescrevendo a obra a ser publicada.

vejamos os exemplos citados em Cordel criar, rimar e letrar: altar (substantivo) + cantar (verbo); dela (pronome) + bela (adjetivo); agora (advérbio) + chora (verbo).

A rima pobre, ao contrário da rica, rima palavras da mesma classe gramatical, como por exemplo janela (substantivo) + Rafaela (substantivo); gritar (verbo) + cantar (verbo); mimoso (adjetivo) + jeitoso (adjetivo), etc. Apesar dessa diferenciação entre rima rica e pobre, ambas são rimas perfeitas, são rimas soantes e não empobrecem a poética, como afirmam Arlene Holanda e Rouxinol do Rinaré:

Rima pobre não deve ser confundida com rima malfeita ou aparente. “Pobre” é apenas uma forma de classificação literária para o tipo de rima que ocorre entre palavras da mesma classe gramatical. No entanto podemos usá-la sem prejuízo para a qualidade do cordel, pois “pobre” e “rica” são rimas perfeitas, porque se enquadram na classificação de rima soante. (HOLANDA; RINARÉ, 2009, p. 36)

Rima esdrúxula é a ocorrência de similaridade fonêmica, ao final dos versos, entre palavras proparoxítonas. Como exemplos, podem ser citados os termos matemática/emblemática, cibernética/fonética, jurídico/fatídico, lírica/satírica, semântica/romântica entre outros. Ainda em relação a rimas soantes, Holanda e Rinaré (2009) chamam a atenção para as palavras que não tem a mesma grafia, no entanto tem o mesmo som no final, como sendo rimas perfeitas e, portanto, soantes. Nessa perspectiva “desce/prece, certeza/mesa, peça/essa, compromisso/sumiço e quis/feliz” (HOLANDA, RINARÉ, 2009, p. 37) são alguns exemplos com grafemas diferentes e fonemas em igualdade. Segundo os autores acima citados, o que empobrece o cordel são as rimas “aparentes”, aquelas que parecem que rimam mais não rimam. Essa rima é usual na poesia matuta, gênero poético de expressão regional, que teve como expoentes poetas como Patativa do Assaré e Zé da Luz, entre outros. No entanto, no cordel devem ser evitadas rimas como “flor + chegou, fugir + Piauí, verso + peço, ética + genérica, cava + palavra, Ceará + viajar, café + mulher, Brasília + cartilha.” (HOLANDA, RINARÉ, 2009, p. 37)

1.2.4 A Métrica

A medida, o tamanho do verso é o que dá a cadência melódica ao poema, que o torna agradável ao ouvido e permite-o ser cantado. Para medir o verso, contam-se as sílabas poéticas e no cordel essa medida exata é de sete sílabas, denominado de redondilha maior. Essa medida do “[...] verso de sete sílabas é por excelência do romanceiro hispânico e do cancionero

português (tendo ficado como remanescente na poesia popular do Nordeste brasileiro). Não há uma só corrente estética que o não haja praticado largamente.” (AZEVEDO, 1997, p.56). Segundo a professora Jerusa Pires Ferreira (FERREIRA, 2013), estudiosa da oralidade e literatura de folhetos, essa medida de sete sílabas poéticas, em língua portuguesa, é o ritmo natural da fala.

Para contar as sílabas poéticas de um verso, ou seja, para escandirmos um verso, contam-se os sons até a última vogal tônica. Como contamos os sons, produzidos de uma única vez e não as sílabas gramaticais, ocorrem algumas vezes que, no meio do verso acontece a fusão de uma vogal átona, de o final de uma palavra com a vogal seguinte, solta ou do começo de uma palavra, formando uma só pronuncia, processo denominado de elisão.

1.2.5 A Oração

É a coerência do narrador ao contar a história. Essa é a principal característica diferenciadora do cordel para a cantoria e outras modalidades poéticas populares como o aboio e a embolada de coco. Enquanto estas são factuais, aligeiradas, sem um foco narrativo determinado, o cordel é uma poesia narrativa, com foco, personagens, diálogos e descrição de cenários. Os poetas ao começarem um romance, ou mesmo um folheto de circunstância costumam, inicialmente, fazer descrições poéticas referentes a data do fato ocorrido, do espaço geográfico, das personagens principais e dos próprios acontecimentos narrados, para só depois adentrar ao foco narrativo, como podemos ver no romance de cordel autoria de José Camelo de Melo Resende, *Armando e Rosa, conhecidos por Coco Verde e Melancia*:

COCO VERDE E MELANCIA
 É uma história que alguém
 Quer sabe-la mais não sabe
 O começo de onde vem
 Nem sabem os anos que fazem
 Pois passam trinta de cem.

Coco Verde era filho
 De Constantino Amaral
 Morador do Rio Grande
 Mas fora da capital
 Pois sua casa distava
 Meia légua de Natal.

Porém seu nome era Armando

Como o povo o conhecia
 Mas a namorada dele
 Essa tal de Melancia
 A ele por Coco Verde
 Chamava e ninguém sabia.

Então dessa Melancia
 Rosa era o nome dela
 Porém Armando em criança
 Se apaixonando por ela
 Para poder namorá-la
 Pois esse apelido nela.

Portanto seu nome é Rosa
 Seu pai Tiago Agostinho
 De origem portuguesa
 Do pai de Armando é vizinho
 Seus sítios eram defrontes
 Divididos num caminho (RESENDE, 1982, p. 355)

Vemos, portanto, que o autor segue uma lógica, descrevendo uma linha narrativa, para que seu leitor/ouvinte compreenda o contexto da história, quem são as personagens, como vivem e as relações estabelecidas entre si. A oração consiste em o narrador fazer-se entender pelo leitor, apresentar os fatos com sequência lógica.

1.2.6 Os Temas e as Capas

Apesar da tentativa realizada por alguns autores de estabelecer vertentes narrativas ou ciclos temáticos, o cordel apresenta uma rica variedade temática, indo do romance clássico, com histórias de amor a contos de fadas, contos tradicionais, histórias de princesas e dragões, biografias, histórias de valentes, vaqueiros, fatos reais ocorridos na comunidade ou em torno dela e ultimamente, há um grande filão sendo explorado, que é a literatura infantil. A respeito dessa riqueza temática do cordel, Veríssimo Melo afirma:

Extremamente diversificada, como se sabe, é a temática do cordel. Tudo ou quase tudo serve de motivo aos poetas populares para escreverem seus folhetos. Desde os romances tradicionais – Carlos Magno e os doze pares de França, a Princesa Magalona, João de Calais, etc. –, que nos vieram da Idade Média, através do romanceiro ibérico, sendo aqui adaptados à ecologia e sentimentos nordestinos, até assuntos históricos brasileiros, fatos ligados à religiosidade, ao misticismo, à vida campestre, desastres, crimes, acontecimentos mais recentes da atualidade mundial. Estes últimos são os chamados folhetos de época, os **acontecidos**, para usar a terminologia já consagrada pelos estudiosos. Sem esquecer as **pelejas** ou **desafios**, debates entre repentistas, em geral imaginários ou alusivos à encontros reais de violeiros, sempre interessantes. (MELO, 1982, p. 21. **Grifos do autor**)

Conclui-se, dessa forma, que o cordel, por ser poesia narrativa e dependendo da criatividade do poeta, pode discorrer sobre qualquer temática. A exemplo disso, vale salientar que os poetas contemporâneos têm editado cordel tanto em folheto, como em livro ou mesmo de forma virtual sobre terror, saúde, literatura infantil e temas relacionados com a educação de crianças e jovens como Matemática, Geografia, Gramática, etc.

Após essa literatura ter despertado interesse de pesquisadores, a questão das capas tem sido tema permanente de acaloradas discussões. Devido a exposição que as diversas mídias têm feito sobre cordel, turistas, professores, estudantes e público em geral incorporaram a ideia em que associa o cordel à xilogravura, chegando inclusive a convicção que não tendo xilogravura na capa, não é cordel.

O cordel, como exposto neste trabalho, é poesia, é narrativa, é fala. Nessa perspectiva, no período anterior da chegada das tipografias no Brasil, essa poesia, ou mesmo conto em prosa se fazia de forma oral, ou então era copiado a mão em papéis avulsos. Com o advento das primeiras tipografias alguns poetas, entre eles Severino Pirauá de Lima (1848 – 1913) e depois Leandro Gomes de Barros começam a imprimir seus folhetos. Esses primeiros folhetos, até pelas limitações tecnológicas, tinham as chamadas “capas cegas”. Nessas capas, nada havia além no nome do poeta, do título da obra e do preço.

Só depois, lá pelos anos 10 do século XX é que começam a surgir as capas com desenho e cartões postais. Com o advento do cinema, foi possibilitada a modernização estética do folheto, usando-se nas capas fotografias de artistas e atores, as zincogravuras. Há informações da impressão de um folheto, tendo na capa uma xilogravura, ainda no começo do século, contudo foi um fato isolado. A xilogravura só passou a ser usada em larga escala nas capas dos folhetos, a partir dos anos 50, especialmente com a venda dos direitos autorais das obras de João Martins de Athayde e das obras de outros poetas a que este era detentor da propriedade a José Bernardo da Silva (1901 – 1971), alagoano radicado em Juazeiro do Norte. Portanto, não é a capa o definidor do que é ou não cordel. Sendo poesia popular narrativa e tendo em sua estrutura os elementos rima, métrica e oração, com estrofes de seis, sete ou dez versos, mesmo estando impresso em um livro, com outros textos ou impressos em folhetos ou outros suportes, tendo na capa fotografia, desenho, xilogravura ou mesmo outro recurso é cordel. O que definirá se é ou não cordel é a estrutura textual e não a capa do suporte.

1.2.7 Da Oralidade à Escrita.

Importante salientar que, em referência ao público apreciador de folhetos de cordel, em meados da metade do século XX, no Nordeste brasileiro, Melo (1982), assim também como Galvão (2000), ao classificar esse público, o definem como “leitores, ouvintes”. Melo (1982, p. 07) ao afirmar que o cordel “estranhamente” floresceu no Nordeste e que também se manifesta ao Norte e Centro-Sul do país afirma que nessas Regiões estão sempre ligadas a “poetas populares, leitores ou ouvintes” que migraram do Nordeste. A respeito dessa terminologia “ouvinte”, Galvão (2000) traça um perfil das pessoas que tinham acesso aos folhetos e, a partir de dados levantados em pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, em senso demográfico realizado em Pernambuco, no período pesquisado, chega à conclusão que, devido ao alto grau de analfabetismo, tanto na população rural como urbana e também, pela fala das pessoas a quem entrevistou, confirma sua hipótese inicial em que defende que essas pessoas, por não serem alfabetizadas ouviam, em verdadeiros saraus sertanejos, as histórias romanceadas, lidas ou cantadas por alguém alfabetizado.

Dessa forma justifica-se a denominação de leitor/ouvinte. Essa premissa perpetua a longa tradição da oralidade da poesia, em especial a popular. Percebe-se assim, que o cordel e outras modalidades poéticas como o aboio, o coco, o repente, as chácaras, as “Aves Marias”, ABCs e outras formas de expressões poéticas de caráter popular constituíam-se em verdadeiras escolas produtoras de saberes e transmissoras de costumes. Essa prática educativa, no entanto, não é uma invenção do Nordeste. Essa prática de transmissão de conhecimentos pela poética oral remonta aos mais antigos períodos da civilização humana.

Na Grécia antiga, foram os poetas, juntamente com os filósofos, sofistas, oradores e sábios, através da prática da oralidade, que lançaram as bases da Civilização Ocidental. Foram, portanto, os primeiros poetas gregos, andarilhos errantes, com suas poéticas em que predominavam as narrativas de guerras, as glorificações de heróis, guerreiros humanos ou semideuses, foram à pedra fundante da identidade cultural e civilizacional do povo grego. Essas obras poéticas, a exemplo de *Ilíada* e *Odisseia*, recitadas nos ajuntamentos humanos, foram portadores de conhecimento, os saraus foram à didática inicial e os poetas, primeiros professores. Assim, os filósofos, com Sócrates, iniciam a racionalização do conhecimento,

porem, “a cultura grega clássica se inicia com Homero e a educação “poética” que é nada mais do que a retomada das velhas tradições da educação oral. ” (TARDIF, 2010, p. 38)

A contribuição da fala para a preservação da memória e a formação de significado ao ser, enquanto pertencente a um grupo social, torna-se um elemento fundamental de transmissão de saberes. Nessa direção, Marcuschi explica que:

A contribuição da fala na formação cultural e na preservação de tradições não escritas que persistem mesmo em culturas que a escrita já entrou de forma decisiva. Veja-se o caso tão ilustrativo dos contos populares ainda tão vivos em nosso povo não só no interior, mas também em áreas urbanas. (MARCUSCHI, 2005, p. 25)

Pondé (1984), contribuindo com essa compreensão, ao refletir acerca da riqueza poética das manifestações folclóricas infantis, como as parlendas, as cantigas de roda e as adivinhas, acrescenta que estas, atravessaram mares e mantêm-se por séculos afins, cantadas repetidamente por crianças de todas as gerações, devido ao fator de tais manifestações serem poesia e explorarem de forma lúdica e mágica a palavra cantada. Compreende-se, dessa forma, porque o cordel, com seus enredos de mundos fantásticos e seres encantados, cantado ou lido ao ritmo cadenciado do verso medido e da rima melódica, tanto tenha encantado crianças, jovens e adultos do passado e do presente. A esse respeito, dando destaque as origens, o percurso, a oralidade e as possibilidades pedagógicas do cordel, o arte-educador, cantor e poeta popular Tião Simpatia escreveu os seguintes versos:

Graças à lusofonia
Que nos une pelos laços
Da cultura e da língua
Abrindo-nos os espaços
Para o desenvolvimento,
E aí o conhecimento
É a tônica da história
Que ora conto a vocês
Há cinco séculos se fez
Presente em nossa memória.

De origem greco-romana,
Época dos conquistadores,
Eu nasci entre os castelos
Na lira dos trovadores.
Alegrei reis e rainhas,
Príncipes e princesinhas,
Fenícios e saxões,
Por meio da oralidade
Cheguei a modernidade
Através das gerações.

Já no século XVI
 Cheguei a Península Ibérica,
 Entre Espanha e Portugal,
 Depois conquistei a América,
 Precisamente a do Sul,
 Onde o céu é mais azul
 E o mar da cor de anil,
 Ao aportar na Bahia,
 Mais tarde conquistaria
 O restante do Brasil.

Enfeitei-me com as penas
 Do *Pavão Misterioso*,
 Voei na imaginação
 Das *histórias de Trancoso*,
 No canto dos cantadores,
 Xilógrafos, pesquisadores
 Encontrei meu precursor
 Em Pombal, na Paraíba
 Que foi de Sertão arriba
 Difundindo meu valor.

Leandro Gomes de Barros,
 Foi esse o “cabra da peste”,
 Que me fez ser conhecido
 Pelo povo do Nordeste;
 João Martins de Athayde
 Que com Leandro divide
 A história como herança,
 Patativa do Assaré
 Que estudado foi e é
 Em Sorbonne, lá na França.

Os três elementos básicos
 Para a minha construção,
 Explico caro leitor:
 Métrica, rima e oração.
 A métrica é a quantidade
 De sílabas, que na verdade
 Significa medida.
 A rima tá pro fonema,
 A oração é o tema
 De uma estrofe concluída.

Estou sempre em evidência,
 Nunca fico obsoleto.
 Por ser muito folheado
 Ganhei nome de folheto.
 Por fim, a xilogravura
 Nas histórias de bravura,
 Romance e assombração
 Eu estou sempre presente,
 Usam-me principalmente
 Pra fazer educação.

Fui trazido em caravelas
 Pelos colonizadores
 Há mais de 500 anos
 Buscando novos leitores.
 Tornei-me então pioneiro

No Nordeste brasileiro
Vou cumprindo meu papel
De entreter e educar,
Permita-me apresentar:
O meu nome é Cordel. (SIMPATIA, 2017, p. 01- 08)

Destarte, o cordel, nomeado inicialmente pelo povo através de denominações como “romance”, folheto ou verso, era o veículo de comunicação que levava informação, lazer, entretenimento e prática de leitura coletiva para milhares de pessoas do campo e da cidade, como descrito nas estrofes acima. Ademais, essa genuína expressão literária do nosso povo, presente durante muito tempo em quase todas as feiras nordestinas, foi a principal forma pela qual se alfabetizavam as populações que não tinham acesso à educação formal. Com o folheto às mãos, no centro de uma roda de ouvintes, uma pessoa lia para os demais. Essa prática de leitura transmitia saberes e levava a que as pessoas sentissem necessidade de também aprender a ler. Dessa forma, o folheto de cordel, durante várias décadas, foi o veículo portador de saberes e que alfabetizou várias gerações de nordestinos.

Assim, o cordel sendo um gênero literário popular, com linguagem clara e direta e que possibilita ao leitor interagir com o texto em estado de ludicidade, poderá permitir um rápido entendimento por parte dos alunos dos temas abordados. Ademais, suas narrativas são bastante abrangentes, trazendo aos leitores desde contos infantis e *causos* populares, até histórias locais, versões de clássicos da literatura universal e temas do cotidiano. Nesse processo, o cordel, tendo como suporte o folheto tradicional ou o livro, se apresenta como um excelente instrumento auxiliar do processo de ensino-aprendizagem, franqueando ao aprendiz o contato com um universo encantador e também reflexivo, contribuindo, assim, com a construção de conhecimentos e com a prática da leitura em sala de aula.

Partindo dessas premissas, analisaremos a inserção do cordel na escola enquanto recurso didático que venha a contribuir com o despertar dos estudantes para o prazer da leitura. Nesse pormenor, importa destacar que a utilização da literatura de cordel em sala de aula não apenas pode servir como mediador no processo de aproximação dos estudantes com clássicos da literatura universal através de versões dessas obras-primas, como igualmente possibilita a abordagem de temas transversais e multidisciplinares em sala de aula, englobando saberes de disciplinas como Matemática, Geografia, História, Ciências da Natureza, Língua Portuguesa, etc., além de auxiliar no processo de produção textual.

2 O CORDEL E SUAS POTENCIALIDADES NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGENS

O objetivo desta seção é analisar a importância do cordel no processo de aprendizagem na Educação Fundamental I, observando como essa literatura dialoga com os processos formativos de crianças, jovens e adultos. Nessa perspectiva, discorreremos sobre as potencialidades metodológicas de ensino que esse gênero literário possibilita a professores e como estes poderão pôr em prática em suas salas de aulas. Para tanto, fazemos um resgate das práticas de leituras coletivas desenvolvidas com essa literatura por pessoas semialfabetizadas, interagindo com pessoas analfabetas, tendo como portador de texto o folheto. Inclui-se aí uma discussão em torno de como essas pessoas se alfabetizavam a partir dessas leituras em espaços não escolares, fenômeno comum até a primeira metade do século XX nas áreas rurais nordestinas.

Essa análise terá como ponto de partida alguns depoimentos de leitores e ouvintes dos anos 20, 40 e 50 do século passado, em Pernambuco, colhidos por autores como Galvão (2000). Também nos valeremos de um depoimento do poeta Arievaldo Vianna, poeta e autor de vários trabalhos desenvolvidos a partir de pesquisas da poética popular. Esse autor nos informa que foi criado pela avó, de nome Alzira, que residia em Canindé, a qual costumava ler romances e folhetos de cordel. Dessa forma, o folheto de cordel foi o seu primeiro contato com um portador de texto, configurando-se na cartilha com a qual se alfabetizou.

Essa reflexão, realizada a partir da fala desses leitores/ouvintes alfabetizados com o cordel, será concretizada mediante o diálogo com autores como Pondé (1984), Vygotsky (1994), Ferreiro e Teberosky (1999), Lima (2013), Machado (2015) e Soares (2016), pesquisadores que desenvolveram conceitos sobre desenvolvimento cognitivo, letramento, alfabetização e práticas de leituras na escola. Após essa reflexão, amparados no aporte teórico daí resultante, demonstraremos a viabilidade e as possibilidades de práticas docentes, tendo o cordel como instrumento pedagógico facilitador de aprendizagens.

Dessa forma, embasado em depoimentos de pessoas que tiveram o folheto como o portador de texto no processo de sua alfabetização, como também na análise de pesquisas desenvolvidas sobre esse tema, de documentos oficiais e de outros aportes teóricos,

desenvolveremos algumas reflexões com vistas a entender como o cordel pode e deve ser usado em ambientes de aprendizagens.

2.1 O Cordel como Ferramenta Auxiliar no Ensino-Aprendizagem.

Vários pesquisadores acentuam a condição do cordel como uma potencial ferramenta auxiliar do processo de ensino-aprendizagem, o que possibilita que se defenda sua inclusão entre os recursos didáticos e paradidáticos em todos os níveis da educação básica. Sobre essa potencialidade pedagógica do cordel, o poeta e professor Stélio Torquato Lima afirma que, entre outras vantagens do uso dos folhetos em sala de aula, “o cordel permite aos professores trabalharem novas habilidades e fortalecer alguns saberes sintonizados com as novas demandas educacionais.” (LIMA, 2013, p. 134). A partir desse entendimento, o autor argumenta que

o texto em versos possui uma dimensão lúdica e um componente de musicalidade ainda mais forte do que os textos em prosa. Além disso, a rima, a métrica e a sonoridade transformam o poema em um instrumento facilitador da memorização, auxiliando o aluno a reter o texto lido ou ouvido. (LIMA, 2013, 135)

A dimensão lúdica possibilitada pelo cordel a que alude o autor acima citado nos remete às reflexões desenvolvidas por Luckesi (2002) acerca da ludicidade e do estado lúdico, os quais permitem aos educandos transcenderem a um estado de consciência que os convidam a vivenciar experiências importantes para seu desenvolvimento. A partir de textos que os levem a interagir com um mundo imaginário, relacionando com elementos do cotidiano, os aprendizes de leitores poderão relacionar essas narrativas a elementos do meio sócio cultural, tornando-se, dessa forma, uma leitura tanto atrativa quanto significativa.

Essa leitura lúdica, significativa e mediadora do reconhecimento do elemento sócio cultural pode ser percebida, por exemplo, em cordéis com viés cômico. Tais obras, as quais se acham vinculadas à tradição de fabular presente nos contos tradicionais e ao rico filão das histórias de Trancoso, muitas vezes começam se referindo a uma era mítica, um tempo “em que os bichos falavam”, como observamos no cordel de autoria Manoel Pereira Sobrinho (1918-1995):

Leão era o rei da terra,
A leoa era a rainha;
O resto dos animais

Tinha o posto que convinha;
O cachorro era soldado,
Sujeito de muita linha

Certo dia eu viajei
Entrei numa paisagem;
Por ordem da poesia
Fiz bonita reportagem
Bem no coração da selva
Num palácio de folhagem.

Vi o coelho carpinteiro,
Preá era malandreco,
Uma rã tocava reco,
O tigre era desordeiro,
O macaco era ferreiro,
Tatu tocava viola;
Cascavel tinha uma escola,
Cururu tinha olaria,
Gato tinha padaria,
Avestruz jogava bola (PEREIRA SOBRINHO, 2012, p. 93)

Como se pode perceber, os professores podem trabalhar de várias formas a graciosidade do texto apresentado junto aos seus alunos, seja trabalhando a musicalidade propiciada pela rima e pelo metro, seja explorando as imagens dos animais associados a diferentes profissões, entre outros aspectos que o texto franqueia. Nesse pormenor, importa lembrar que, enquanto texto poético, obras como a que foi apresentada permitem trabalhar junto aos educandos “a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade e do mundo dos seres, o cultivo do humor”. (CÂNDIDO, 1995, p. 249)

Essa reflexão sobre a potencialidade pedagógica do cordel parte da análise da riqueza da literatura popular brasileira e sua estética artística, como argumentam os autores acima citados. Esse é também o entendimento presente em Documentos Oficiais, tais como os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, que, nos seus princípios e fundamentos, orientam que a escola deverá atuar na perspectiva de uma construção cidadã, tendo, dessa forma, a necessidade de que sejam assumidas, em contexto de aprendizagens escolar, práticas que permitam a comunidade se reconhecer culturalmente. Para a concretude dessas práticas, a escola deve buscar a

valorização da cultura de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites, propiciando às crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade.

O desenvolvimento de capacidades, como as de relação interpessoal, as cognitivas, as afetivas, as motoras, as éticas, as estéticas de inserção social, torna-se possível mediante o processo de construção e reconstrução de conhecimentos. Essa aprendizagem é exercida com o aporte pessoal de cada um, o que explica por que, a partir dos mesmos saberes, há sempre lugar para a construção de uma infinidade de significados, e não a uniformidade destes. Os conhecimentos que se transmitem e se recriam na escola ganham sentido quando são produtos de uma construção dinâmica que se opera na interação constante entre o saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola, num processo contínuo e permanente de aquisição, no qual interferem fatores políticos, sociais, culturais e psicológicos. (BRASIL, 1997-c, p. 34)

Na mesma linha do que observamos no texto dos PCN, as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*, no artigo 14, que trata da formação básica comum e da parte diversificada, incorpora a ideia de que, nessa etapa da formação do educando, seja oportunizada às crianças e aos jovens em processo de ensino-aprendizagem a possibilidade de construção de conhecimentos a partir de saberes e valores produzidos culturalmente e que integram a Base Nacional Curricular, entre os quais se incluem a Língua Portuguesa, o conhecimento do mundo e a Arte em suas diferentes formas. (Cf. BRASIL, 2013, p. 79)

No processo de atendimento a essa diretriz, as atividades multidisciplinares e interdisciplinares se revelam importantíssimas, haja vista possibilitar aos educandos ampliar seus horizontes cognitivos. Nesse contexto, as obras em cordel podem auxiliar os professores a abordar e desenvolver temáticas das mais diversas áreas. À guisa de ilustração desse entendimento, apresentamos outras estrofes do já citado cordel “No tempo em que os bichos falavam”:

Gambá vendia perfume,
Raposa era caçadora,
Andorinha era pastora,
Cotia tinha um curtume,
O burro era advogado,
O cavalo deputado,
Rinoceronte prefeito,
Rato era mau sujeito,
Peru era o delegado.

Imbuá abria estrada,
Aranha era tecedeira,
Guará vendia na feira
Cana muito bem cortada,
Borboleta era empregada
Em uma loja de renda,
Caititu tinha uma tenda,
O pato era sapateiro,
Ganso tocava pandeiro,
Guaxinim tinha moenda.

Canguru era inspetor,
 A cabra vendia leite,
 O pavão vendia enfeite,
 Catita era promotor,
 O jumento era doutor,
 A égua era candidata,
 A “miss” bela e exata,
 Ticaca era dançarina,
 Camaleão, na campina,
 Consertava a alpargata. (PEREIRA SOBRINHO, 2012, p. 94)

Como vemos na passagem citada, o cordel de Pereira Sobrinho exemplifica com perfeição como esse gênero pode ser eficaz para ampliar o leque de informações dos alunos. Como é o caso do canguru, que por não ser um animal da fauna local, permite a que seja explorado, conjuntamente por professores e alunos, conhecimentos geográficos do seu habitat, ou conhecimentos relacionados com as Ciências Naturais, investigando seus hábitos, sua alimentação, se é roedor, mamíferos, etc. Nesse contexto, ratifica-se aqui o argumento defendido por Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, ao ressaltarem que a “leitura de cordéis para crianças e/ou com as crianças em sala de aula amplia o repertório infantil de convivência com bichos e, sobretudo, sua capacidade de brincar com os ritmos da língua e os voos da fantasia” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 61)

Para além de fatores ligados à ludicidade e à exploração das potencialidades expressivas da língua, a inserção do cordel no ambiente de sala de aula traz muitas outras vantagens, levando-se em conta que, na escola, “a literatura de cordel se revela bastante interessante no que tange à diversificação textual, ao trabalho com artefatos estéticos, ao contato com a oralidade, ao exercício da criatividade, à percepção da riqueza e à pluralidade cultural brasileira.” (LIMA, 2013, p. 138)

A associação entre cordel e escola, a propósito, não se efetiva aqui sem o apoio da tradição, tendo em vista que, desde sua criação, no final do século XIX, o cordel desempenhou um papel educativo importantíssimo junto às populações do Nordeste brasileiro. Pois muitos indivíduos que habitavam os sertões nordestinos vieram a se alfabetizar através dos versos simples desse gênero poético, os quais chegavam às populações da zona rural (e até mesmo da urbana) por meio de versões versificadas de clássicos da literatura universal e de contos tradicionais, além de histórias de autoria dos próprios poetas. Nesse pormenor, como destaca Melo (1982), o folheto constitui-se em um verdadeiro jornal do sertanejo, trazendo, muitas

vezes em primeira mão notícias de repercussão nacional ou acontecimentos de caráter mais local.

2.2 As Raízes Históricas do Analfabetismo, da Educação Formal Tardia e a Alfabetização com Folhetos.

O cordel evidencia-se como um gênero literário que tem como característica a poesia popular narrativa e que, segundo autores como Melo (1982), Cascudo (1984), Farias (2010) e Maxado (2012), têm raízes ibéricas. No entanto o cordel, como hoje o conhecemos, diferencia-se na forma e na estética da literatura popular que circulou na Alemanha século XV, na Holanda no século XVII e na Inglaterra e na Península Ibérica nos séculos XVIII e XIX. Enquanto nesses países, a literatura popular impressa, nos períodos acima referidos, poderia ser em folhetos ou mesmo folhas soltas, tendo como conteúdo contos tradicionais, receitas culinárias, fatos circunstanciais, partituras e mesmo orações e encíclicas, sendo que o conteúdo textual tanto podia ser em prosa como em verso, o cordel brasileiro, ao contrário destes, a partir do momento que passa a ser impresso em folhetos adquiriu formas e normas fixas, configurando-se com um estilo literário próprio. Portanto, como hoje o conhecemos, o cordel é uma expressão literária genuinamente brasileira, daí autores como Aderaldo Luciano (Cf. LUCIANO, 2012) e outros o denominarem de cordel brasileiro²⁶ ou, simplesmente cordel.

A especificidade do cordel brasileiro advém de circunstâncias muito peculiares de nossa cultura que terminaram por serem decisivas para que as narrativas de nossos poetas populares incorporassem tanto personagens quanto mentalidades muito singulares. É o que defende, entre outros, Diegues Júnior (*Apud* MELO, 1982, p. 12), enfatizando como o contexto sócio-histórico nordestino contribuiu para nosso cordel ganhar os contornos atuais:

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre

²⁶ Esse conceito passa a ser adotado a partir da compreensão de que o cordel produzido no Brasil não se constitui de peça “folclórica” e que, ao contrário do que defendem muitos autores, o cordel tem data e local de nascimento: Recife, em fins do século XIX (Cf. OLIVEIRA, 2015). O cordel, dessa forma, é um gênero literário, uma modalidade de poesia com forma fixa poética e subdivisões complexas, diferenciando-se do romanceiro medieval europeu e da cantoria de viola nordestina. Por isso, optamos aqui pela expressão “cordel brasileiro”.

outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular.

Também no tocante ao papel que o cordel assumiu no âmbito da formação de leitores, em muito contribuiu o modelo de sociedade aqui desenvolvido. Pois, como se sabe, o Brasil, em especial a região Nordeste, apresentou uma peculiaridade na sua ocupação territorial, a partir da colonização portuguesa: esse processo de colonização caracterizou-se como exportador de matérias-primas, como couro, produtos vegetais, açúcar e minérios; em contrapartida, observou-se a importação de produtos manufaturados de primeira necessidade, tais como roupas, utensílios e mesmo alguns alimentos como farinha de trigo, pimenta e outros²⁷. Devido a esses fatos, como explica Freire (1984), não houve interesse da metrópole em impulsionar o desenvolvimento da sociedade que, aos poucos, ia sendo gestada em solo colonizado. Em consequência disso, a escola veio a ser implantada tardiamente no Brasil.

Posteriormente, em meados do século XX, pelo seu desenvolvimento socialmente desigual, de caráter predatório, e uma industrialização edificada à custa de uma força de trabalho precarizada, a sociedade brasileira sempre apresentou taxas elevadas de analfabetismo e, mesmo em meios urbanos em processo de desenvolvimento, as taxas de alfabetismos²⁸ sempre foram muito baixas.

Essa desigualdade tem raiz no modelo social escravocrata, na concentração da propriedade da terra e uma industrialização que não levou em conta o bem-estar de toda a população, prevalecendo os interesses econômicos da casta social que no passado usufruiu da riqueza produzida pelo trabalho escravo. Assim, as vastas camadas populares e outros setores historicamente invisibilizados eram excluídos do acesso à educação formal, entre outros direitos básicos.

Em função de se encontrar excluída do acesso às escolas, essa vasta parcela populacional encontrava na oralidade e, em especial, na literatura popular, formas eficazes e próprias de preservação de saberes e da produção de conhecimentos novos, como o letramento

²⁷ Até os anos 70 do século XX, em cidades do interior do Nordeste, era bastante comum as pessoas usarem o termo “do reino” acrescentado ao nome de alguns alimentos, como por exemplo: farinha do reino (trigo), manteiga do reino e pimenta do reino, este sendo ainda usual. Com essa expressão, pretendia-se identificar os produtos que vinham de Portugal, ou seja, “do reino”.

²⁸ Processo amplo, que vai além da leitura e escrita que possibilita ao sujeito alfabetizado a capacidade de ler criticamente e interagir em práticas sociais questionadoras.

e alfabetização. Eram com leituras coletivas de folhetos de cordel que a população rural e vastas parcelas da população urbana iletrada tomavam conhecimento do contexto social do Brasil e do mundo, assimilavam as desigualdades sociais, as injustiças e ascendiam ao conhecimento, alfabetizando-se e problematizando o estabelecido.

Não somente a poesia, mas também o conto, a fábula e outros gêneros populares têm auxiliado a educação não só no Brasil, mas em todo o mundo. Sobre esse desempenho educativo da literatura popular em civilizações antigas, vale destacar que vários autores, a exemplo de Tardif (2010), Vianna (2010) e Farias (2010), informam que, na civilização helênica, a educação ocorria por meio da poesia. Eram os poetas que desenvolviam a tarefa de instrução pública, recitando nas praças poemas épicos que traziam ensinamentos e feitos heroicos desses povos. A fábula, literatura popular muito presente na Grécia, também desenvolveu esse papel. É o que esclarece Machado (2015), informando que o conto tradicional e a fábula tinham essa função também na Índia, onde a autora sugere, baseada nas teorias de Theodor Benfey (1809-1881), que teria se originado a maioria das narrativas populares do mundo²⁹. Como ele explica, o *Panchatantra* (“Cinco princípios”, em sânscrito), uma coleção de contos e fábulas organizada por volta do século IV, foi concebido nitidamente com objetivos educacionais: “Essas histórias teriam sido escritas para educar os príncipes hindus, dando-lhes conhecimentos sobre política, ética e aspectos básicos da vida”. (MACHADO, 2015, p. 196)

Nas duas últimas décadas do século XIX, com o estabelecimento em Recife e arredores de grandes nomes da poesia popular, a exemplo de Leandro Gomes de Barros (1865-1918) e outros poetas, tem início a produção em larga escala de impressos com poesia popular. Esses poetas passaram a imprimir e distribuir centenas de milhares de folhetos, criando, dessa forma, um público que lia ou ouvia essas histórias rimadas. Todo esse processo de produção e circulação de folhetos com poesia popular narrativa fomentou não só o letramento, mas a inclusão de muitos desses sujeitos no reduzido círculo de pessoas alfabetizadas.

Para uma maior compreensão do papel desempenhado pelo cordel nesse processo de inclusão de nordestinos pobres e iletrados na cultura escrita faz-se necessário diferenciar os

²⁹ Convém destacarmos, no entanto, que muitos pesquisadores ligados a uma corrente etnográfica, entre os quais o inglês Andrew Lang, defendem que as narrativas populares teriam “brotado ao mesmo tempo em várias culturas, geograficamente afastadas” (MOISÉS, 2006, p. 32).

conceitos letramento e alfabetização. No livro *Alfabetização e letramento*, Soares (2003, p. 28) esclarece que nas modernas sociedades, as sociedades grafocêntricas, há o privilégio da cultura letrada em detrimento da cultura oral, conceituada como cultura secundária. A mesma autora explica que analfabeto é um termo corrente e de compreensão universalizada, caracterizando “analfabetos” aqueles sujeitos que não leem, nem escrevem. Alfabetizar é, portanto, o ato de ensinar a ler e escrever, sendo que alfabetização, segundo a mesma autora, como explica na obra *Alfabetização: a questão dos métodos* é o “processo por meio do qual a criança se apropria do sistema alfabético e das convenções da escrita” (SOARES, 2016, p. 22), vindo, dessa forma a iniciar-se nas práticas de leitura e escrita.

Em relação ao letramento, importa informarmos de antemão que este ocorre anterior ao processo de alfabetização. Caracteriza-se pelo período em que a criança tem acesso ao convívio sociocultural de uma sociedade letrada e que, através da interação com outros sujeitos sociais começa a aprender a língua escrita apropriando-se das tecnologias que envolvem o sistema alfabético e suas convenções de forma abrangente, tendo contato com portadores de textos que a introduza em práticas sociais de leitura e escrita. Esses portadores não são necessariamente livros ou revistas, tampouco um jornal. Tanto podem ser esses portadores citados, como também pode ser uma placa, um calendário, um adesivo, um rótulo de uma lata de conserva, um papel de chiclete, a propaganda televisiva e hoje, as redes sociais da internet ou, no caso dos sujeitos da pesquisa de Galvão (2000), o folheto de cordel.

O letramento, portanto, ocorre através da interação do sujeito com o meio cultural, exercitando seus usos, absorvendo suas funções e os valores atribuídos à língua escrita, interagindo com as pessoas, expressando-se e compreendendo as mensagens recebidas. Magda Soares nos explica que a fala, por ser inata, para ser aprendida é necessário somente o convívio, a imersão da criança em um “ambiente que ouve e fala a língua materna” (SOARES, 2016, p. 45), já para aprender a escrever, por ser um processo histórico, um produto cultural, se faz necessário “a construção de uma *visualização dos sons* da fala”. (SOARES, 2016, p. 45. Grifos da autora). Percebe-se assim que o folheto foi o portador textual que possibilitou aos contingentes iletrados do Nordeste o contato com a “representação visual da cadeia sonora da fala.” (SOARES, 2016, p. 28)

Dessa forma, o leitor/ouvinte de cordel dos anos 30, 40 e 50 do século passado ao qual se refere Galvão (2000) em sua pesquisa realizada em Recife e algumas cidades

pernambucanas, como deixa transparecer em suas reflexões, foram letrados com o folheto de cordel e desse universo, alguns saem da situação de letramento e se alfabetizam e muitos deles chegam ao estado de alfabetismo, que “envolve dois processos fundamentais: ler e escrever.” (SOARES, 2003, p.31). Sobre a importância educativa do cordel, Galvão explica que,

a leitura e a audição de folhetos também cumpriam, assim, um papel “educativo”, em uma sociedade caracterizada pelas altas taxas de analfabetismo, pela pequena oferta de escolarização – sobretudo pública – e pela precariedade no funcionamento das escolas existentes. Em muitos casos, através da memorização dos poemas e em um processo solitário de decodificação, pessoas analfabetas aprendiam a ler ou desenvolviam suas competências de leitura. (GALVÃO, 2000, p. 507)

Por competência de leitura compreende-se não somente o ato de ler e escrever, mas o desenvolvimento da capacidade de compreender o que leu e, a partir da leitura interagir em práticas sociais de um ambiente letrado. O estado de alfabetismo possibilita aos sujeitos sociais a compreensão do contexto, dando-lhes autonomia e perspectiva de rupturas nas relações de poder, como acentua a Soares:

Na perspectiva radical, “revolucionária” as habilidades de leitura e escrita não são vistas como neutras, são habilidades a serem usadas em práticas sociais, quando necessário, mas são vistas como um conjunto de práticas socialmente construídas envolvendo o ler e o escrever, configuradas por processos sociais mais amplos e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e padrões de poder presentes no contexto sociais. (SOARES, 2003, p. 35)

Dessa forma, ao analisarmos a vasta quantidade de títulos de folhetos de cordel que foram publicados pela casa editora de João Martins de Athayde, em Recife, no período pesquisado por Ana Maria de Oliveira Galvão, podemos perceber uma quantidade significativa de folhetos satíricos e de críticas sociais. Dessa forma, entendemos que esses textos, em que pese o conservadorismo e a cesura do Estado Novo, regime ditatorial que vigorou de 1937 a 1945, contribuíram para a tomada de consciência da população urbana e rural que lia ou ouvia cordel, os colocando no patamar do “estado de alfabetismo”.

Leandro Gomes de Barros muito contribuiu como poeta, editor e vendedor de folhetos, a exemplo de outros poetas, como o próprio Athayde, com esse processo. Barros escreveu e publicou vários poemas em folheto fazendo sátiras com os poderosos da época ou denunciando, em linguagem direta a inoperância de governantes, o descaso com a administração pública e com as mazelas sociais. Poesia com características satíricas, de crítica

social denunciante de prepotências, corrupções e outras práticas questionáveis resultante da relação de poder.

Portanto, além de proporcionar possibilidades de inserção às práticas de leitura e escrita, o cordel também possibilitou desde seu surgimento a construção de uma consciência crítica, a formação de um leitor com condições de ler o texto e analisar o contexto social em que estava inserido, o levando a exercitar o processo de leitura em práticas sociais. Exemplo disso é o poema *A seca no Ceará*, de autoria de Leandro Gomes de Barros, escrito em 1915 e publicado em folheto, postumamente em 1920, do qual descrevemos o seguinte trecho:

Seca as terras as folhas caem,
Morre o gado sai o povo,
O vento varre a campina,
Rebenta a seca de novo;
Cinco, seis mil emigrantes
Flagelados retirantes
Vagam mendigando o pão,
Acabam-se os animais
Ficando limpo os currais
Onde houve a criação.

(...)

Vê-se uma mãe cadavérica
Que já não pode falar,
Estreitando o filho ao peito
Sem o poder consolar
Lança-lhe um olhar materno
Soluça implora ao Eterno
Invoca da Virgem o nome
Ela débil triste e louca
Apenas beija-lhe a boca
E ambos morrem de fome.

Veem-se moças elegantes
Atravessarem as ruas
Umas com roupas em tira
Outras até quase nuas,
Passam tristes, envergonhadas
Da cruel fome, obrigadas
Em procura de socorros
Nas portas dos potentados,
Pedem chorando os criados
O que sobrou dos cachorros.

Aqueles campos que eram
Por flores alcatifados,
Hoje parecem sepulcros
Pelos dias de finados,
Os vales daqueles rios
Aqueles vastos sombrios
De frondosas trepadeiras,

Conserva a recordação
Da cratera de um vulcão
Ou onde havia fogueiras.

(...)

Santo Deus! Quantas misérias
Contaminam nossa terra!
No Brasil ataca à seca
Na Europa assola a guerra
A Europa ainda diz
O governo do país
Trabalha pra o nosso bem
O nosso em vez de nos dar
Manda logo nos tomar
O pouco que ainda se tem.

(...)

Os habitantes procuram
O governo federal
Implorando que os socorra
Naquele terrível mal
A criança estira a mão
Diz senhor tem compaixão
E ele nem dar-lhe ouvido
É tanto a sua fraqueza
Que morrendo de surpresa
Não pode dar um gemido.

Alguém no Rio de Janeiro
Deu dinheiro e remeteu
Porém não sei o que houve
Que cá não apareceu
O dinheiro é tão sabido
Que quis ficar escondido
Nos cofres dos potentados
Ignora-se esse meio
Eu penso que ele achou feio
Os bolsos dos flagelados. (BARROS, s.d., 01 - 09)

Como observamos na passagem transcrita, o poeta descreve nessa obra a calamidade do povo cearense, resultante das consequências da maior estiagem já registrada no Estado, dizimando milhares de vidas e o descaso das autoridades com o fato. Nesse processo o poeta lamenta o sofrimento do povo, denuncia e brada contra governantes corruptos que desviam verbas. Essa inclinação para a denúncia dos desmandos das autoridades, a propósito, é igualmente evidenciada em outro poema do autor, *O dinheiro ou o testamento do cachorro*, um dos três cordéis que serviram de base para Ariano Suassuna (1927-2014) criar em 1955 a célebre peça *O Auto da Compadecida*.

Em *O dinheiro ou o testamento do cachorro*, é narrado o falecimento de um cachorro e o desejo do seu dono, um inglês muito rico, de enterrá-lo com todas as pompas de um funeral católico. Para realizar seu desejo, o inglês não hesita em corromper o padre e este, por sua vez corrompe seu superior eclesiástico, o bispo, para que o animal tenha um enterro com as “encomendações” divinas da igreja, a troco de “quatro contos de Reis”. Esse enredo é descrito em 34 estrofes de seis versos e como introdução, nas 04 primeiras páginas, o poeta faz uma crítica ácida ao sistema societário capitalista, “reino” onde impera o “deus” dinheiro. Vejamos a abertura da obra:

O dinheiro neste mundo
 Não há força que o debande,
 Nem perigo que o enfrente,
 Nem senhoria que o mande.
 Tudo está abaixo dele
 Só ele é quem é grande.

Ele impera sobre um trono
 Cercado por ambição,
 O chaleirismo a seus pés
 Sempre está de prontidão,
 Perguntando-lhe com cuidado:
 — O que lhe falta patrão?

No dinheiro tem se visto
 Nobreza desconhecida,
 Meios que ganham questão
 Ainda estando perdida,
 Honra por meio da infâmia,
 Glória mal adquirida.

Porque só mesmo o dinheiro
 Tem maior utilidade,
 É o farol que mais brilha
 Perante a sociedade.
 O código dali é ele,
 A lei é sua vontade.

O homem tendo dinheiro
 Mata até o próprio pai.
 A justiça fecha os olhos,
 A polícia lá não vai.
 Passam-se cinco ou seis anos,
 Vai indo o processo cai.

Compra cinco testemunhas
 Que depõe em seu favor,
 Aluga dois escrivães
 E compra o procurador.
 Faz dois doutores de prata,
 Pronto o homem, meu senhor.

Ainda que vá a júri
 Compra logo atenuante,
 Dar um unto nos jurados,

Livra-se no mesmo instante,
Tem o juiz a seu favor,
Jurados e assim por diante.

Essas questões muito sérias
Que vão para o tribunal,
Alí exige os papeis
Que levam prova legal,
Cédulas de quinhentos fachos,
É o papel principal. (BARROS, 2016-a, p. 01 -02)

Vemos nos versos apresentados como o poeta se esmera em descrever o perfil da sociedade de seu tempo. Nesse processo, deixa claro sua crítica ao modelo social em que as pessoas são valorizadas pelos títulos e pelas posses e o poder que o dinheiro exerce sobre as pessoas, ocasionando desvios de comportamentos éticos. Essas questões ficam explicitadas nas estrofes transcritas, nas quais se sobressai à máxima “cada vale o que tem”.

Vemos, portanto, que o cordel, já no seu nascedouro, enquanto texto impresso com expressividade oral, foi cumpridor de importante papel enquanto alfabetizador e também como conscientizador coletivo, contribuiu com pitadas de humor a formação dos leitores/ouvintes, enquanto sujeitos sociais. Essas poéticas, impressas em folhetos, vendidos em feira e com preço acessível, lidos por uma pessoa alfabetizada e ouvido por dezenas de pessoas iletradas, eram decorados, repetidos e, com o manuseio tornava-se portadores de processos de alfabetização.

Com a força poética de versos rústicos, os poetas levavam as pessoas ouvintes e leitoras a interagir com o contexto, seja com folhetos circunstanciais, seja com romances onde imperavam dragões da maldade devoradores de moças donzelas, em luta com justos heróis camponeses, como no romance *Juvenal e o dragão*, de Leandro Gomes de Barros ou então em folhetos de gracejo, os preferidos dos ouvintes, nos quais desfilavam nos versos rimados os anti-heróis astuciosos como João Grilo, Cancão de Fogo e Pedro Malazartes, personagens conhecidos como “amarelinhos”, termo referente à cor amarela que popularmente representa a fome, a dor e a desnutrição a que historicamente foi e é submetida às camadas populares das regiões mais escarças de recursos e de políticas públicas, como o Nordeste brasileiro. Esses anti-heróis personificaram o nordestino sofrido, porem astuciosos e que para driblar as injustiças sociais, muitas vezes tem que usar de espertezas.

Com essas histórias rimadas, o público leitor/ouvinte passava a conhecer os espaços geográficos de onde ocorriam as tramas, a história de povos em guerra e os costumes de países distantes como Japão, Grécia e Turquia (como fez Evangelista a bordo do seu *Pavão misterioso*), e mesmo os aspectos geográficos de outros Estados brasileiros (como ocorre com o *Valente vaqueiro Zé Garcia*, pelo astucioso Cancão de Fogo ou por vaqueiros que viajavam semanas inteiras, enfrentando sol, chuva e onças matreiras nos pés das serras, campeando barbatões e bois misteriosos).

Essa força da expressividade melódica das rimas, da oração e da medida cadenciada que dá musicalidade ao verso vem da resistência camponesa e da fertilidade de sua esperança que renasce a cada sol posto em que lhe avivam os olhos na contemplação do horizonte, em busca de nuvens grávidas de chuva. A poesia popular que no Nordeste floresceu é direta e trata de temas universais de forma clara, sem subterfúgios. É nessa direção que o cordel, enquanto instrumento pedagógico, que alfabetizou as massas rurais do Nordeste, pode ser enquadrado na definição dada por Glória Maria Fialho Pondé ao defender que a poesia tem um discurso especial, pois é direta e ao mesmo tempo em que encerra um segredo, o expõe. Nessa perspectiva, a autora sentencia que no discurso poético “a palavra adquire uma força especial, remetendo a poesia, pela força da imagem, ao sentido original da coisa em si. A linguagem poética presentifica o objeto, em vez de conceituá-lo. Essa linguagem tem, pois, uma natureza diferente.” (PONDÉ, 1984, p. 133)

Foi por essa força, por essa expressividade poética que o cordel possibilitou a emersão de grande quantidade de pessoas à cultura letrada, permitindo assim a que a partir dos folhetos essas pessoas tivessem acesso a outras leituras, a outros saberes. Galvão (2000) nos informa que o poeta e editor João Martins de Athayde, já adulto, não sabia ler nem escrever; assim, somente após ouvir romance de cordel interessou-se a aprender, levando consigo quando ia trabalhar um folheto e uma “cartilha de ABC” embaixo do chapéu para, nas horas de folga, exercitar a leitura. Nesse sentido, Veríssimo de Melo nos esclarece que:

Outro papel importante exercido pela literatura de cordel diz respeito a sua função como auxiliar de alfabetização. Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler deletreando esses livrinhos de feira, através de outras pessoas alfabetizadas. Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegavam gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente essa alta missão social. (MELO, 1982, p. 08)

Confirmando essa ideia, a pesquisadora Ana Maria de Oliveira Galvão, em sua tese de doutoramento, nos descreve uma cena curiosa, ocorrida na tipografia do poeta e editor Manoel Camilo dos Santos, em 1958, em Campina Grande-PB, presenciada pelo escritor Orígenes Lessa:

Uma senhora idosa – “os lábios murchos, sem dente escorando, o braço enfiado na alça da cesta de compras não muitas” – entrou na tipografia – com “o olhar deslumbrado posto nos folhetos” – acompanhada de uma menina de oito a dez anos, e pediu ao poeta uma indicação de um romance para comprar. Depois que saíram com o livreto indicado, ele comentou: “ – Não se alembra do que eu tava dizendo? Ela gosta é de ouvir. Quem lê é a bichinha. Aprendeu a ler em folheto, a danada...”. (LESSA, *apud* GALVÃO, 2000, p. 304)

Essa cena da menina alfabetizada com cordel que lê para a avó, acontecida no decorrer da entrevista do poeta e editor Manoel Camilo dos Santos, autor do célebre poema *Viagem ao país de São Saruê*, concedida ao escritor e pesquisador de cultura popular Orígenes Lessa e mencionada pela pesquisadora Ana Maria de Oliveira Galvão fortalece a hipótese a respeito das potencialidades educativas da poesia popular narrativa. Galvão chega à conclusão, a partir da fala de um dos sujeitos de sua pesquisa, do seguinte fato:

Apesar de a aprendizagem inicial da leitura e da escrita ser considerada outro fator importante, níveis de escolarização nem sempre coincidem com níveis de *letramento*. A formação do leitor, assim, não está diretamente associada à escola nem a níveis de escolarização. Zé Moreno, leitor "fluyente", capaz de reconhecer e definir signos da cultura *letrada*, como o prefácio e o índice de um livro, consumidor sôfrego de livros, capaz de fruir das leituras que faz, passou menos de um ano na escola. A sua trajetória como leitor, iniciada com folhetos ainda no engenho onde nasceu e morou até os 16 anos, intensificou-se com a experiência urbana: cinema, livros de detetive, histórias em quadrinhos e ainda os folhetos o tornaram um leitor incansável. (GALVÃO, 2000, p. 374)

Dessa forma, entendemos que, ao ter acesso à educação formal, essas pessoas leitoras ou ouvintes de cordel, pela amplitude temática dos poemas que liam ou ouviam, traziam já consigo um conhecimento prévio, inclusive, alguns já lendo e escrevendo. Em muitos casos, ao chegarem à escola, os “leitores ouvintes” que foram alfabetizados fora do espaço formal já traziam um nível de *letramento* ou prática de leitura superior ao que era proporcionado aos mesmos no ano escolar que fora matriculado. A conclusão a que chega a autora acima citada, em relação às desigualdades dos níveis de escolarização e níveis de *letramento*, é pertinente ao cotidiano ao espaço escolar, onde nas salas de aulas dos anos iniciais, a criança ao chegar à

escola, ou mesmo no desenvolvimento do processo do ensino-aprendizagem, traz consigo conhecimentos prévios resultantes das interações com o meio cultural.

Esses conhecimentos prévios a que se referem a autora citada acima, caracterizam o aprendizado não escolar, resultante das práticas sociais, em que o sujeito epistêmico, interagindo com o meio, internaliza os saberes socialmente construídos, através do contato com outros sujeitos da sua cultura. Até finais dos anos 70 do século passado, as populações interioranas tinham pouco acesso a meios de comunicação como televisão, rádio e jornal e ao livro, já que este era um artefato cuja acessibilidade, por motivos econômicos e culturais, era negado às classes populares. Dessa forma, as escolas eram também, com raríssimas exceções, frequentadas unicamente pelos filhos das classes economicamente mais favorecidas, sendo o folheto de cordel o executor do papel de entretenimento, informação e alfabetizador dessas populações excluídas do processo de construção do conhecimento formal. É o que nos informa, em relato oral, através de entrevista estruturada a nós concedida o poeta Arievaldo Vianna, que foi alfabetizado pela avó no interior do Ceará. A esse respeito, ele pontua:

Nasci em setembro de 1967, na fazenda Ouro Preto, pequena propriedade rural de meus avós, situada na divisa dos municípios de Quixeramobim e Canindé. Vivi ali até os dez anos de idade, sob a luz da lamparina, obedecendo aos velhos costumes sertanejos, herdados de meus ancestrais. A única escola que havia na região distava quase uma légua e ainda utilizava a velha palmatória. Por conta disso, minha avó resolveu me alfabetizar em casa. Uma das ferramentas que foi utilizada durante esse processo de alfabetização foi a Literatura de Cordel. E por uma razão muito simples: além de ser uma leitura prazerosa, minha avó possuía uma coleção de folhetos que costumava ler em voz alta para uma roda de ouvintes maravilhados com a narrativa dos cordéis. (VIANNA, 2018)

Seu processo de alfabetização, pelo que foi acima exposto, iniciou-se com a audição dos poemas rimados dos folhetos recitados pela a avó que, com a repetição, processou-se a decoração textual, o que permitiu o manuseio do portador, levando-o a visualizar a *cadeia sonora da fala* a que se refere Soares (2016, p.28). Dessa forma, familiarizado com o texto ouvido e já relacionando o “escutado” com o escrito, tendo a “cartilha de ABC” como ferramenta auxiliar, passa por um processo de silabação e, aprendendo o uso das tecnologias da palavra escrita, passa a ler com fluência, como afirma nesse outro trecho da entrevista:

Percebendo o meu gosto pelos folhetos e sabendo que eu já tinha idade suficiente para ser alfabetizado, minha avó comprou uma Carta de ABC e começou a me familiarizar com as letras. Assim que aprendi a juntar as sílabas, pegava os folhetos e tentava decifrar o seu conteúdo. Alguns eu já conhecia de cor e salteado, o que certamente facilitou o meu aprendizado. Aos sete anos, eu já lia desembaraçadamente e virei uma atração na

bodega de meu avô. Às vezes ele me sentava no balcão e pedia que lesse um folheto para os seus fregueses. O público, formado por pessoas simples e analfabetas, em sua maioria, sertanejos rudes, acostumados com as lides do roçado, ficava encantado com aquela novidade. (VIANNA, 2018)

A leitura coletiva torna-se, como afirmado pelo poeta e registrado por pesquisadores como, Melo (1982), Cascudo (1984), Galvão (2000) e outros um processo educativo mutuo em que letra o ouvinte e qualifica a competência de leitura daquele que lê a pauta sonora da fala, tornando-o em muitos casos um leitor voraz. Essa informação fornecida por Arievaldo Vianna, acerca da leitura de folhetos que fazia quando criança, na mercearia do avô para um público adulto, vai no mesmo sentido dos depoimentos colhidos por Ana Maria Galvão, na sua pesquisa com “leitores/ouvintes” de folhetos nos anos 30 - 50 em Pernambuco, quando afirma que as poucas pessoas alfabetizadas, em verdadeiros saraus sertanejos, liam para as pessoas iletradas.

Compreendemos, portanto, que esses leitores/ouvintes, em sua grande maioria nunca tendo acesso a outro portador de texto, a exceção do folheto, tinham noções básicas de informações somente vistas em grandes centros urbanos, como automóvel, navio, rádio ou avião. Em *O romance do pavão misterioso*, Evangelista, personagem central da trama, é cidadão turco, proprietário de fábrica de tecidos, viaja para o Japão em um pacote e de lá para a Grécia em um navio. Chegando à capital grega, hospeda-se em uma pousada, compra uma fotografia da donzela enclausurada e negocia com um inventor (portanto, um cientista) a construção de uma máquina voadora, espécie de helicóptero com a aparência de um pavão. Compreendemos, dessa forma, que essas informações, ao chegarem a esses leitores/ouvintes das áreas rurais, terminavam sendo absorvidas e passassem a fazer parte de seu vocabulário, munindo-os de conhecimentos novos, que solidificados, transformavam-se em aprendizados. Daí entender o porquê de o nível de letramento ser maior que nível de aprendizado escolar naqueles que passavam a frequentar a escola.

Infere-se que os “leitores ouvintes” de folhetos já chegavam à escola com um nível de aprendizado real superior ao que seria ensinado no currículo dos anos iniciais, em que deveriam ser matriculados. Sobre esse pormenor, vale ressaltar que, a exemplo dos casos citados pela pesquisadora pernambucana, no depoimento do poeta Arievaldo Vianna, a quem entrevistamos, percebe-se também que este, ao ser matriculado em uma escola já trazia consigo um aprendizado real superior ao que deveria aprender no ano escolar da sua faixa etária, como afirma a seguir:

Prossegui nesse aprendizado, sempre em escolas informais, até os dez anos de idade. Somente em 1978 é que fui matriculado no Instituto São José, em Maracanaú e para ser admitido na quinta série fui submetido a uma prova, pois não tinha boletins nem histórico escolar. Dona Mazé, a diretora do Instituto, ficou impressionada com a minha desenvoltura, um menino sertanejo, criado num ambiente rural, já tinha uma bagagem razoável de conhecimento porque sempre fui um leitor compulsivo, inclusive da Bíblia Sagrada. De modo que tirei nota máxima nesse teste preliminar e ingressei na série desejada sem qualquer embaraço. (VIANNA, 2018)

Dessa forma, fica claro que o cordel contribuiu de forma significativa no seu processo formativo, dando-lhe uma sólida base de conhecimentos gerais, desde informações geográficas dos ambientes em que se desenvolvem as narrativas, a fatos reais acontecidos e narrados pelas personagens, até a própria habilidade de leitura. Compreendemos, portanto, que o folheto foi o artefato que permitiu o letramento e alfabetização de grandes contingentes rurais e urbanos no universo de uma cultura letrada. Dessa forma infere-se que o cordel, artefato portador de cultura escrita, seja um excelente mediador entre crianças e jovens em processo de aprendizagens escolares.

2.3 A Eficácia do Cordel como Alfabetizador na Educação Infantil e Facilitador das Aprendizagens nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I

Como já afirmamos, o cordel teve grande influência na educação de crianças, jovens e adultos, em grande parte do século XX. Essa percepção é confirmada por Galvão (2000, p. 374) ao discutir a relação entre os níveis e aprendizado escolar e os níveis de letramento de pessoas oriundos das camadas populares, os leitoras/ouvintes de folhetos. A pesquisadora acentua que o nível de letramento dessas pessoas é superior ao nível de aprendizado escolar, ideia que se ratifica com o caso concreto de uma pessoa que foi por ela analisado, um leitor voraz de almanaques, quadrinhos e folhetos e outras leituras populares tendo ficado na escola por somente um ano letivo.

Essa reflexão acerca das diferenças entre níveis de letramento e aprendizado escolar a que se refere Galvão (2000) nos remete à polêmica que Vygotsky estabeleceu com teóricos de seu tempo acerca dos temas aprendizado e desenvolvimento. O psicólogo bielorrusso defendeu então a hipótese de que o processo de desenvolvimento nunca coincide com o

processo de aprendizado, e que o processo de desenvolvimento tem progressão mais lenta do que o processo de aprendizado. Nesse aspecto, Vygotsky explica que:

Propomos que o aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. Desse ponto de vista, aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VYGOTSKY, 1994, p. 118 -119)

Diante do exposto, podemos inferir que o aprendizado, no raciocínio do psicólogo acima citado, é o desenvolvimento real que a criança atingiu ou pode atingir, é o estágio real em que se encontra o desenvolvimento mental retrospectivo do sujeito epistêmico, enquanto que o desenvolvimento é o processo de aprendizagem do presente e, a zona de desenvolvimento proximal pode ser caracterizada como o desenvolvimento mental prospectivo. Em paralelo com o exposto por Galvão (2000), convém dar destaque ao testemunhado relatado por essa pesquisadora de “leitor ouvinte” que teve uma trajetória como leitor a partir do contato com o folheto de cordel, ainda no engenho, onde morou até aos 16 anos, o qual lê fluentemente, apesar de ter frequentado a escola somente no período de um ano.

Esse e outros casos descritos por pesquisadores nos permitem estabelecer uma relação do “letramento” citado pela autora, como sendo correspondente ao conceito de aprendizado, ou desenvolvimento real exposto por Vygotsky e que o “nível de escolarização”, também citado por Galvão, corresponda ao desenvolvimento em processo, em andamento que consolidou o letramento que ele teve com o folheto de cordel. Confirmando-se também, na exposição da autora, quando explica que os “níveis de escolarização nem sempre coincidem com o nível de letramento”, vindo a confirmar a tese que “o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado.” (VYGOTSKY, 1994, p. 118)

Podemos inferir, portanto, que no aprendizado escolar existem níveis de desenvolvimentos e um aprendizado real, sendo este o ponto de partida para a compreensão dos novos conhecimentos e a internalização dos mesmos. Salienta-se ainda que as crianças, ao

chegarem à escola trazem já consigo conhecimentos prévios, resultantes da sua interação com os elementos da cultura. Essa interação acontece por meio de transmissão oral de hábitos e costumes, contação de histórias pelos de mais idade, pelo o ambiente físico, pelo contato com saberes ancestral, que compreende, entre outros, o jeito ou forma de se expressar, de crê em divindades, pela música e contato com outras manifestações da cultura e do folclore e também pela brincadeira e o contato com outras crianças. Nessa perspectiva, a criança já nasce aprendendo e, quando chega à escola traz consigo esse arcabouço de aprendizado, fenômeno que lhe permite, ao seu jeito, lê o mundo, como explica Paulo Freire:

A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na “leitura” da palavra do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando supostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro; gravetos, o meu giz. (FREIRE, 2006, p. 15)

Em consonância com esse preceito, em *Psicogênese da língua escrita*, refletindo acerca da necessidade da valorização dialetal das crianças em processo de aprendizagens da língua escrita, Emília Ferreiro e Ana Teberosky alertam sobre a necessidade docente de compreensão de que a atividade de leitura não se desassocia do funcionamento real da linguagem. Ao contrário, se houver ação docente pela inserção da norma culta, suprimindo o “jeito de falar” pertencente à comunidade a qual a criança está inserida, para ascender à leitura, é o mesmo que está impondo à criança o “esquecimento” de tudo o que já sabe em favor de uma nova aprendizagem. Sobre essa questão, pontuam as autoras:

Não se trata aqui, de pretender, contra toda a evidência, que a língua escrita é uma simples transcrição da língua oral. Muito pelo contrário, há marcantes diferenças entre uma e outra (sem falar dos múltiplos estilos de língua oral e língua escrita). A língua escrita tem termos que lhe são próprios, expressões complexas, um uso particular dos tempos do verbo, um ritmo e uma continuidade próprios. (...) “Trata-se, então, de não confundir língua oral com língua escrita, mas de permitir que o aprendiz de leitor se aproxime desta com aquilo que lhe é imprescindível para ambos: sua competência linguística.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 285)

Referem-se as autoras supracitadas ao método de aprendizagem de leitura decifrada, que é o método compreendido como a língua sendo um código e, portanto, a decifração é a relação estabelecida entre o fonema e o grafema correspondente, de forma

descontextualizada, a partir da memorização. Por esse método, que compreende a língua enquanto código, aprende-se a ler, memorizando os grafemas, relacionando-os aos respectivos fonemas, juntando-os em sílabas com o objetivo de decodificar as palavras. Pelo método sintético a aprendizagem inicial tem como foco a leitura e não a escrita, o que não difere do analítico, que também tem primazia na aprendizagem de leitura. Sendo que no método sintético o aprendiz começa pela letra, menor unidade da língua, avançando processualmente para o maior, a sílaba. Assim visualiza inicialmente a letra, relacionando-a com o som correspondente e depois de memorizá-la, avança-se para a seguinte que é a sílaba e assim sucessivamente para a palavra, a oração e finalmente o texto, sendo o método sintético um processo inverso.

Ferreiro e Teberosky questionam o método da silabação, método em que a criança ou mesmo o aprendiz de leitor adulto, inicia a aprendizagem repetindo exaustivamente *ba – be – bi – bo – bu* para só posteriormente fazer a junção e formar a palavra. Elas destacam que esse processo adultera a língua, por essa não ser a forma natural de falar e que a silabação não constitui nenhuma linguagem específica. Daí o estranhamento do leitor iniciado pelo método de silabação ao se deparar com um texto. E acrescentam:

O decifrado, como única via de acesso ao texto, leva a sua própria caricatura nos casos de crianças que decifram – isto é, que oralizam as marcas gráficas, ou que, conforme uma expressão bem acertada, “fazem um ruído com a boca em função dos sinais que veem com os olhos” – mas sem compreender absolutamente nada. ” (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999, p. 286)

A partir desse entendimento, autores e pesquisadores da história do cordel identificaram esse gênero como um mecanismo de suporte a alfabetização de meninos e meninas no Nordeste brasileiro, na primeira metade do século XX, período em que havia poucas escolas e as que haviam, não eram acessíveis para as crianças das camadas populares. A leitura de folhetos era uma atividade lúdica, um momento de lazer em que coletivamente as pessoas compartilhavam saberes, transmitindo costumes com a retransmissão oral de histórias eternizadas na memória coletiva da comunidade. Essas histórias eram repetidas muitas vezes ao mesmo público, daí a facilidade da memorização. Assim, ler constituía-se em prazer e não obrigação.

O contato auditivo permeabilizava infinitas possibilidades de familiarização com os sons das rimas, com a batida rítmica do verso medido, com a fantasia de heróis, simples

camponeses munidos de coragens a enfrentar dragões, a decifrar enigmas para libertar donzelas metamorfoseadas em botões de rosas, como em *A princesa da pedra fina* ou em *João Besta e a gíria da lagoa*. Nessas histórias onde o real dialoga com o imaginário, já que o mito personifica problemas reais difíceis de serem enfrentados (Bettelheim, 2014), havia a identificação do ouvinte leitor com o narrado, sendo, portanto, uma narrativa com significado. Dessa forma o leitor ouvinte vivia o texto integralmente e não partilhado, retalhado em palavras soltas sem sentido, em sílabas sem conexão com sua linguagem usual, da sua oralidade da sua comunidade. Ao contrário, nas histórias versadas as palavras têm sentido, nomeiam as coisas, estabelecem relações de tempo, de espaço, entre pessoas e a narrativa, como se verifica já no início do cordel *Os três irmãos caçadores e o macaco da montanha*, de autoria de Francisco Sales Areda (1916-2005):

No reino dos pelicanos,
Lá num recanto habitava
Um velho pobre e três filhos
Que de caça se ocupava –
E pelas matas desertas
Com os três filhos caçava.

O nome dos três rapazes
Descrever é necessário:
O mais velho era Gaudêncio,
O segundo Januário,
Então o moço caçula
Se chamava Gerimário.

Todos três eram dispostos
Na vida de caçadores:
Enfrentavam pelos bosques
Os lobos devoradores,
Nas armas eram conhecidos
Mais destros atiradores.

Um dia, o velho caiu
Nas garras de um leão
E, nessa luta que teve,
Ele perdeu uma mão –
Deixou, porém, os três filhos
Seguirem a profissão.

Até que um dia eles foram
A uma caçada distante
E Gaudêncio se perdeu
Numa mata *intransitante*.
Voltaram os dois comentando
E o velho chorou bastante. (AREDA, 2012, p. 77 – 78)

No trecho do poema acima citado, o poeta descreve o ambiente em que acontecem os fatos narrados, as personagens e as relações estabelecidas entre elas, chamando a atenção do

leitor/ouvinte para a ação dramática vivenciada pelo pai e os filhos ao enfrentarem os perigos a que são expostos na selva, despertando, dessa forma o interesse dos leitores/ouvintes pelo desfecho da narrativa. Compreende-se que nesse processo de escuta, cada leitor ao se apropriar da narrativa oral sentia-se atraído ao contato com seu portador, passando assim a manusear, a folhear com os olhos da curiosidade a magia do folheto, que trazia impresso em suas páginas reis e rainhas, cangaceiros e volantes duelando por entre os espinhais da jurema e o colorido dos paus d'arcos que enfeitam a caatinga, dragões e destemidos libertadores de reinos encantados, centauros de ferro e fogo, enfim Joãos bestas e Grilos astuciosos ou histórias de caçadores, como a dos versos acima. É nesse universo de mitos, que leitores encantados tiveram seus primeiros contatos com a língua escrita e visualizaram, como conceitua Soares (2016), a representação gráfica da sequência de sons expressos pela fala.

2.4 A Rima e a Cadeia Sonora da Fala

Inicialmente, para uma melhor compreensão desse processo de aproximação e escuta, é importante destacar as diferenças conceituais em torno da palavra rima, que em língua portuguesa tem dois significados. O primeiro é o significado literário, que, em concordância com o que explicamos na seção primeira desse trabalho, é a similaridade sonora das palavras dos finais dos versos que rimam entre si, a partir da última vogal tônica; o segundo é o significado pertencente ao campo dos estudos da estrutura da sílaba, usual nas atividades de alfabetização, e que determina os elementos intrassilábicos. Dessa forma, a sílaba está dividida *ataque* e *núcleo* e o *núcleo* divide-se em *rima* e *coda*. A palavra cantar, exemplificando, tem em sua sílaba final três letras, onde o *t* é o ataque e *ar* é o núcleo, sendo que este divide-se em rima, que é o *a* e coda, que é o *r*. Nessa abordagem, a hierarquia da estrutura silábica, mais frequentes corresponde aos seguintes esquemas: consoante, vogal, consoante (CVC); consoante, vogal (CV) e; consoante, consoante, vogal (CCV). Assim, podemos ter na palavra *café* uma estrutura silábica definida por CV, com ataque definida por (*f*) e núcleo tendo apenas um componente, que é a rima (*é*); na palavra *aprender* temos uma estrutura silábica composta CVC, sendo sua estrutura composta de ataque (*d*), e núcleo (*er*), este dividido em rima (*e*) e coda (*r*) e; na palavra *malandro* tem-se a sílaba final, a seguinte estrutura CCV, sendo ataque (*dr*) e núcleo, que se constitui na própria rima (*a*).

Soares (2016) acentua que no processo de alfabetização, esses dois significados de rima, e suas implicações, tem importância no aprendizado do processo de construção da consciência alfabética da criança. É nessa perspectiva que ela desenvolve o conceito pelo qual é concebida a importância do uso de texto com rimas e das aliterações³⁰ no aprendizado de crianças que estão em fase de internalização do processo de escrita e leitura, pois “a sensibilidade de crianças a rimas e aliterações tem sido considerada uma das dimensões da consciência fonológica que pode ter relações com a aprendizagem da leitura e da escrita.” (SOARES, 2016, p. 179). E conclui que nessa fase da aprendizagem, o teor lúdico da leitura favorece ao aprendizado, vindo a repetição de sons das palavras rimadas e a intercalação sonora na aliteração produzirem na criança a consciência da segmentação sonora da fala, dando-lhes possibilidades do desenvolvimento da consciência fonológica. Com a rima “as crianças assemelham os sons idênticos das palavras, independente do conteúdo semântico.” (SOARES, 2016, p. 183)

No entanto, Morais et al. (*Apud* SOARES, 2016, p. 184) alertam que somente o contato com rimas e aliterações, levando as crianças ao reconhecimento e a produção desses sons semelhantes não significa que os pequenos aprendizes tornem-se, só por isso, capazes de identificarem a segmentação das palavras e explicam que esse fato revela somente uma habilidade diferente, que denominam de “sensibilidade a semelhança de sons”. Soares, no entanto, afirma que:

Entretanto, se se pensa em termos de orientação da criança para a progressiva compreensão do princípio alfabético, atividades com rimas e aliterações frequentes na educação infantil, e frequentemente de natureza lúdica, além de desenvolverem a consciência fonológica, podem também despertar a criança para a possibilidade de segmentação da cadeia sonora, levando-a a identificar o pedaço da “palavra” que corresponde à rima ou a sílaba que se repete no início da palavra, em aliterações. Se acompanhada de registro escrito de palavras que terminam ou começam com o mesmo som, destacando-se a correspondência de segmentos orais com uma mesma sequência de letras, essas atividades ainda podem introduzir a criança na compreensão do princípio alfabético: mesmos sons correspondem às mesmas letras. (SOARES, 2016, p. 184)

³⁰ Figura de linguagem que tem como característica central a repetição sonora no início, meio ou final dos vocábulos de forma sucessiva, com a finalidade de provocar no leitor ou ouvinte efeitos sensoriais que os levem a imaginar ou sentir situação real a que se refere o texto. Como exemplo, pode ser citada a maioria dos trava-línguas, como *o rato roeu a roupa do rei de Roma*, em que a repetição do som da letra R nos dá a sensação de ouvir, de fato, o som da trituração da vestimenta pela ação dos dentes do roedor.

Esse aprendizado da sílaba, em contexto de leitura desfragmentado, segundo Soares (2016, p.187), torna-se necessário para o processo de alfabetização, possibilitando a criança adquirir consciência silábica, avançando para a segmentação da palavra em sílabas, internalizando e, avançando, dessa forma, para o *período de fonetização da escrita*, fase em que, segundo Ferreiro (*Apud* SOARES, 2016, p. 187) “as crianças realizam espontaneamente uma série de recortes orais, tratando de encontrar a letra adequada para tal ou qual parte da palavra”. Acerca desse processo, Soares acentua que:

O passo inicial da *fonetização da escrita* é a escrita silábica: capaz de recortar oralmente a palavra em sílabas, e já compreendendo que a escrita representa os sons da palavra, e que estes são representados por letras, a criança começa a escrever silabicamente – a usar as letras para representar os recortes orais que identifica nas palavras: neste momento inicial, as sílabas. (SOARES, 2016, p. 187)

É nessa perspectiva que Marilyn Jagger Adams ressalta que: “A humanidade (na perspectiva histórica) e as crianças (na perspectiva do desenvolvimento) adquirem a consciência de palavras antes que de sílabas, de sílabas antes que de ataques e rimas, e de ataques e rimas antes que de fonemas.” (ADAMS, *Apud* Soares 2016, p. 192)

Portanto, partindo da compreensão que no início do século XX, quando não havia escola para toda a população; que os poucos livros que eram impressos ou vinham do exterior ou eram produzidos em pequenas quantidades, dessa forma não sendo acessível para as camadas populares o cordel foi o portador de língua escrita que desempenhou o papel de alfabetizador, sendo assim de grande relevância social.

Levando-se ainda em conta os conceitos desenvolvidos por pesquisadores e estudiosos do desenvolvimento cognitivo, das aprendizagens da língua escrita, de fenômenos resultantes da interação com a cultura, como o letramento, e o processo de alfabetização acerca da importância da rima como facilitador de aprendizagens da língua escrita e ainda considerando que documentos oficiais como os PCN e as DCNE orientam o uso de materiais didáticos vinculados a cultura da comunidade como forma de construção e fortalecimento da identidade, confirmamos assim, a hipótese por nós defendida inicialmente, da importância do cordel enquanto recurso didático na Educação Básica.

Chegada a essa conclusão, como forma de contribuir com a reflexão acerca do processo formativo com o uso do cordel enquanto recurso didático em ambiente de

aprendizagens, na próxima seção analisaremos alguns cordéis, dentre tantos existentes, que podem ser explorados em regências de ensino de Ciências, de História, Geografia, Matemática e como incentivo à leitura em sala de aula.

3 O CORDEL EM SALA DE AULA – SUGESTÕES METODOLÓGICAS

A oralidade, enquanto prática de ensino, é recomendada pelos documentos oficiais, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013). Apesar disso, professores terminam limitando essa prática pedagógica a simples rodas de conversas em sala de aula. Pesquisadores dos mais diversos campos, incluindo linguistas, críticos literários, pedagogos e educadores em geral, afirmam que “frequentemente [...] ela não é ensinada, a não ser incidentalmente durante atividades diversas e pouco controladas.” (DOLZ, 2004, p. 125)

A poesia popular, nas suas origens, como constatado nas reflexões realizadas ao longo deste trabalho, foi uma literatura essencialmente oral, que, com o advento da invenção da imprensa por volta do século XV, por Gutenberg, passou a ser impressa. Todavia, gêneros populares, como o cordel, não vieram a perder essa marca de oralidade, embora esta possa ser classificada como uma oralidade mista:

A respeito da relação da obra popular com a transmissão oral, cabe, no entanto, destacar a existência de graus distintos de oralidade nesse tipo de expressão literária. É o que explica o medievalista Paul Zumthor (Ver ZUMTHOR, 1993), apontando três formas de oralidade a partir de como esta se relaciona com a escrita: a *primária* (aquele que é própria de sociedades ágrafas, nas quais não há contato algum com a palavra escrita); a *mista* (aquela na qual a escrita influencia a oralidade de modo externo, parcial ou retardado, ou em que a oralidade é (re)composta através da escrita); e a *mediatizada* (em que a oralidade é conhecida e/ou difundida a partir dos meios eletrônicos de comunicação).

(...)

Retomando a classificação de Zumthor, (...) cabe ressaltar que a oralidade presente em nossa literatura popular se caracteriza predominantemente como mista, tendo em vista que esta é já influenciada pela escrita. Exemplo é a poesia matuta de Patativa do Assaré, na qual a variante culta da língua, referência da escrita, é constantemente infringida com o fim de dar registro à fala do povo. Também o léxico dos folhetos de cordel e de outras expressões da **folkcomunicação**, ora regionalista ou rural, ora obtido junto à população das favelas e guetos, também confirma a marca da oralidade nas obras do povo. (LIMA, s.d., p. 4-5. Grifo do autor)

Mesmo levando em consideração esse aspecto destacado pelo autor, cabe afirmar que essa marca de oralidade permanece presente mesmo no século XXI, época marcada pelos profundos impactos da revolução tecnológica, a qual permite que as pessoas permaneçam conectadas em rede mundial. Como efeito dessa revolução, opera-se uma nítida mudança do suporte dos romances de cordel, passando o tradicional folheto a dividir espaço com os livros ricamente ilustrados, editados e distribuídos por grandes editoras. Ademais, o cordel passa

também a contar como suporte o *e-book*, fortalecendo o trânsito e a fixação do gênero cordelístico no mundo virtual.

É exatamente a vertente oral que faz do cordel um instrumento adequado e eficaz nas atividades de ensino-aprendizagem. É nesse contexto que as atividades de leituras coletivas tendo o folheto como portador de texto, como as que foram apontadas aqui por diversos autores, têm levado muitas pessoas a uma situação de letramento, com várias delas se alfabetizando através do “professor folheto”.

Segundo Dolz (2004), o ser humano tem uma atividade vital, que é comer; e essa atividade humana, por ser necessária à sobrevivência do indivíduo, o induz a produzir comida. Da mesma forma, a atividade humana de falar produz o ato de escrever e ler e, como consequência, a produzir textos. No entanto, como acentua o autor, nas atividades escolares não é recomendável qualquer texto. Assim, para ter eficácia, importa que os textos trabalhados em sala de aula veiculem uma mensagem organizada, a qual deve se adequar às necessidades de aprendizagens dos alunos. Nessa perspectiva, ele considera que

Um texto adequado no plano da comunicação difere de um conjunto de frases desconectadas e é percebido como um todo, independentemente dos elementos que o compõe. Nessa perspectiva, impõe-se necessariamente a escolha de textos como objetos de trabalho para o ensino do oral. Eles permitem trabalhar fenômenos de textualidade oral em relação estreita com as situações de comunicação, estudar diferentes níveis da atividade de linguagem e tornar o ensino mais significativo. (DOLZ, 2004, p. 141)

Ademais, Dolz defende que, para ser lido e compartilhado com o coletivo, o texto deve ser realçado quanto a sua musicalidade e sua entonação, permitindo que o ensino se torne mais significativo, despertando no aluno o interesse pelo aprofundamento dos temas abordados. É nessa mesma direção, com o objetivo de aproximar os propósitos didáticos com os propósitos do aluno, que Lerner afirma:

Como já dissemos – na escola – a leitura é antes de mais nada um objeto de ensino. Para que também se transforme em um objeto de aprendizagem, é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno, o que significa – entre outras coisas – que deve cumprir uma função para a realização de um propósito que ele conheça e valorize. (LERNER, 2002, p. 79)

A propósito do que acentua a autora, cabe lembrar que a amplitude temática do cordel brasileiro vai de romances a contos tradicionais ou populares, incluindo histórias infantis, fábulas, causos de gracejo, biografias de personalidades históricas ou da comunidade, mitos, gestas, adaptações de clássicos da literatura, de filmes, notícias jornalísticas, conceitos teóricos e temas ligados às Ciências, à Geografia, à História, etc. Dessa forma, tudo se adequa ao cordel, e, para poetizar, o poeta fazendo uso da rima, da métrica e da oração, escreve sobre o que quiser. Nesse sentido, apontamos a perspectiva lúdica presente nos textos rimados como um atrativo que pode tornar o texto significativo e direcionar o leitor iniciante para outras leituras. A partir de um texto ficcional em poesia popular rimada, pode-se desenvolver várias estratégias de ensino-aprendizagem, abordando temas multidisciplinares.

Convém lembrar que, nessa mesma linha de entendimento, alguns autores sugerem metodologias com vistas a um melhor aproveitamento das potencialidades dos textos ficcionais. É nessa perspectiva, por exemplo, que Marinho e Pinheiro (2012, p. 125-142) indicam oito formas de utilizar o cordel em sala de aula, as quais poderiam ser assim sintetizadas: a) Leitura em voz alta, antecedida de uma análise do contexto dos alunos para melhor ajustar o trabalho às necessidades dos alunos; b) Debates a partir dos temas presentes nos cordéis lidos; c) Criação de jogos dramáticos, fazendo encenações dos enredos das narrativas lidas; d) Exploração das xilogravuras, tradicionais ilustrações das capas dos cordéis, trazendo informações e análises dos desenhos; e) Criações de canções a partir dos cordéis, podendo ou não fazer alterações nos versos para se adequarem às melodias criadas (ou aproveitadas de canções já existentes); f) Realização de Feira de Literatura de Cordel, envolvendo várias atividades, como a venda de folhetos, palestras sobre o cordel, oficinas de criação de cordel, etc.; g) Criação de ilustrações a partir da leitura dos cordéis; h) Criação de cordéis pelos alunos, necessitando antes uma oferta de oficina que discuta como o texto cordelístico é estruturado.

A partir das perspectivas apontadas tanto por Marinho e Pinheiro quanto por outros autores, e levando em consideração as reflexões contidas na pesquisa por nós desenvolvida, passamos a sugerir possibilidades didáticas com o uso do cordel em sala de aula a partir da análise do texto do cordel *O romance do pavão misterioso*, de autoria de José Camelo de Melo Resende. Tratam-se de sugestões metodológicas que poderão facilitar ao professor a utilização do cordel em sua prática docente, em específico, nas aprendizagens do Ensino Fundamental I. Após isso, elencamos uma relação de títulos de folhetos que também poderão ser utilizados

como instrumentos de facilitação didática nas atividades de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental I.

Para explicitar o contexto do cordel do pavão misterioso e sua relação com as condições concretas da região Nordeste é fundamental sabermos um pouco da vida do autor. José Camelo Resende nasceu na localidade de Pilõezinhos, pertencente ao município de Guarabira, no Estado da Paraíba, em 20 de abril de 1885, e faleceu em 28 de outubro de 1964, em Rio Tinto, também na Paraíba. Exerceu várias profissões, tais como a carpintaria e a tecelagem. No entanto, sua identidade com a cultura popular o fez cantador, sem contanto ser um dos melhores. Ele tinha deficiência na improvisação e, para compensar essa debilidade, escrevia romances para serem cantados. À época, era habitual, ao final das cantorias e a pedido do público, os cantadores cantarem histórias rimadas, ocorrendo muitas vezes de um único cantador desenvolver essa função. Dessa forma, escrevendo histórias para cantar é que José Camelo se tornou um dos maiores romancistas de todos os tempos. Importa destacar ainda que o autor se envolveu em um conflito, terminando por ferir uma pessoa; por isso, entre os anos de 1923 e 1927, permaneceu foragido, ausente, portanto, das atividades como poeta popular. Nesse período, sua obra de maior sucesso, *O Romance do Pavão Misterioso*, o qual não havia registro escrito, já que o autor somente o cantava, foi escrito e impresso como sendo de autoria de João Melchíades Ferreira³¹.

José Camelo de Melo Resende escreveu, entre outras obras, *O romance do pavão misterioso*; *Pedrinho e Julinha*; *Armando e Rosa ou Coco Verde e Melancia*; *Entre o amor e a espada*; *Aprígio Coutinho e Neusa*. Dessas, *O romance do pavão misterioso* tornou-se sua obra mais conhecida, sendo, nas décadas finais do século XX, gravado em disco de vinil, adaptada para o cinema, teatro e HQ, além de já ter tido várias releituras em livros. Nos anos 70, na telenovela *Saramandaia*, produzida pela Rede Globo de Televisão, havia uma personagem que, ganhando enormes asas coloridas, sobrevoava a cidade, numa clara referência aos voos sobre a Grécia pelo protagonista do *Romance do pavão misterioso*. O tema de abertura dessa novela, a

³¹ Nasceu em Bananeiras, na Paraíba, em 07 de setembro de 1869 e faleceu em 10 de dezembro de 1933, em João Pessoa. Foi militar, chegando ao posto de Sargento, participando da Guerra de Canudos (1897) e combatendo na *Questão do Acre* em 1903. Ao publicar como sua a obra de José Camelo de Melo Resende *O romance do pavão misterioso*, protagonizou uma das maiores controvérsias autorais do cordel brasileiro. Assim como Resende, foi cantador, chegando a ter amizade e fazer dupla com este. Escreveu e publicou as obras *História do sertanejo Zé Garcia*, *Roldão no Leão de ouro*, entre outras muito apreciadas pelos leitores.

música *Pavão Misterioso* (sic), de autoria do cantor e compositor Ednardo, foi sucesso nos anos 70 e 80, sendo muito executada ainda hoje.

3.1 A Obra *O Romance do Pavão Misterioso*, sua Relação com o Nordeste e suas Potencialidades Didáticas.

O enredo de *O Romance do Pavão Misterioso* começa na Turquia e tem seu desenvolvimento na Grécia: ao morrer, um velho capitalista turco deixa como herança aos dois filhos, Evangelista e João Batista, uma fábrica de tecidos. Órfãos, um deles resolve viajar e o outro fica gerenciando os negócios. Evangelista, ao ver o irmão partir, pede que este lhe traga de presente algo que encontre de mais significativo para um rapaz. João Batista pega um pacote e vai para o Japão, passando poucos dias naquele país. Compra então uma passagem em um navio e vai para a Grécia. No entanto, sem ver nessa nação nada que lhe agradasse, resolve ir embora. É aconselhado, porém, a esperar mais uns dias para ver a condessa Creusa sair à janela da torre do palácio em que é aprisionada e acenar para o povo. Esse informante diz-lhe que ela é a mais bela moça do mundo e que vêm rapazes de todo o mundo para vê-la. Ela vive presa em um quarto, cercada de criadas para atendê-la. Nesse castelo, é terminantemente proibida a entrada de homens, já que, por ordem do conde, nenhum rapaz pode vê-la de perto ou tocá-la. Por isso, uma única vez por ano lhe é dado o direito de aparecer rapidamente à janela para ser por todos apreciada:

João Batista prometeu
Com muita boa atenção
De comprar um objeto
Do gosto do seu irmão
Então tomou um pacote
E seguiu para o Japão.

João Batista no Japão
Esteve seis meses somente
Gozando naquele império
Percorreu o Oriente
Depois voltou para a Grécia
Outro país diferente.

João Batista entrou na Grécia
Divertiu-se em passear
Comprou passagem de bordo
E quando ia embarcar
Ouviu um negro³² dizer:

³² O protagonista é aconselhado por um negro a não embarcar. O autor, ao distinguir a cor da pele do emissor da mensagem, e pela situação do diálogo, deixa transparecer que este era um serviçal, alguém que fazia mandados e trabalhos não qualificados, relacionando à situação concreta da população afrodescendente nas cidades brasileiras, principalmente nas primeiras décadas do século XX, marcado por forte preconceito racial.

– Acho bom se demorar.

João Batista interrogou:
 – Amigo fale a verdade
 Por qual motivo o senhor
 Mandou eu ficar na cidade?
 Disse o negro: – Vai haver
 Uma grande novidade.

– Mora aqui nessa cidade
 Um conde muito valente
 Mais soberbo do que Nero
 Pai de uma filha somente
 É a moça mais bonita
 Que há no tempo presente.

– E a moça em que eu falo
 Filha do tal potentado
 O pai tem ela escondida
 Em um quarto do sobrado³³
 Chama-se Creusa e criou-se
 Sem nunca ter passeado.³⁴ (RESENDE, 2008, p. 211)

No cordel acima citado, a história não é situada em um espaço específico; no entanto, apesar da narrativa acontecer em países distantes, como Turquia, Japão e Grécia, a descrição das personagens, as opressões de classes, de gênero e raça e mesmo os nomes e as características dos potentados, a exemplo do “conde” que aprisiona a filha, deixa transparecer afinidades econômicas e culturais com a Região Nordeste, do começo do século XX. Dessa forma, embora se perceba que o poeta narra uma história com traços medievais, com fortes influências das narrativas milenares dos contos como os de *As mil e uma noites*, o cordel retrata a realidade concreta do entorno do poeta, ou seja, o Nordeste brasileiro. O conde, por exemplo, é “muito valente” e “mais soberbo do que Nero”, características muito presentes nos velhos “coronéis” do Nordeste. Para se manterem no poder, esses potentados nordestinos, grandes proprietários rurais, donos de engenhos, de rebanhos bovinos plantações de algodão, mantinham em seus controles o poder político local, muitas vezes usando de violência quando havia indicio de rebelião dos setores oprimidos. Exemplo disso foram os Lundgren, donos de algozoais e da Companhia de Tecidos Rio Tinto, fábrica onde o poeta foi operário.

³³ Aqui o poeta refere-se ao palácio como “sobrado”, construções requintadas em que moravam fazendeiros, industriais e grandes comerciantes nos centros urbanos do Nordeste, como Recife, Fortaleza, São Luís e Salvador.

³⁴ Nesses versos o poeta realça a condição de opressão de gênero, fato também presente nas relações de poder na sociedade brasileira, especialmente na região nordestina. As filhas dos grandes proprietários rurais eram “preservadas” sob a vigilância paterna, muitas vezes com uso da força armada de jagunços, para evitar os casamentos “indesejáveis” com alguém de poucas posses, para que, dessa forma, o enlace matrimonial viesse a envolver as relações econômicas, fortalecendo assim essas oligarquias.

Voltando ao enredo: João Batista fica e comprova, quando a moça aparece à janela, não existir nada mais belo no mundo. Compra então de um retratista uma foto da moça para presentear o irmão. Retornando à Turquia, entrega a foto ao irmão Evangelista, e esse fica deslumbrado com a beleza da moça, a ponto de vender a parte que lhe cabe nos negócios da família e ir para a Grécia, disposto a desposar a donzela enclausurada. Ao chegar à Grécia, hospeda-se em uma pensão simples para não despertar suspeitas. Aguarda oito meses até que finalmente é chegado o dia da aparição. O poeta descreve esses momentos da seguinte forma:

Ali passou oito meses
Sem se dar a conhecer
Sempre andando disfarçado
Só para ninguém saber
Até que chegou o dia
Da donzela aparecer.

Os hotéis já se achavam
Repletos de passageiros;
Passeavam pela praça
Os grupos de cavaleiros;
Haviam muitos fidalgos
Chegados dos estrangeiros.

As duas horas da tarde
Creuza saiu a janela,
Mostrando sua beleza
Entre o conde e a mãe dela.
Todos tiraram o chapéu
Em continência a donzela.

Quando Evangelista viu
O brilho da boniteza,
Disse: – Vejo que meu mano
Quis me falar com franqueza
Pois essa gentil donzela
É rainha da beleza. (RESENDE, 2008, p.212)

Evangelista, a partir desse momento, passa a pensar em um meio de chegar ao quarto da donzela e faz contato, na rua dos operários com um inventor, o Doutor Edmundo, e pergunta a este se é capaz de fazer um invento que o leve à torre do palácio. O cientista pede um prazo de seis meses e nesse período constrói um aeroplano, que voa em todas as direções e é desmontável ao simples toque em um botão, em formato de um pavão. Dá-lhe ainda dois inventos que o ajudarão na empreitada: uma serra “azougada” que serrará os caibros do palácio sem fazer barulho e um lenço “enigmático”, que ao ser colocado ao nariz da condessa, caso ela grite, virá a desmaiar. O inventor, pelo seu trabalho, recusa-se a receber pagamento adiantado

e diz que só dirá o preço quando terminar o invento. Dessa forma, em segredo, trabalha diuturnamente no projeto de construção da máquina, conforme o poeta expõe nesses versos:

Enquanto Evangelista
Impaciente esperava
O engenheiro Edmundo
Toda noite trabalhava
Oculto em sua oficina
E ninguém desconfiava.

O grande artista Edmundo
Desenhou nova invenção
Fazendo um aeroplano
De pequena dimensão
Fabricado de alumínio
Com importante armação.

Movido a motor elétrico
Depósito de gasolina
Com locomoção macia
Que não fazia buzina
A obra mais importante
Que tem em sua oficina.

Tinha cauda como leque
E asas como um pavão
Pescoço, cabeça e bico,
Alavanca, chave e botão
Voava igual ao vento
Para qualquer direção.

[...]

Eu fiz um aeroplano
De forma de um pavão
Que se arma e se desarma
Comprimindo em um botão
E carrega doze arrobas
Três léguas acima do chão.

[...]

O pavão de asas abertas
Partiu com velocidade
Cortando todo o espaço
Muito acima da cidade
Como era meia noite
Voaram mesmo à vontade. (RESENDE, 2008, p. 212-213)

Realizado esse voo panorâmico, sendo comprovada a eficácia do pavão, Evangelista coloca em ação o seu plano e, no meio da noite, enquanto a cidade dorme, faz sua primeira visita à moça. Esta, grita e ele foge pelo telhado, antes tendo colocado o lenço “enigmático” em seu nariz, fazendo-a desmaiar. Na terceira visita, agora a moça em acordo

com o pai, prepara uma armadilha para identificar o rapaz e depois descobre que está apaixonado por este, vindo a decidir-se a fugir com ele para a Turquia, onde é realizado o matrimônio.

3.2 Voos Exploratórios e Estratégias Multidisciplinares

Em regências do Ensino Fundamental I, *O romance do pavão misterioso* pode ser trabalhado em atividades de forma multidisciplinar nas abordagens de Português, Matemática, Geografia, História e Ciências da Natureza, além de temas transversais, como Racismo e Questões de Gênero. Em regências de Português, além das proposituras ressaltadas no capítulo dois, no qual discorremos sobre as potencialidades dos textos rimados na prática de alfabetização, pode-se realizar leitura coletiva, dando destaque aos objetivos que se pretende atingir. Pode-se, por exemplo, a partir dos conhecimentos prévios das crianças acerca da fauna, despertar a curiosidade dos alunos sobre o que trata o autor nessa obra, levantando questionamentos que despertem essa curiosidade. De acordo com o título, será que se refere mesmo a um pavão, ave cujo macho exibe plumagem colorida?

A ideia é que as crianças debatam sobre o tema, de forma que, colhidas as opiniões, possam ser exploradas outras fontes que façam referências ao título do cordel, como por exemplo a música do cantor e compositor Ednardo, que pode ser executada em sala. Nessa atividade, na execução da música, pode ser exibido videoclipe legendado ou distribuído cópia da letra entre todos. Ao final da execução, pode-se se fazer uma roda de conversa sobre a letra, relacionando com o título do cordel. Na perspectiva colocada por essa atividade intertextual, deve-se elaborar perguntas que agucem a curiosidade e faça com que os alunos construam hipóteses acerca do tema do cordel. A música, ao fazer alusão a um “pássaro formoso”, será que está se referindo mesmo ao pavão do poema do folheto? O pavão misterioso do folheto de cordel será um pássaro? Esses questionamentos serão construídos no sentido de gerar o debate e propor uma leitura significativa, com a participação efetiva de todos, a partir da curiosidade despertada.

Após essa incursão exploratória, seguindo a sequência didática, pode-se iniciar a leitura do cordel de forma coletiva, ou por grupos alternados, no ritmo dos cantadores, podendo ser acompanhada ao ritmo de palmas. O professor, no processo da leitura irá dando destaques aos objetivos didáticos do currículo, como por exemplo, destacando palavras oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, tempo verbal, etc. Nessa atividade de leitura cantada, pode ser

ainda em forma de jogral, tornando o exercício de ler algo divertido. Pode-se ainda, em outra sequência didática ser sugerido a encenação do texto, a sala sendo dividida em equipes e cada uma encenando determinados trechos da história. Nessa releitura, agora em dupla ou em trio, pede-se aos alunos que destaquem e copiem no caderno palavras que não conheçam ou expressões regionais ou não usuais no cotidiano dos alunos, tais como *capitalista*, *paquete*, *potentado*, *vexaram* e outras, para pesquisa do significado e a construção coletiva de um dicionário. As duplas ou trios exporão aos demais os resultados obtidos. No final da sequência didática deve ser realizada uma roda de conversa sobre o texto, sobre as atividades desenvolvidas e os objetivos alcançados, possibilitando a que os alunos, de forma coletiva se apropriem desses resultados.

3.2.1 Explorando Mapas: a Geografia nas Rimas do Cordel

Da mesma forma, elencando os países percorridos pelas personagens do cordel em foco, podem ser trabalhado temas relacionados com a disciplina de Geografia, explorando em mapas a localização geográfica das principais cidades, as distâncias de uma para a outra e de cada uma para o Brasil. Nos mapas levados à sala de aula, as crianças, ao identificarem a Grécia, a Turquia e o Japão, nações citadas no texto, poderão construir pequenos barquinhos de papel que viajarão pelos mares, identificando qual a viagem mais distante e a mais próxima de um país a outro e por quais mares se navega na rota traçada. Essas atividades devem ser lúdicas e devem propor desafios que permitam a que as crianças mobilizem estratégias que possibilitem internalizar conhecimentos novos.

No Ensino de Geografia, tanto no primeiro como no segundo ciclo, o trabalho com mapas e globos possibilita às crianças se familiarizarem com a leitura cartográfica. Após a localização, cada equipe poderá identificar suas características e, como o autor é paraibano, identificar no mapa ou globo a localização do Brasil e identificar rotas de navegação ou outras possibilidades de ir do Brasil a essas nações. Como a personagem que protagoniza a história viaja, inicialmente, de pacote para o Japão, depois de navio para a Grécia e deste país para a Turquia, sua terra natal, voando em um pavão, podem ser discutidas e desenvolvidas atividades sobre os meios de transportes, já que esse é um tema abordado em Geografia no Ensino Fundamental I.

Como as pessoas se locomovem na atualidade? É de cavalo? Bicicleta, moto, barco, carro, avião? Qual a importância dos transportes para o funcionamento da sociedade e para a vida das pessoas? Os ambientes urbanos sofrem mutações devido ao uso dos meios de transportes? Quais? São perguntas que devem ser instigadas a partir do cotidiano do entorno da escola. Nessa atividade, podem-se usar fotografias antigas e atuais de cidades para que os alunos façam comparações entre o passado e o presente, que meios de transporte se usava e quais se usam hoje. O que mudou nos ambientes? Pode-se também, a partir dos meios de transportes citados no texto, elencar os meios de transportes presentes que já foram usuais em nossa sociedade e que tiveram relevância para o desenvolvimento social e para a vida das pessoas, como, por exemplo, transporte de tração animal.

Os meios de transporte exercem influências nas transformações sociais e alteram as paisagens. Dessa forma, pode-se perguntar: quais as principais mudanças operadas pelo aumento do uso de automóveis na sociedade atual? Afinal o que era mesmo o pavão misterioso do texto? Na perspectiva que era um meio de transporte, qual veículo moderno que guarda semelhança com o pavão misterioso do texto? Essas são algumas estratégias que podem ser desenvolvidas não só com o texto acima citado, mas com qualquer outro cordel, já que o enredo acontece sempre em um espaço social determinado.

3.2.2 O Cordel e a Exploração das Narrativas Históricas

Aspectos do cordel do pavão misterioso podem ser também trabalhados no Ensino de História, pesquisando sempre a partir da curiosidade que devem ser despertadas nas crianças acerca de fatos citados nos textos. Pode-se também trabalhar temas transversais que estão presentes na narrativa, como racismo, questões de gênero e relações de poder presentes no texto e no nosso cotidiano que permitem a existência das mais diversas opressões. Sobre essa questão, explicitam o PCN de História, segundo ciclo:

Na localidade onde as crianças moram, existem problemáticas que só podem ser entendidas na medida em que elas conhecem histórias de outros espaços e de outros tempos: populações que chegam de outros lugares, com outros costumes, outras línguas, outras religiões, em diferentes momentos; êxodos de pessoas de sua coletividade que ocorrem por diferentes razões; completo ou parcial desaparecimento de populações nativas, provocado por questões históricas nacionais e internacionais; modalidades de regime de trabalho e de divisão de riquezas que são comuns, também, em outras localidades e a outros tempos; modos de produção de alimentos intercambiados com

outras populações; comércio de mercadorias realizados com grupos ou empresas instalados fora de sua localidade; modelos de administração pública que são comuns a outras coletividades e estabelecem, com a sua localidade, vínculos de identidade regional ou nacional (organizações municipais, estaduais e federais); lutas sociais de grupos ou classes que extrapolam o âmbito local (partidos políticos, organizações sindicais, organizações ambientalistas, lutas dos sem-teto e dos sem-terra, lutas por direitos das mulheres, das crianças ou da terceira idade); atividades culturais que extrapolam o âmbito local (festas nacionais, festas religiosas, eventos culturais e esportivos); eventos difundidos pelos meios de comunicação, que ocorrem em outras localidades; ou políticas nacionais e regionais, decididas em outros locais, que interferem na dinâmica da sua localidade. (BRASIL, 1997-b, 46)

Dialogando com o acima exposto, diversas situações, a partir da leitura do romance de cordel em questão, podem ser pautadas em sala de aula. Entre elas, a relação de poder exercida pelo pai da moça enclausurada e a situação concreta das opressões de gênero vivenciados na sociedade atual. O pai da moça era um conde e, pelo seu poder econômico, detinha autoridade, sendo o destacamento policial uma das expressões desse poder. Pode, o professor, sugerir a que as crianças identifiquem qual o sistema social em que determinadas pessoas detenham títulos de nobreza no Brasil e no mundo.

O Brasil é República ou Monarquia? Se é República, por que muitas ruas da nossa cidade têm nomes de duques, barões, condes e princesas? Que relação há desses nomes com a nossa vida? Quem foram essas pessoas? Em que época viveram? Qual a relação dessas denominações de vias públicas com a História do Brasil? No entorno da escola, ou na sua comunidade existe alguma rua, cujo nome tem essas características? Como atividade, podem ser pesquisados os nomes das ruas do entorno da escola e o porquê desses nomes. Essas e outras questões podem ser desenvolvidas em uma sequência didática que dê possibilidade do envolvimento, de forma lúdica, das crianças com os fatos históricos da sua comunidade, do Brasil e do mundo.

3.2.3 Cordel e Ciência, Possibilidades Exploratórias a partir do Lúdico

Evangelista, ao chegar à Grécia, é informado que na rua dos operários reside um artista, o doutor Edmundo. Esse “artista” é um engenheiro, uma espécie de inventor, um cientista ao qual é perguntado se poderá fazer um invento que o leve ao topo da torre do palácio em que a moça se encontra presa. Passados seis meses de pesquisas e trabalho árduo, o invento

é concluído. É uma máquina, um avião em formato de pavão, movido a gasolina, com botão automático que o arma e o desarma.

Os homens, para se alimentarem, vestirem-se, terem uma moradia, locomoverem-se, etc. necessitam ter contato com a natureza e transformá-la, de acordo com seus interesses e suas necessidades. O bloco temático recursos tecnológicos, no PCN de Ciências Naturais (BRASIL, 1997-a, p. 41), indica que há uma amplitude de assuntos que permitirão aos alunos ampliarem suas noções acerca das técnicas que servem de mediação entre o ser humano e a natureza. Dessa forma, as possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas são amplas, permitindo a que o professor instigue o diálogo com os outros blocos temáticos, a exemplo de saúde e meio ambiente. Essas atividades, dentro da compreensão da utilidade dos recursos tecnológicos, enquanto meios de interação entre o homem e a natureza, adequar-se-ão ao desenvolvimento cognitivo dos alunos, pois, segundo os PCN,

A partir do segundo ciclo os alunos são capazes de trabalhar com uma variedade de informações progressivamente maiores, generalizações mais abrangentes, aproximando-se dos modelos oferecidos pelas Ciências. Observar, comparar, descrever, narrar, desenhar e perguntar são modos de buscar e organizar informações sobre temas específicos, alvos de investigação pela classe. Tais procedimentos não permitem a aquisição do conhecimento conceitual sobre o tema, mas são recursos para que a dimensão conceitual, a rede de ideias que confere significado ao tema, possa ser trabalhada pelo professor. (BRASIL, 1997-a, p. 57)

Dessa forma, pode o professor desenvolver atividades exploratórias sobre as características da máquina construída por Edmundo. O inventor, em versos citados nesta seção, afirma que sua invenção é um avião em formato de pavão, de alumínio, movido a gasolina, que tem um botão que acionado monta e desmonta a máquina, cheio de luzes e voa a determinada altura, em todas as direções. A partir dessas informações, pode ser sugerido que os alunos desenhem como imaginam que é essa máquina e, a partir de fotografias de aviões e helicópteros, fazer a comparação com o avião em que viaja Evangelista, protagonista da história de *O romance do pavão misterioso*.

3.2.4 Cordel, a Matemática e a Transposição Didática

A multidisciplinaridade no cordel, além de temas transversais, como os citados anteriormente, pode abranger também o ensino de Matemática. Nos anos iniciais do primeiro

ciclo, podem ser trabalhadas a noção de distância (perto/longe), as primeiras aproximações com as noções de valores monetários (trabalhando o conhecimento da moeda nacional e suas subdivisões – os centavos), a noção de divisibilidade (mais e menos), etc. Ao dividir a herança dos irmãos, pode-se trabalhar com material concreto (dinheiro sem valor), vindo as crianças a contar e a dividir o total entre Evangelista e Batista, podendo o professor sugerir outras divisões, como a terça ou a quarta parte.

A mesma atividade pode ser desenvolvida com alunos do segundo ciclo, adaptando aos objetivos programáticos curriculares. As atividades envolvendo exercícios matemáticos, a partir de narrativas como as do cordel trabalhado nessa seção, devem envolver o uso de materiais concretos para que, dessa forma, os alunos venham a internalizar com maior eficácia os conceitos trabalhados. A esse respeito, a professora Juscileide Braga de Castro, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, em posfácio, na quarta capa do nosso folheto de cordel *A história da matemática*, afirma que:

Os documentos oficiais de matemática apontam a importância de propor experiências concretas e diversificadas aos estudantes, de forma a propiciar a transposição dos conceitos estudados para contextos reais, ou seja, vivenciados diariamente. Fazer essa transposição significa explorar a matemática, não de forma artificial e superficial, mas permitindo que adaptem os conceitos aprendidos a novos cenários. (CASTRO, 2017, quarta capa)

Portanto, explorar as possibilidades envolvendo cálculo matemático, contidas no folheto de José Camelo de Melo Resende com o uso de material concreto como orienta Castro, na citação acima, é possibilitar aos educandos o uso dos conceitos internalizados em outros cenários. A transposição didática a que se refere a professora, pode ser exercida tanto na partilha da herança dos irmãos, como no gasto com a viagem, na soma do valor pago pela construção do pavão e até no valor pago por oito meses na hospedaria. O professor, conjuntamente com os alunos, pode hipoteticamente sugerir valores para cada diária do protagonista da narrativa na hospedaria, para a matéria prima utilizada no invento (alumínio, ferro, faróis e outros materiais) e, para cada item desse atribuir um determinado material concreto, como por exemplo, palitos de picolé, tampinhas e outros.

Entendemos, portanto, que a multidisciplinaridade pode ser trabalhada com qualquer texto, no entanto o cordel por ser rimado e ter uma linguagem de fácil compreensão, permite uma maior desenvoltura no desenvolvimento das atividades. Trabalhamos, sucintamente, estratégias metodológicas envolvendo a leitura de *O romance do pavão*

misterioso, mas, qualquer texto de cordel possibilita atividades criativas e ricas em aprendizagens em sala de aula. Nesse sentido, apresentaremos brevemente uma relação de outros cordéis, ao nosso ver, com ricas possibilidades pedagógicas.

3.2.5 Outros Cordéis

A seguir, apresentaremos e analisaremos outros títulos de folhetos de cordéis que possibilitam aprendizagens em atividades no Ensino Fundamental I. Nos catálogos das editoras citadas nesse trabalho, há uma diversidade ampla de folhetos a que podem facilitar as aprendizagens e ajudar aos professores a atingirem seus objetivos didáticos. Nessa perspectiva, entendemos que com criatividade, qualquer texto rimado ficcional ou não permitirá ao professor explorar alternativas e desenvolver atividades, isto, devido ao fato das histórias acontecerem em um local concreto e envolver relações e conflitos entre as personagens que podem ser transpostos didaticamente para os objetivos de ensino-aprendizagem.

Além das indicações de obras, também analisaremos brevemente alguns títulos que tratam especificamente de um determinado tema, como cordéis biográficos, de temas científicos, históricos e adaptações de obras clássicas da literatura e outros.

3.2.5.1 *As Origens do Dia dos Trabalhadores e os Mártires de Chicago*

Cordel de nossa autoria (Cf. NEVES, 2010), publicado em livro pela editora Ensinamento em 2010, conta a história das origens do dia 1º de maio, sua importância para os trabalhadores e a luta pela redução da jornada de trabalho. Em versos simples e diretos, a narrativa começa no século XV, relatando fatos históricos da vida dos trabalhadores têxteis europeus, as condições de trabalho nas fábricas e as jornadas de trabalho excessivas. A história narra também períodos da Idade Média, como as festas de maio, onde os agricultores festejavam a colheita. Com a industrialização, e conseqüente crescimento dos centros urbanos, os trabalhadores saem dos campos e vão vender suas forças de trabalho nas fábricas, transformando assim as festividades de maio pela colheita, em lutas contra o trabalho precário nas fábricas. A narrativa é concluída com a greve acontecida em Chicago em 1886 que originam o dia dos trabalhadores.

Como exposto no item anterior, todas as disciplinas podem ser trabalhadas em um texto de cordel. No título acima citado, além de Português, no exercício da leitura, pode ser explorado em Ciências da natureza o bloco temático “tecnologias”, debatendo acerca do desenvolvimento industrial. Ressaltamos, no entanto, as ricas possibilidades a que esse texto possibilita na disciplina de História ao explorar as origens do feriado do *Dia do trabalhador*, podendo, a partir dessa abordagem despertar a curiosidade dos alunos para que explorem as origens de outras datas históricas presentes no calendário escolar.

3.2.5.2 A Série *Heróis e Rebeldes das Américas*

Caixa com 12 folhetos biográficos (Cf. CABRAL, 2010) em que são narradas a vida e a luta de doze homens e mulheres que lutaram por direitos e que tiveram vidas sacrificadas, vindo a influenciar a história de algumas regiões ou países das Américas. Cada folheto que compõem a coleção foi escrito por um poeta, ou em duplas, sendo estes poetas e poetisas nomes consagrados na poesia de cordel contemporânea.

Na coleção tem biografia de nomes de heróis dos Estados Unidos, como Martin Luther King e Abraão Lincoln, a heróis latinos americanos e mexicanos como Bolívar, Zapata e Che Guevara, passando por heróis nacionais como Zumbi, Tiradentes, Padre Ibiapina, Dragão do Mar e Antônio Conselheiro até os mais recentes, a exemplo de Chico Mendes, sem esquecer Anita Garibaldi, a heroína de nacionalidade brasileira e italiana.

A seguir, os títulos e seus autores: *Antônio Conselheiro, o revolucionário de Canudos* (João Firmino Cabral/ Ronaldo Dória Dantas); *Zumbi dos Palmares* (Fernando Paixão); *Che Guevara, nas trilhas da liberdade* (Lucarocas); *A incrível história de Emiliano Zapata* (Paiva Neves); *Chico Mendes, o defensor da floresta* (Horácio Custódio de Sousa); *Anita Garibaldi, heroína em dois continentes* (Evaristo Geraldo da Silva); *Simón Bolívar, o libertador da América* (Jorge Furtado); *Martin Luther King, símbolo de liberdade e igualdade das américas* (Vânia Freitas/Geraldo Carvalho Frota); *Abraão Lincoln, o inesquecível presidente dos Estados Unidos* (Guaiquan Vieira); *Padre Ibiapina, o apóstolo do Nordeste* (Aldo Viana); *Tiradentes, um sonho de liberdade* (Zé Maria de Fortaleza/ Arievaldo Vianna) e *Dragão do Mar, herói da Terra da Luz* (Klévisson Viana).

Esses títulos enquadram-se no ciclo dos folhetos de circunstâncias, ou de acontecidos, no entanto como são narrativas históricas, com foco na vida de vultos que por seus feitos tornaram-se heróis, consideramos como cordéis biográficos. Dessa forma, são textos, por suas características, que tanto podem ser usados em disciplinas de História, como de Geografia. Quem é a personalidade a que se refere a história? Em que época viveu? O que fez? Em que resultou sua luta? Onde aconteceu? São perguntas que instigam o debate e desperta a curiosidade dos alunos, levando-os a uma leitura significativa. São textos de uso adequado ao segundo ciclo das disciplinas de História e Geografia e que, com criatividade, possibilita atividades interessantes, agregadoras de conhecimentos novos.

3.2.5.3 A Série *Contos de Fada em Cordel*

Essa coleção, de autoria do poeta e professor de literatura Stélio Torquato Lima (Cf. LIMA, 2017-a), é formada por dez folhetos de cordel, com adaptações de contos de fadas clássicos. Segundo Bruno Bettelheim (BETTELHEIM, 2014, p. 11) “nada é tão enriquecedor e satisfatório, seja para a criança, seja para o adulto do que o conto de fada popular”, dessa forma essa a coleção *Contos de fadas em cordel* é uma leitura prazerosa, gratificante e proporcionará boas atividades de ensino-aprendizagem. Compõe a coleção, os seguintes títulos: *A bela e a fera*, *Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*, *João e Maria*, *João e o pé de feijão*, *O gato de botas*, *Os três porquinhos*, *Rapunzel* e *Rumpelstiltskin*.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, período em que os alunos estão em processo de alfabetização, é importante que lhes sejam apresentados diversos portadores de textos e diversos gêneros textuais. Segundo Soares (2016), nesse período há grande identificação das crianças com a repetição de sons manifestado na rima. Nesse sentido, sendo o cordel um gênero textual com forte presença da rima em sua estrutura, essa coleção, a exemplo de outros textos, incluindo os citados no corpo desse trabalho, adequa-se a esse propósito. Portanto, essa coleção, pelo seu teor lúdico, é leitura ideal para as atividades de práticas de alfabetização, no primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

3.2.5.4 A História do Mundo em 100 Estrofes de Cordel

Como afirma o título, esse folheto faz uma síntese da história do mundo em cem estrofes de seis versos, de autoria do professor Luís Távora Furtado Ribeiro (Cf. RIBEIRO, 2018). Sabemos que a história da aventura humana na Terra não é possível de ser narrada em um único livro, por mais profundo que seja, no entanto, essa versão em folheto de cordel é um convite a ludicidade, passível de despertar no aluno o convite a outras leituras. Nesses seiscentos versos, distribuídos em uma centena de sextilhas, o poeta discorre, em versos rimados, acerca da história antiga e moderna, citando obras literárias e arte em geral, sem esquecer fatos da história regional.

Essa leitura é aconselhável aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental I, por ser uma leitura feita em retalhos, em fatias históricas, chegando mesmo, em apenas dois versos de uma única estrofe, a resumir um feito histórico, como nos versos a seguir: “Revolta de marinheiros, /Contra castigos cruéis. /Teve Balaios Cabanos, /Enfrentado coronéis. /Os Farrapos lutadores/ Desde os tempos do “mil-réis.” (RIBEIRO, 2018, p. 15)

Pela sua abrangência temática, entendemos que esse cordel é adequado para atividades de aprendizagens nas disciplinas de História, Geografia e também para debates em torno de questões transversais. Pela sua diversidade, pode o professor propor o desenvolvimento de atividades que englobem construção de mapas, pesquisas em torno das personagens e fatos históricos apresentados e, ainda a comparação de algumas situações históricas com problemas do cotidiano, podendo ser usado em disciplinas de História e Geografia.

3.2.5.5 *Ilíada, Odisseia e Eneida*

Essas três obras literárias que nos remete ao nascedouro da arte de narrar poeticamente, escritas no período clássico, ganharam versão em cordel pela poética do professor de literatura e poeta Stélio Torquato Lima e compõe a primeira série de cordéis que compõem a coleção *Obras clássicas em cordel* (Cf. LIMA, 2017-b). Em nossa compreensão, são cordéis que se adequam como material paradidático a ser usado no quarto e quinto ano do Ensino Fundamental.

É esse o período escolar em que o jovem, a depender da significância que tenha o texto, tornar-se-á leitor. Nesse sentido, as obras acima citadas, pelo aspecto de encantamento e o clima de aventura vivenciadas pelas personagens, será um atrativo aos leitores iniciantes. A partir dessas leituras, poderão os professores explorarem temas históricos, geográficos, sem contar as atividades que envolva aprendizagens de Língua Portuguesa.

Como citado repetidas vezes, aqui no corpo desse trabalho, o cordel brasileiro tem temática vasta e diversificada, possibilitando seu uso como instrumento didático em todas as disciplinas e para todos os objetivos de ensino. Os textos aqui citados, são somente para fins de discussão e reflexão a que se propôs essa pesquisa, ficando os professores desafiados a buscarem os catálogos de editoras especializadas, sites e acervos sobre o gênero para possibilitarem aos seus alunos o contato com esse rico e inesgotável patrimônio cultural da humanidade, do Brasil e, em especial, do Nordeste brasileiro.

Fica, portanto, a contribuição proposta por esse trabalho, resultante de pesquisa por nós desenvolvida visando a que o cordel, enquanto gênero literário e presente na construção da nossa identidade, venha a ser usado por professores e professoras no cotidiano das aprendizagens das práticas escolares. Reafirmamos ainda, ancorado em aportes teóricos dos autores aqui citados, que os cordéis, tantos os citados nesse trabalho como outros, constituem-se em excelente suporte didático-pedagógico nas atividades de sala de aula em todas as disciplinas do Ensino Fundamental I.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de balanço final de nossa pesquisa, podemos afirmar que o cordel é um gênero de narrativa popular em versos, a qual se constitui da mais rica e genuína expressão literária do nosso povo. Em termos estruturais, essa forma poética se apresenta em estrofes de quatro, seis, sete ou dez versos. Seu metro mais frequente é a redondilha maior, assim denominado os versos com sete sílabas poéticas. Traz ainda a rima soante como uma de suas mais fortes características.

A tradição de literatura popular impressa em folhetos remonta ao século XV, em países como Alemanha, Holanda, Inglaterra e países da Península Ibérica, sendo desses últimos, especificamente França, Espanha e Portugal os que influenciaram os padrões estéticos do cordel brasileiro. Essa poesia, que reunia versões de contos populares, adaptações de obras clássicas ou o relato de fatos históricos ou corriqueiros, era decorada e reproduzida oralmente pelo povo, uma vez que a ex-metrópole proibia a introdução de máquinas tipográficas na colônia. Só a partir de 1808, com a chegada da Família Real ao Brasil, criaram-se as condições para que o gênero viesse a ser impresso em folhetos, o que só veio a ocorrer na segunda metade do século XIX.

Por reunir um parque gráfico expressivo e ter desenvolvido uma cultura literária e artística pujante, Recife veio a ser tornar o local de nascimento da literatura de folhetos no Brasil. Para o desenvolvimento dessa literatura, alguns nomes foram particularmente importantes, como os poetas Leandro Gomes de Barros, considerado o pai do cordel, e João Martins de Athayde, que veio a ser o responsável por estruturar a rede de comercialização dos folhetos, sendo o maior editor de folheto de seu tempo.

O cordel, denominado até finais dos anos 60 do século passado de romance, folheto ou simplesmente verso, era inicialmente produzido em pequenas tipografias e distribuído pelos próprios poetas, geralmente em papel jornal e escrito com linguagem simples e direta, sendo encontrado em quase todas as feiras nordestinas. Essa expressão literária de feição popular foi durante décadas um importantíssimo portador de cultura escrita a que o povo tinha acesso, vindo a se transformar em relevante instrumento de letramento e alfabetização da população rural e das zonas mais carentes das áreas urbanas.

No transcurso da década de 70 do século XX, pesquisadores do campo da Psicogenética passam a investigar o processo de aprendizagem da escrita, focando seus esforços investigativos na compreensão das estratégias que as crianças usam para aprender e como elas aprendem. Dessa forma, chega-se à conclusão que o letramento, etapa anterior à alfabetização, dá-se pelo contato da criança com a cultura letrada, pela interação com elementos dessa cultura e que a rima e a aliteração, pela repetição de sons iguais permite adquirir a consciência fonêmica, que possibilita a evolução para a aprendizagem da língua escrita.

Conclui-se, portanto, que o cordel se constitui em eficaz instrumento alfabetizador, devendo ser, como gênero literário que é, material pedagógico de uso indispensável no ambiente de aprendizagem. Além do seu uso no processo de alfabetização e nas práticas iniciais de leitura, o cordel, pelo teor lúdico e a diversidade temática pode ser usado pedagogicamente, de forma multidisciplinar, em todos os níveis da educação básica. Dessa forma, suas potencialidades didáticas podem ser exploradas nas mais variadas disciplinas constituintes do currículo escolar, como mostramos aqui, tendo como foco a Língua Portuguesa, a Matemática, a História, a Geografia, as Ciências da Natureza e os Temas Transversais.

As metodologias que aqui apresentamos, longe de se constituírem em camisas-de-força, devem ser entendidas como sugestões, as quais devem ser ajustadas a cada contexto educativo. Ademais, devem ser vistas aqui como incentivo para os educadores pensarem outros caminhos, afirmando assim a condição do cordel como legítimo e gracioso recurso didático-pedagógico nas práticas escolares.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, Manoel. *Rufino, o rei do barulho*. São Paulo: Luzeiro, 1966.
- ALVES SOBRINHO, José. *Cantadores, repentistas e poetas populares*. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- ANDERSEN, Hans Christian. Notas para meus “Contos de fadas e histórias ligeiras” (Prefácio de 1862). In. *Histórias e contos de fadas: obra completa*. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Vila Rica, 1996.
- AREDA, Francisco Sales. Os três irmãos caçadores e o macaco da montanha. In. FARIAS, Marco Haurélio (Org.). *Antologia do cordel brasileiro*. São Paulo: Global, 2012, p. 73-90.
- ASSARÉ, Patativa. *Cante lá que eu canto cá*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- AZEVEDO, Rafael Sânzio de. *Para uma teoria do verso*. Fortaleza: UFC, 1997.
- BARROS, Leandro Gomes. *A seca do Ceará*, s.d. (Versão eletrônica do texto disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=21397> Acesso em 26/04/2018).
- _____. Batalha de Oliveiros com Ferrabrás. In: SILVA, Gonçalo Ferreira da. (Org.). *100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Mossoró: Queima-Bucha, 2008, p. 70-75.
- _____. *O dinheiro ou o testamento do cachorro*. Fortaleza: Flor da Serra, 2016-a.
- _____. *O soldado jogador*. Fortaleza: Flor da Serra, 2016-b.
- BATISTA, Sebastião Nunes. Da popularização de textos eruditos na literatura de cordel. In. CEARÁ, Governo do Estado. *A literatura popular em questão*. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará/Secretaria de Cultura e Desporto, 1982. p. 57-96.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e terra, 2014.
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão*. Brasília, DF: MEC/Conselho Nacional de Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013. (Versão eletrônica disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17212-diretrizes-curriculares-nacionais-para-educacao-basica-diversidade-e-inclusao-2013&category_slug=marco-2015-pdf&Itemid=30192> Acesso em 22/04/2018).
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais*. Brasília, DF: MEC, 1997-a (versão eletrônica disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em 19/05/2018).
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia e História*. Brasília, DF: MEC, 1997-b (versão eletrônica disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em 19/05/2018).
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, DF: MEC, 1997-c. (Versão eletrônica disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em 22/04/2018).
- CABRAL, João Firmino et al. *Heróis e Rebeldes das Américas*. Fortaleza: Tupynanquim, 2010. (Caixa contendo 12 folhetos com a biografia de grandes vultos da História das Américas).

- CANDIDO, Antônio. O direito da literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Global, 2004.
- _____. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1984.
- CASTRO, Juscilde Braga de. A história da matemática em cordel. In: NEVES, Paiva. *A história da matemática*. Fortaleza: Flor da Serra, 2017 (Texto inserido na 4ª capa do folheto).
- CAVIGNAC, Julie. *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral*. Trad. Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2006.
- DOLZ, Joaquim. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 125-155.
- EDNARDO. *Pavão misterioso*. Letra da canção disponível em <https://www.lettras.mus.br/ednardo/45611/>, acesso em 27/05/2018.
- FARIAS, Marco Haurélio. *Breve história da literatura de cordel*. São Paulo: Claridade, 2010-a.
- _____. Temáticas e características da literatura de cordel. In: *Literatura de cordel na escola*. Ano XX, Boletim 16, outubro 2010(-b). Programa Salto para o Futuro, TV Escola. Disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015231.pdf>. Acesso em 07/03/2018.
- _____; SÁ, João Gomes de. *O cordel: sua história, seus valores*. São Paulo: Luzeiro, 2011.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Aula vídeo “A literatura de cordel”. Projeto Livro Livre. Série em áudio Tome Ciência, 2013, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IKoCjis7Zo8>. Acesso em 23 de abril 2018.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Trad. Diana M. Linchestein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- FREIRE, Paulo. A Importância do ato de ler. In: _____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)*. Belo Horizonte: Biblioteca Digital UFMG, 2000. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-84NPAE>. Acesso em 27/01/2018.
- HEYSE, Paul. A imperatriz de Spinetta. In: HOLANDA, Aurélio Buarque de (Org.). *Contos clássicos universais – contos alemães*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Ronai. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966, p. 101-127.
- HOLANDA, Arlene; RINARÉ, Rouxinol do. *Cordel: criar, rimar e letrar*. Fortaleza: IMEPH, 2009.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LIMA, Stélio Torquato. *Contos de fada em cordel*. Fortaleza: Flor da Serra, 2017-a. (Caixa contendo 10 folhetos com versões de contos de fada para o cordel).

_____. *Obras clássicas em cordel*. v. 01. Fortaleza: Flor da Serra, 2017-b. (Caixa contendo 10 folhetos com versões de obras-primas da literatura universal para o cordel).

_____. Os PCN e as potencialidades didático-pedagógicas do cordel. In: *Revista Acta Scientiarum: Education*, v. 35, n. 1. Maringá, PR, Jan.-Jun., 2013, p. 133-139. (Versão eletrônica do texto disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19897/1/2013_art_stlima.pdf> Acesso em 22 de abril de 2018).

_____. Verbetes “Literatura”. Fortaleza: UFC/PósLetras, s.d. mimeo.

LUCIANO, Aderaldo. *Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro*. Rio de Janeiro: Adaga; São Paulo: Luzeiro, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência humana*. Salvador, Universidade Federal da Bahia/Faculdade de Educação/PPGE/GEPEL. 2002. (Versão eletrônica disponível em: <<https://www.google.com.br/search?ei=CMzdWuGmDca3wA>> Acesso em 23 de abril de 2018).

MACHADO, Regina. *A arte da palavra e da escuta*. São Paulo: Reviravolta, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In.: Dionísio, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 21 -34.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

MATOS, Edilene. Literatura de cordel: poética, corpo e voz. In. MENDES, Simone (Org.). *cordel das gerais: oralidade, mídia e produção de sentidos*. Fortaleza: Expressão, 2010. p. 15-28.

MAXADO, Franklin. *O que é cordel na literatura popular*. Mossoró: Queima-Bucha, 2012.

MELO, Veríssimo de. Literatura de cordel: visão história e aspectos principais. In LOPES, Ribamar. (Org.). *Literatura de cordel: antologia*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982, p. 7-50.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa I*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

NEVES, Paiva. *A história das plantas*. Fortaleza: Flor da Serra, 2018.

_____. *As origens do dia do trabalhador e os mártires de Chicago*. Brasília: Ensino, 2010.

OLIVEIRA, Carlos Jorge Dantas de. *História da literatura de cordel: período de formação*. Fortaleza: FGF, 2015.

OLIVEIRA, Débora Motta de. *Jornalismo-arte na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2007.

PEREIRA SOBRINHO, Manoel. No tempo em que os bichos falavam. In. FARIAS, Marco Haurélio (Org.). *Antologia do cordel brasileiro*. São Paulo: Global, 2012, p. 91-104.

PONDÉ, Gloria Maria Fialho. Poesia e folclore para criança. In. ZILBERMAN, Regina. (Org.). *A produção cultural para a criança*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p. 117-146.

RESENDE, José Camelo de Melo. As grandes aventuras de Armando e Rosa, conhecidos por Coco Verde e Melancia. In: LOPES, Ribamar (Org.). *Literatura de cordel*: antologia. Fortaleza: BNB, 1982, p. 355-387.

_____. Romance do pavão misterioso. In: SILVA, Gonçalo Ferreira da. (Org.). *100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Mossoró: Queima-Bucha, 2008, p. 211-215.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. *História do mundo em 100 estrofes de cordel*. Fortaleza: Flor da Serra, 2018.

ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

SIMPATIA, Tião. *O cordel e suas origens*. Fortaleza: Flor da Serra, 2017.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão do método*. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. *Alfabetização e letramento: língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas*. São Paulo: Contexto, 2003.

TARDIF, Maurice. Os gregos antigos e a fundação da tradição educativa ocidental. In: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (Org.). *A Pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias*. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 25-60.

TAVARES, Bráulio. *Arte e ciência da cantoria de viola, v. 1*. Recife: Bagaço, 2016.

VIANNA, Arievaldo. *Entrevista a Francisco Paiva das Neves*. Caucaia: Fortaleza, 15 maio de 2018.

_____. *Leandro Gomes de Barros: o mestre da literatura de cordel – vida e obra*. Fortaleza: Fundação SINTAF; Mossoró: Queima Bucha. 2014.

_____. *Literatura de cordel na escola*. Ano XX, Boletim 16, outubro 2010. Programa Salto para o Futuro, TV Escola. Disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015231.pdf>. Acesso em 07/03/2018.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (Org.). Trad. José Cipola Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.